



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: MÍDIA, COTIDIANO E IMAGINÁRIO**

**ANTAGONISMO E PROTAGONISMO SOCIAL:
A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS
NO TELEJORNALISMO POLICIAL DA PARAÍBA**

ADRIANO FLORENCIO

**JOÃO PESSOA – PB
FEVEREIRO DE 2020**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: MÍDIA, COTIDIANO E IMAGINÁRIO**

**ANTAGONISMO E PROTAGONISMO SOCIAL: A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS
HUMANOS NO TELEJORNALISMO POLICIAL DA PARAÍBA**

ADRIANO FLORENCIO

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do título de Mestre em
Comunicação, da Universidade Federal da
Paraíba/UFPB. Sob orientação da
Professora Dr^a. Caroline Delevati Colpo.

**JOÃO PESSOA – PB
FEVEREIRO DE 2020**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586a FLORENCIO, Adriano.

ANTAGONISMO E PROTAGONISMO SOCIAL: A VIOLAÇÃO DOS
DIREITOS HUMANOS NO TELEJORNALISMO POLICIAL DA PARAÍBA
/ Adriano Florencio de Lima Silva. - João Pessoa, 2020. 114 f.

Orientação: Caroline Devalti Colpo.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Telejornalismo. 2. Racismo. 3. Telejornalismo
policial. 4. Direitos Humanos. 5. Análise do discurso.
I Colpo, Caroline Devalti. II. Título.

UFPB/BC



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURAS MIDIÁTICAS

ATA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO ALUNO

ADRIANO FLORÊNCIO DE LIMA SILVA

Aos onze dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às quatorze horas e trinta minutos, realizou-se no Auditório do DEMID, a sessão pública de defesa da Dissertação intitulada: “ANTAGONISMO E PROTAGONISMO SOCIAL: A violação dos direitos humanos no telejornalismo policial da Paraíba”, apresentada pelo aluno **ADRIANO FLORÊNCIO DE LIMA SILVA**, Bacharel em Comunicação Social, Rádio e TV pela Universidade Federal de Pernambuco, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRE EM COMUNICAÇÃO, área de Concentração em Mídia, Cotidiana e Imaginário, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Thiago Pereira Falcão, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. A Profa. Dra. Caroline Delevati Colpo (PPGC/UFPB), na qualidade de orientadora, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os Professores Doutores Edvaldo Carvalho (UFPB) e Laerte Cerqueira (UFPB). Dando início aos trabalhos, a Senhora Presidente Profa. Dra. Caroline Delevati Colpo convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida foi concedida a palavra ao mestrando para apresentar uma síntese de sua Dissertação e, posteriormente a apresentação, foi argüido pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, à qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADO. Proclamados os resultados pela Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e para constar eu, Profa. Dra. Caroline Delevati Colpo (Secretária ad hoc) lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 11 de fevereiro de 2020.

Prof. Dr. Laerte Cerqueira

Prof. Dr. Edvaldo Carvalho

Profa. Dra. Caroline Delevati Colpo

Presidente da Banca

DE ACORDO COM
O ORIGINAL



João Victor Ximenes

ADRIANO FLORENCIO DE LIMA SILVA

**ANTAGONISMO E PROTAGONISMO SOCIAL: a violação dos Direitos Humanos
no telejornalismo policial da Paraíba**

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do título de Mestre em
Comunicação, da Universidade Federal da
Paraíba/UFPB. Sob orientação da
Professora Dr^a. Caroline Delevati Colpo.

Aprovado em: 11/ 02/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Caroline Delevati Colpo (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Edvaldo Carvalho (Examinador Interno)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Laerte Cerqueira (Examinador Externo)
Universidade Estadual da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Durante a difícil empreitada que é um curso de mestrado diversas pessoas atravessam o meu caminho, algumas me marcam de forma tão positiva que se torna extremamente difícil não expressar minha imensa gratidão pelo apoio recebido.

Entre essas pessoas que tanto me ajudaram gostaria de nomear; Professor Alberto Pessoa, mesmo que por um curto período de tempo, mas de extrema importância para maturação e consolidação das ideias imprimidas aqui. O Professor Marcos Nicolau, este a quem tenho como principal mentor na construção do trabalho, pois gentilmente me acolheu e recepcionou o meu trabalho me dando subsídios para a construção da espinha dorsal da dissertação no momento mais difícil que atravessei no curso.

Agradeço imensamente ao Professor Felipe Brasileiro, pela paciência e compreensão, sua orientação foi essencial para que na qualificação e defesa eu pudesse atingir o resultado esperado. Por fim agradeço também a Professora Caroline Colpo que me acompanhou no momento final da dissertação, a todos esses citados tenham a certeza que guardarei todos os ensinamentos não só em minha memória, mas também no meu coração. Muitíssimo obrigado.

Agradecimento especial e dedicatória a conclusão dessa dissertação a minha esposa, Jacira Regina, que me acompanha, apoia e suporta minha loucuras, me dando sustentação moral e emocional suficientes para que eu pudesse chegar ao objetivo final, até aqui a caminhada tem sido árdua e eu não teria superado esse desafio se não contasse com o seu apoio, esse trabalho foi escrito a quatro mãos, pois sem você ele não teria razão de ser feito.

RESUMO

Esta Dissertação está direcionada para o estudo do telejornalismo policial, seus enunciados e perspectivas, especificamente, sobre como, quando e se ocorrem violações aos Direitos Humanos; em especial as que ocorrem relacionadas a grupos minoritários (negros), que são apresentados e entrevistados dentro desse processo comunicativo. O estudo tem o intuito de demonstrar se existe um perfil tendencioso à falta de respeito com a dignidade humana e reverberação de discursos de ódio nas falas de apresentadores e repórteres da mídia televisiva paraibana, em especial aqueles que trabalham com telejornalismo policial. Levando em consideração que a atuação do telejornalismo pode incidir sobre a construção social da realidade do seu público, analisamos os programas, a fim de apontar que implicações podem surgir após essa interação com a sociedade. Para isso, tomamos o cuidado de analisar cada reportagem e chamadas que foram veiculadas nos três programas de maior audiência na Região Metropolitana da cidade de João Pessoa, veiculados em um período de cinco meses, mesmo que por muitas vezes as peças televisivas que tratam desse tema apresentem os mesmos casos, porém cada uma com a sua abordagem peculiar. Discutimos, assim, o modo de exposição desses antagonismos e protagonismos sociais, criados pela mídia televisiva e como eles são abordados, usando como ferramentas analíticas, as Teorias do Jornalismo e a Análise do Discurso.

Palavras-chave: Telejornalismo; Racismo; Telejornalismo policial; Direitos Humanos; Análise do Discurso.

ABSTRACT

This Dissertation is directed to the study of police television news, its statements and perspectives, specifically, on how, when and if human rights violations occur; especially those that occur related to minority groups (blacks), who are presented and interviewed within this communicative process. The study aims to demonstrate whether there is a profile biased towards the lack of respect for human dignity and the reverberation of hate speech in the speeches of presenters and reporters from the Paraíba television media, especially those who work with police television news. Taking into account that the role of television news can affect the social construction of the reality of its audience, we analyzed the programs, in order to point out what implications may arise after this interaction with society. To this end, we take care to analyze each report and calls that were broadcast on the three most watched programs in the Metropolitan Region of the city of João Pessoa, broadcast over a period of five months, even if the television plays that deal with this theme are often used present the same cases, but each with its own peculiar approach. Thus, we discuss the way in which these antagonisms and social protagonisms are exposed, created by television media and how they are approached, using the Theories of Journalism and Discourse Analysis as analytical tools.

Keywords: Telejournalism; Racism; Police television news; Human rights; Speech analysis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. PROCEDIMENTOS	
METODOLÓGICOS.....	18
2.1 CAMPO SOCIAL.....	19
2.1.1 Os programas analisados: uma breve apresentação.....	20
2.1.1.1 Programa Cidade em ação: TV Arapuã.....	20
2.1.1.2 Programa Correio verdade: TV Correio.....	21
2.1.1.3 Programa Fala cidade: TV Manaíra.....	22
2.2 MÉTODOS DE COLETAS E ANÁLISE DE DADOS.....	22
3 A ANÁLISE DISCURSIVA.....	24
3.1 O poder multidisciplinar: A subjetividade em ação.....	25
4. A TELEVISÃO NO BRASIL: DA CHEGADA À SOLIDIFICAÇÃO.....	26
4.1 O TELEJORNALISMO NO BRASIL.....	28
4.2 O TELEJORNALISMO NA PARAÍBA.....	31
4.3 O TELEJORNALISMO POLICIAL.....	32
4.3.1 O aqui agora.....	32
4.3.2 Cidade alerta.....	32
4.3.3 Brasil urgente.....	33
4.3.4 A herança do estilo.....	33
5. TEORIAS DO JORNALISMO E O FAZER TELEJORNALÍSTICO COMO	
IMPLEMENTAÇÃO DE UM ESTILO.....	36
5.1 A INDÚSTRIA DA INFORMAÇÃO À SERVIÇO DA	
DESINFORMAÇÃO?.....	40
5.2 ESTILO TELEVISIVO: UMA REALIDADE NA PRODUÇÃO DO TELEJORNALISMO	
POLICIAL.....	43
5.3 TELEJORNALISMO POLICIAL FIDELIZADOR: QUANDO A MARCA DITA A	
REGRA.....	45
5.4 ESTILO TELEVISIVO: O TELEJORNALISMO POLICIAL DENTRO DE UMA	
ESTRATÉGIA DE FIDELIZAÇÃO DO PÚBLICO POR MEIO DA POLÊMICA	46

5.4.1 Como funciona o estilo televisivo do telejornalismo policial?	51
6. DISCUSSÃO PRELIMINAR	61
6.1 ANÁLISES	61
6.1.1 Primeiro caso - Reportagem: greve dos caminhoneiros (Programa Cidade em ação – TV Arapuã)	63
6.1.2 Segundo caso - Reportagem: Mulher é presa e menor apreendida com meio quilo de crack no Varadouro (Programa Cidade em ação – TV Arapuã)	66
6.1.3 Terceiro caso - Reportagem: Julgamento sobre o assassinato de Erica Vanessa (Programa Cidade em ação – TV Arapuã)	75
6.1.4 Quarto caso - Reportagem: Mãe de soldado morto diz que estamos criando bandidos (Programa Fala cidade – TV Manaíra)	79
6.1.5 Quinto caso - Reportagem: dois homens que estavam assaltando foram atropelados quando abordavam uma mulher (Programa Fala cidade – TV Manaíra)	83
6.1.6 Sexto caso - Reportagem: Morreu no hospital de trauma o homem atropelado quando assaltava uma mulher (Programa Fala cidade – TV Manaíra)	87
6.1.7 Sétimo caso - Reportagem: Preso suspeito de atirar e matar gerente de posto em assalto na capital. (Programa Correio verdade TV Correio)	89
6.1.8 Oitavo caso - Reportagem: Policial militar é morto ao tentar evitar assalto. (Programa Correio verdade TV Correio)	96
6.1.9 Nono caso - Reportagem: Corpo de sargento dos bombeiros é enterrado em Cabedelo com honras militares. (Programa Correio verdade TV Correio)	101
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	113

LISTA DE FIGURAS

Figura A: Função Simbólica Programa Fala cidade.....	55
Figura B: Função Simbólica Programa Correio verdade.....	56
Figura C: Função Simbólica Programa Cidade em ação.....	57
Figura D: Função Decorativa Programa Cidade em ação.....	58
Figura E: Função Decorativa Programa Correio verdade.....	59
Figura F: Função Decorativa Programa Fala cidade.....	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Quantidade de programas capturados programa Cidade em ação.....	21
Quadro 02: Quantidade de programas capturados programa Fala cidade.....	21
Quadro 03: Quantidade de programas capturados programa Correio verdade.....	22
Quadro 04: Telejornais das grandes redes de televisão.....	29
Quadro 05: Quantitativo de horas dos telejornais policiais locais.....	35
Quadro 06: Função denotativa programa Cidade em ação.....	52
Quadro 07: Função expressiva Programa Fala cidade.....	53
Quadro 08: Transcrição discurso programa Cidade e ação dia 24 de maio de 2018.....	63
Quadro 09: Transcrição programa Cidade em ação dia 05 de junho de 2018.....	67
Quadro 10: Transcrição programa Cidade em ação dia 09 de agosto de 2018.....	76
Quadro 11: Transcrição programa Fala cidade dia 02 de julho de 2018.....	79
Quadro 12: Transcrição programa Fala cidade dia 09 de julho de 2018.....	84
Quadro 13: Transcrição programa Fala cidade dia 10 de julho de 2018.....	88
Quadro 14: Transcrição programa Correio verdade dia 31 de maio de 2018.....	90
Quadro 15: Transcrição discurso programa Correio verdade dia 02 de julho de 2018.....	96
Quadro 16: Transcrição discurso programa Correio verdade dia 30 de agosto de 2018....	102

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, o Telejornalismo é produzido de maneira profissional há mais de 7 (sete) décadas. Ao longo desse tempo de criação efetiva é natural que tenham surgido pesquisas com a pretensão de evidenciar os problemas diversos aos quais uma produção qualitativamente satisfatória possa enfrentar.

Indagar a que caminhos as elaborações e produtos de comunicação se dirigem é premissa básica dos estudantes e pesquisadores de obras midiáticas, como, por exemplo, as dinâmicas e os efeitos das criações televisuais.

É importante observarmos o que já fora analisado por Vizeu e Alves (2017) nos chamando a atenção para observar que ao longo do tempo a produção televisiva se engajou em realizar um jornalismo de serviços, pautado em mostrar o cidadão e as vivências cotidianas da sua localidade, habitação e trânsito. Contudo, usando como filtro apenas um olhar, o do jornalista, que de certa forma acaba limitando a visão crítica do espectador.

Essa limitação da visão crítica do espectador também é observada por Rancière (2012), pois a ele isso caracteriza uma incapacidade de agir sobre aquilo que é visualizado, assim como não confere total conhecimento de como aquele produto foi construído, pois:

[...] é um mal ser espectador, por duas razões. Primeiramente, olhar é o contrário de conhecer. O espectador mantém-se diante de uma aparência ignorando o processo de produção dessa aparência ou a realidade por ela encoberta. Em segundo lugar é o contrário de agir. O espectador fica imóvel em seu lugar, passivo. Ser espectador é estar separado ao mesmo tempo da capacidade de conhecer e do poder de agir (RANCIÈRE, 2012, p. 08).

Essa perspectiva citada é de suma importância para que se perceba que mesmo com as diversas tentativas e experimentações de gerar interatividade no telejornalismo, principalmente após o advento das mídias sociais, o espectador ainda é submetido a uma certa medida de passividade frente ao gênero televisivo, pois a ele são negadas diversas informações que são preponderantes no processo de geração de notícias, como, por exemplo, as fontes informacionais estabelecidas a partir de uma perspectiva pessoal do jornalista. O espectador, portanto, é por muitas vezes leigo a esse processo, o que aumenta ainda mais a responsabilidade no papel do jornalista e no trato de sua atuação profissional.

Vizeu (2009), considera que a prática do jornalismo implica certas especificidades que liga um trabalho responsivo, ético e compromissado com as pessoas que se prestam a

assistir a esse determinado gênero televisivo, o que nos leva a acreditar que o telejornalismo detém uma função pedagógica, devendo primar pelo auxílio da compreensão do mundo, sendo assim, uma produção de referência, tornando-se parte essencial do dia-dia da população local.

É com base nessas considerações que construímos o nosso objeto de estudo. Uma investigação voltada à compreensão da estrutura e particularidades da produção do telejornalismo local, em específico o telejornalismo policial, pois seria ele uma produção que tende a ficar mais próxima dos espectadores, até mesmo por razões basicamente geográficas, contribuindo relevantemente com parcelas da construção social da realidade, fomentando até mesmo as crises nas identificações de sentido nas relações e estruturas de vivência, utilizando para tal um estilo televisivo que lhe é próprio e largamente utilizado a seu favor.

Em tempos de consumo líquido¹, e com a velocidade de remodelagem social a fim de se adequar aos padrões impostos pelas diversas camadas da coletividade, os programas que deveriam prestar serviços em torno de uma comunicação de fatos acabam por incorrer e empurrar os sujeitos para um único caminho de percepção e interpretação da sociedade.

Tendo em vista que atualmente a informação circula também como produto ou mercadoria, sabendo que “a economia, cultura, a sociedade e as cidades são ‘moldadas’ dentro das regras do campo do telejornalismo” (VIZEU 2007, p. 02), assimilamos então que a produção de notícias jornalísticas assume também uma postura “líquida”, uma vez que essa liquidez acaba por sugerir uma produção seriada, a fim de atender interesses de mercado.

Tal persecução temática também pode ser vista em Lévy (2003, p.132), quando discorre sobre as questões das identidades, sua formação, consecução e solidificação. O autor remonta o argumento de que “como foi enfatizado por toda uma literatura sociológica, e bastante explorado pela publicidade, o consumo serve para construção da identidade bem mais do que para a satisfação de ‘necessidades’ anteriores”.

Tomando essa colocação como referência, partiremos rumo ao esclarecimento de um entendimento ainda prematuro, que é o de perceber o modo com que esse consumo – que ratifica a construção da identidade e por que não dizer que também interfere na construção social da realidade assumindo um papel de saciador de necessidades informacionais do público e do ego e pretensões de lucro de apresentadores, repórteres e

¹ Zygmunt Bauman é o autor que trata da modernidade líquida, em sua obra *A cultura no mundo líquido* (2013) ele também relaciona o estado atual da sociedade como uma sociedade de consumidores.

donos de emissoras televisivas – entendemos então que o telejornalismo policial também atua como ferramenta de pregação dos discursos do ódio, reforçando estereótipos (principalmente os raciais) ferindo aspectos legais que atingem a dignidade da pessoa humana.

A fim de delimitarmos essa problemática, lançamos mão de uma questão norteadora para a realização da investigação, a saber – Como os estereótipos raciais são construídos e reverberados socialmente pelos programas policiais produzidos em televisão local dentro do estado da Paraíba?

A cerca dessa construção midiática devemos entender que a perspectiva histórica já nos mostra o quão os negros veem sendo retratados na mídia, para reforço de nossa ideia evocamos Conceição (1998, p. 158), quando diz: “Entretanto, paralelamente a retórica liberal, as ‘atitudes’ da mídia de massa no Brasil reproduzem estereótipos solidamente arraigados na mentalidade nacional. Os afrodescendentes são o Drácula da mídia brasileira.”

Contudo precisamos ficar atentos a outros panoramas que podem aparecer em nosso percurso, pois no decorrer da pesquisa é possível que nos deparemos com colocações que não se enquadrem apenas as questões raciais, mas também de gênero e nesse momento será necessário que nos mantenhamos atentos para um fato que apontou Azevedo (2011, p. 33), quando diz: “A imprensa enquanto espaço de mediação social remete-nos tanto a um trabalho cotidiano de construção de uma narrativa sobre o real quanto a um contexto nos quais as representações sociais de gênero são também formuladas”. Tal observação nos coloca em alerta sobre as construções que iremos vislumbrar, podendo elas conter implicações referentes ao machismo e homofobia.

A pesquisa tem por objetivo geral compreender a existência de reforços negativos de estereótipos raciais que são reverberados nos programas policiais produzidos em televisão local dentro do estado da Paraíba. Para que tal empreitada seja viável e assim possibilite a nós alcançarmos esse objetivo, realizamos uma seleção temporal de algumas edições dos programas que representam esse gênero televisivo, definindo as bases do telejornalismo local.

Em termos específicos pretendemos com essa pesquisa demonstrar a existência e a persistência no discurso dos apresentadores e repórteres desses programas elementos de estereotipia racial e compreender de que maneira essas práticas discursivas dos programas policiais contrariam as posturas éticas e morais do jornalismo.

Desse modo caminhamos com o intuito de perceber como a criação de narrativas específicas difundem-se em uma cultura de intolerância e ódio, atrelado a uma desvalorização e desrespeito a preceitos legais que tendem a proteção da dignidade da pessoa humana, como por exemplo a nossa Constituição Federal de 1988, assim como outros tratados internacionais a que o Brasil se faz signatário.

Importa dizer que tecemos a pesquisa na perspectiva de que o telejornalismo se estabilizou nos dias atuais como a praça pública do país. Para Vizeu (2004), um palco de discussões que desvela o interesse local, regional e nacional, sendo considerado um dos grandes pilares (potencial) da democracia, ponto vital no que tange a liberdade de expressão.

Diversos trabalhos e pesquisas que traçaram debates sobre a temática do telejornalismo policial e direitos individuais na sociedade já foram produzidos ao longo dos anos, a exemplo de Romão (2013) e Aguiar (2013), esses pesquisaram que eventualmente violações aos Direitos Humanos ocorriam durante a apresentação dos programas de telejornalismo policial da Paraíba. À primeira vista, é possível pensar que não se faz mais necessário produzir outras pesquisas com o intuito de avaliar o tratamento desumano que é dado àqueles que são imputados como criminosos.

Contudo, percebemos que dentre as diversas situações de crime e de desvio que acontecem na sociedade brasileira, as que ganham visibilidade midiática, principalmente no espaço televisivo local, potencializam as objetificações, estigmatizações e imputações que marcam os indivíduos ali apresentados como criminosos, pois estes ainda não foram submetidos a uma condenação em trânsito e julgado, devendo assim de acordo com o nosso ordenamento jurídico devem ser tratados como suspeitos.

De tal forma as situações televisionadas podem reverberar na sociedade paraibana as formas e as estratégias que os programas de telejornalismo policial utilizam (in) conscientemente para promover seu discurso, que geralmente se mostram carregados de ódio e intolerância.

Dialogando com o nosso objetivo geral, isso desperta em nós o desejo de contribuir, a partir dos resultados deste trabalho, com o fortalecimento do pensamento norteador de uma sociedade mais justa, esclarecida, tolerante e que promova os meios de estabelecer um bom funcionamento não só da função de jornalista, mas, sobretudo, de um veículo televisivo e do gênero telejornalístico mais humanizado, pois é de nossa crença que este gênero televisivo muito tem a contribuir para que a sociedade absorva informações e

desenvolva um aspecto crítico sobre os problemas político-sociais adormecidos no estado da Paraíba.

Na primeira parte do trabalho faremos uma retomada histórica do telejornalismo, abordando desde a chegada da TV no Brasil e do percurso narrativo que possibilitou o surgimento do telejornalismo (devido a mesma necessidade encontrada anteriormente no rádio), até chegar a configuração atual do telejornalismo policial– solidificado na dimensão da TV. Com veemência, traçamos essa discussão sobre a chegada da televisão no Brasil, sua estruturação, sedimentação e desenvolvimento das práticas jornalísticas nessas respectivas mídias. Continuamos com uma discussão sobre o telejornalismo no Brasil como ele se solidificou como esfera informativa primordial, telejornalismo na Paraíba e uma apresentação dos programas por nós analisados.

Avançando para segunda parte da Dissertação dialogamos sobre nossos procedimentos metodológicos. Nesse ponto, traçamos as conclusões sobre a pesquisa e os dados levantados e analisados, levando em consideração que a temática foi escolhida pela grande relevância apresentada, levantando discussões com relevância social como a violação dos Direitos Humanos, racismo, objetificação, machismo que estão historicamente presentes na sociedade brasileira. Assim, acreditamos que, fomentando o debate, estaremos trazendo elementos que tenham potencial para sanar esse tipo de comportamento social de alta reprovabilidade.

Já na terceira parte discurremos sobre as teorias do jornalismo e o fazer jornalismo na atualidade, onde percebemos a implementação de um estilo televisivo. Traçando uma discussão sobre a indústria da informação, a prática de vigilância que o telejornalismo policial coloca sobre a população assim como a fidelização que exerce sobre seu público. A partir de então, partimos para um debate sobre o estilo televisivo ao qual o telejornalismo policial encontrou uma maneira própria para dialogar com o seu público.

Por fim, realizamos nossas considerações finais utilizando a Análise do Discurso e sua base metodológica que sustenta nossa discussão como ferramenta analítica das reportagens elencadas. Nessa sessão também discutimos sobre o racismo e como a mídia reforça estereótipos negatizando a existência negra, assim como, vislumbrando que essa tomada nos traga a perspectiva de entender os diversos processos de socialização e entendimento sobre a real aplicabilidade dos direitos da humanidade.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como sustentáculo dos argumentos construídos no decorrer desta dissertação, alguns autores foram de vital importância na construção da abordagem qualitativa do raciocínio empregado para alcançarmos o objetivo geral, a saber: compreender a existência de reforços negativos de estereótipos raciais que são reverberados nos programas policiais produzidos em televisão local dentro do estado da Paraíba.

Utilizamos aqui autores que trabalham as Teorias da Comunicação e Teorias do Jornalismo, a exemplo de Traquina (2005), Wolf (2000). Autores que trazem debates sobre a temática da televisualidade, como Machado (2000), Miller (2009), Butler (2010) e Wolton (2006). Além destes, recorremos a outros autores que trabalham com as temáticas diretamente ligadas ao nosso objeto de estudo: Racismo e Direitos Humanos/Democracia. Quanto ao racismo ressaltamos a utilização de autores importantes como: Nascimento (1978), Fanon (2008), Conceição (2005) e Skidmore (2012).

No que tange a dimensão teórica norteadora da metodologia utilizada sobre o objeto estudado, lançamos mão de Foucault (2005), Maingueneau (2008), Orlandi (2009), e Brandão (2004). Todos esses autores possuem contribuições de extrema importância dentro da Análise do Discurso e de fato para essa pesquisa são pilares constitutivos do pensamento aqui propagado.

Nosso diálogo com o objeto estudado é estruturado em uma perspectiva de abordagem qualitativa, a partir da gravação simultânea de três programas produzidos e veiculados no estado da Paraíba, sendo eles: Cidade em Ação – TV Arapuã (afiliada da Rede TV), Correio verdade – TV Correio, (afiliada da Record) e Fala cidade – TV Manaíra (afiliada da Band), que foram escolhidos por ocuparem as primeiras colocações nos critérios de audiência local.

Assim, durante cinco meses, de segunda à sexta-feira, acompanhamos e gravamos os programas no sentido de obtermos os subsídios necessários à investigação, uma vez que poderíamos visitar e revisitar cada edição dos programas que foram levados ao ar.

Dentro deste período acompanhando os programas já gravados para análise, procuramos aqueles em que houvesse a ocorrência de qualquer enunciado proferido por apresentadores, repórteres ou produtores que fosse enquadrado como atentatório aos direitos humanos como, distinções e preconceitos por fatores raciais, religiosos, de etnia ou

por questões de gênero. Com determinados programas já elencados iniciamos um processo de transcrição que possibilitou as nossas análises discursivas.

Com as transcrições feitas partimos para realização de leitura e codificação dos discursos emitidos nos programas. Esse processo nos deu a possibilidade de enxergar os conceitos e ideologias apresentados pelos apresentadores e repórteres.

Dessa forma, construímos nossa análise a partir da fala dos sujeitos envolvidos nos programas. Além disso, utilizamos também os conteúdos verbais e não verbais que são componentes dos programas, como; enquadramento, cenário, figurino, locação, ambiente de entrevista. Também foram analisadas as recorrências com que determinados termos, imagens, símbolos e recursos técnicos são utilizados para execução do produto estudado. Tudo isso considerando Vizeu (2007), que expõe um entendimento de que o telejornal ocupa um lugar especial na maneira em que o brasileiro desenvolve cotidianamente sua percepção de mundo.

2.1 CAMPO SOCIAL E EMPÍRICO

Os programas que serão analisados na pesquisa, são os melhores posicionados com relação a audiência, como demonstrado em reportagem feita pelo *site* Click PB². Outro fato que foi preponderante para a nossa escolha foi o de que os três programas efetuam interações com o público mediante redes sociais (*Facebook*), além é claro de ambos apresentadores desenvolverem uma boa relação com o seu público, demonstrando obter notoriedade na região, certo carisma e apelo popular.

Foram analisados 336 programas dos quais retiramos nove programas para transcrição e análise discursiva. Era de nosso interesse ter um espectro maior de programas para realizar uma análise discursiva, porém não encontrávamos o mesmo direcionamento discursivo nos três programas, fato ocasionado principalmente pela mudança de apresentador no programa da Tv Manaíra – Fala cidade, a troca do apresentador Erly Fernandes pelo apresentador Victor Freitas, acabou alterando nosso planejamento analítico, uma vez que esse gênero televisivo é focado no tipo de interação que o apresentador se propõe quando em frente as câmeras e a troca de apresentadores causou uma mudança na perspectiva, uma vez que o primeiro apresentador estudado se

² Disponível em < <https://www.clickpb.com.br/televisao/veja-os-numeros-do-ibope-da-televisao-paraibana-divulgados-nesta-quinta-feira-251827.html>>. Acesso em: Abr 2019.

apresentava como uma pessoa de menor freio moral, por sua vez o apresentador substituto se coloca como uma pessoa mais temperada.

Assim para não lidarmos com conteúdos desiguais optamos por apresentar três análises de cada programa, acreditando que o quantitativo demonstrado não afeta o resultado da pesquisa, uma vez que o racismo é caracterizado pela ação sistemática a qual acreditamos estar evidenciada ao longo da nossa pesquisa.

2.1.1 Os programas analisados: uma breve apresentação

2.1.1.1 Programa Cidade em ação: TV Arapuã

O programa, Cidade em Ação, faz parte da grade de programação da TV Arapuã, afiliada da Rede TV, o programa é apresentado pelo comunicador Sikera Jr. Sua estreia como apresentador do programa coincide com a data em que iniciamos o processo de gravações para realização desta pesquisa dia 12 de março de 2018. O programa vai ao ar de segunda a sexta-feira, sempre das 12:00 as 13:30. Aos sábados, a emissora transmite uma espécie de “melhores momentos” daquilo que foi transmitido na semana.

A estrutura do programa é dividida em blocos que podem alcançar o número de seis ou sete dependendo da demanda de notícias consideradas de relevância pela produção, como também a posição do programas nos níveis de audiência, pois existe no programa o hábito de veicular a transmissão ao vivo pela mídia social *Facebook*, canal utilizado por eles para realizar sua própria aferição de visibilidade além de gerar uma interação particular com o público. Assim afirmam que determinado assunto será comentado se determinada marca de visualizações pela mídia social for alcançada.

As reportagens transmitidas pelo programa não se limitam as de cunho policial, no programa também são transmitidas reportagens de cunho social (pessoas que necessitam de algum tipo de auxílio) e reportagens de denuncia popular (moradores descontentes com a ausência do poder público contam com a popularidade do programa para obter soluções decorrentes da ineficácia do estado).

Seguimos com a demonstração de um quadro quantitativo de programas analisados durante a pesquisa:

Quadro 01: quantitativo de programas captados - Programa Cidade em ação

Programa	Mês	Qtd de prog.	Total de prog.
Cidade em ação	Maio	23	112
X	Junho	21	X
X	Julho	22	X
X	Agosto	23	X
X	Setembro	23	X

Fonte: o autor

2.1.1.2 Programa Fala cidade: TV Manaíra

O programa, Fala Cidade, faz parte da programação da TV Manaíra afiliada da Band. À época das gravações para obtenção do material a ser analisado o programa passou pelas mãos de dois apresentadores, inicialmente o programa Fala cidade era apresentado pelo comunicador, Erly Fernandes, mas a partir o dia 24 de julho de 2018 até o termino da pesquisa o programa passou a ser apresentado pelo comunicador Victor Freitas. O programa vai ao ar de segunda a sexta-feira sempre das 12:00 as 13:10.

O programa é dividido estruturalmente em blocos e dentro desses, diversas reportagens são apresentadas aos espectadores. Mas não só conteúdos de cunho policial, mas também matérias de prestação e auxilio social, na qual são mostradas pessoas que necessitam de alguma ajuda (alimentícia ou não) e assim solicitam auxilio do público para que possam colaborar, no programa também são mostradas notícias de denúncia popular nas quais os moradores denunciam a ausência do poder público em algum bairro ou rua (esgoto a céu aberto, buracos em vias públicas, falta de atendimento em postos de saúde) etc.

Seguimos com mais um quadro quantitativo de programas analisados durante a pesquisa:

Quadro 02: quantitativo de programas captados - Programa Fala cidade

Programa	Mês	Qtd de prog.	Total de prog.
Fala cidade	Maio	23	112
X	Junho	21	X
X	Julho	22	X
X	Agosto	23	X
X	Setembro	23	X

Fonte: o autor

2.1.1.3 Programa Correio verdade: TV Correio

O programa, Correio verdade, faz parte da grade de programação da TV Correio afiliada da Rede Record e está no ar desde o ano de 2003, a mais de 10 anos o programa é apresentado pelo comunicador, Samuka Duarte, dentre os programas analisados é o que tem maior tempo de duração (duas horas), consequentemente e o que tem o maior número de inserções de publicidade.

O programa é estruturado em blocos, dentro desses blocos além das reportagens que podem ser ditas como comuns ao que o gênero do programa e reportagens de cunho social, geralmente são promovidas caravanas, eventos com participações de artistas locais no qual existem algumas prestações de serviços sociais como: emissões de carteiras de identidade, carteiras de trabalho, alguns exames e consultas médicas, cumprindo assim com uma linha discursiva a qual se propõe o Correio verdade que tem a marca peculiar de se colocar como um programa amigo da comunidade, tendo um apelo popular muito forte dentro da cidade de João Pessoa, justificando seus bons números na audiência do estado e estendendo sua presença.

Seguimos com o nosso terceiro quadro quantitativo de programas analisados durante a pesquisa:

Quadro 03: quantitativo de programas captados - Programa Correio verdade

Programa	Mês	Qtd de prog.	Total de prog.
Correio verdade	Maio	23	112
X	Junho	21	X
X	Julho	22	X
X	Agosto	23	X
X	Setembro	23	X

Fonte: o autor

2.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A nossa coleta de dados foi possível graças a tecnologia móvel (telefone celular), através de aparelhos que contam com a tecnologia da TV digital, pudemos realizar a gravação simultânea dos programas, uma vez que eles ocupam a mesma faixa de horário.

Como primeiro passo da coleta de dados nos lançamos a gravar os três programas (Correio verdade, Cidade em ação e Fala verdade) que são concorrentes, transmitidos

simultaneamente na mesma faixa de horário, porém o programa Correio verdade tem uma hora a mais de duração. O processo de gravação durou cinco meses, compreendidos entre os meses de maio e setembro.

A segunda etapa da coleta de dados que consistiu em assistir as edições transmitidas e gravadas, uma a uma. Dentro desse processo foi possível pinçar os discursos que mais se alinhassem a nossa pesquisa.

Já a terceira etapa se fundava na transcrição dos discursos escolhidos, para isso usando o método proposto por Marcuschi (1986).

A quarta e última etapa da coleta de dados culminou com a análise discursiva, a qual utilizamos diversos autores que versam sobre a metodologia, mas aplicamos uma ênfase maior nos escritos de Mainguenu (2008). Este autor consta como base de nossas análises por trabalhar na vertente francesa da análise do discurso. Trabalha a questão do *ethos* como constitutivo formador da ideologia, sendo esta, o elemento que acreditamos encontrar como disseminador das violações aos Direitos Humanos, a estereotipação e estigmatização dos grupos “apresentados” nos programas.

3. A ANÁLISE DO DISCURSO

Brandão (2004) escreve sobre uma compreensão que alcance a subjetividade no discurso e na enunciação. Confeccionamos essa pesquisa propondo lidar com o conteúdo discursivo de programas televisivos do estado da Paraíba, em especial os programas que lidam com o telejornalismo policial, afim de evidenciar as relações de discurso e poder colocados nesse tipo de produção.

Volochnov (1929) coloca a importância da interação discursiva, a qual colabora para uma estrutura social, dando vivência a expressividade. Sabendo que o fenômeno ideológico se comunica com o mundo pela expressão da individualidade.

E é através desses debates sugeridos aos quais passamos também pelos conceitos de *ethos* e *phatos*, os quais nos dão as ferramentas necessárias para elucidar-nos sobre os momentos em que o sujeito falante inicia as primeiras impressões do eu e do outro (tu).

Nesse contexto buscamos suporte também em Volochnov (1929, p. 205) quando diz que: “O enunciado tem sua formação originada na interação entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem de representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence”.

Nossa análise segue os acontecimentos discursivos que ganham espaço dentro da mídia, o veículo de mídia utilizado para nossa pesquisa é a televisão, tendo por interlocutores os apresentadores e repórteres do telejornalismo policial do estado da Paraíba, visando que a pesquisa seja bem sucedida traçamos um debate que abordasse não só os tipos de discursos e a própria formação discursiva (ideologia), para isso buscamos dialogar com os mais diversos autores como: Maingueneu (2008) e Brandão (2004), passando pelos conceitos dados por pesquisadores de estudos da língua como: Foucault (2005) e Courtine (2009).

Ao longo da pesquisa veremos que o enunciado surge quando o contato entre dois indivíduos se estabelece, no caso dessa pesquisa estudamos uma interação mediada, que por suas razões tecnológicas possibilita uma interação/interlocução mútua de um indivíduo para milhões. Fazendo assim com que uma ideia que seria passada a um indivíduo seja passada a várias simultaneamente.

Assim guiamos a pesquisa procurando não esquecer que o falante é o proprietário indiscutível da palavra, e essa é inalienável à ele Volochinov (1929) nossa pesquisa caminha nesse sentido, mas não para observar o conteúdo discursivo nos enunciados dos apresentadores e repórteres dos programas em questão, mas também, para avaliarmos que tipo de posicionamento esses programas tomam diante dos acontecimentos de crime/desvio que são promovidos por determinadas pessoas dentro do estado da Paraíba.

3.1 O poder multidisciplinar: A subjetividade em ação

Levando em consideração que a nossa intenção nessa pesquisa é a compreender existência de reforços negativos de estereótipos raciais que são reverberados nos programas nos de telejornalismo policial, creditando que essa reverberação de estereótipos também é uma demonstração de poder, buscaremos nas perspectivas concedidas por Foucault (2005) visualizando a relação de discurso e poder dentro do telejornalismo policial da Paraíba.

Para melhorar o entendimento do nosso raciocínio mergulharemos na compreensão de Maingueneau (2008) que nos dá a ideia de Universo discursivo, explicando que esse universo é constituído do conjunto de formações discursivas que interagem sob uma conjuntura já estabelecida, o conjunto de formações discursivas era dado como campo discursivo lugar no qual o discurso era de fato formado, sendo os espaços discursivos o subconjunto de formações discursivas que o sujeito escolhe colocar em ação.

Outro ponto importante que faz parte da nossa discussão dentro da pesquisa e é visto por diferentes perspectivas é a noção de sujeito. Aproximando o debate da Análise discursiva sobre o prisma de Volochinov (1929), que enxerga a noção de história como elemento fundamental numa análise discursiva, pois ela situaria o sujeito num determinado ponto espaço temporal, o que facilitaria a compreensão de seus enunciados.

Levantado a hipótese de que a memória da linguagem é transmitida na medida que o ser humano registra e restitui a realidade, seria assim a memória uma capacidade do indivíduo. Dessa forma a memória de um indivíduo é fruto da memória coletiva levando em consideração os grupos que o sujeito passa a interagir de acordo com as fases sua vida, assim considerando a idade, gênero, posição social, alfabetização etc.

4. A TELEVISÃO NO BRASIL: DA CHEGADA À SOLIDIFICAÇÃO

Em 1950, a TV chegava ao Brasil trazendo consigo muitas incertezas, expectativas e medos. Dentre os medos, o que mais se destacava era o de que a TV poderia acabar com o rádio e com o jornal impresso, fazendo surgir, assim, uma militância contra essa nova plataforma midiática. Importante frisar que o surgimento da TV coincide com as teorizações da Escola de Frankfurt, na qual importantes estudiosos, como (Adorno; Horkheimer, 1947, p. 57), pontuaram que: “Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear.” A partir daí criaram o conceito de Indústria Cultural.

Segundo essa perspectiva teórica da comunicação, a mídia assume um papel de distribuidor de conteúdos de baixa qualidade e complexidade, transformando os indivíduos em objeto, oferecendo-lhes produtos compensatórios e efêmeros.

Essa discussão da Indústria Cultural como disseminadora de conteúdos teorizada já nos anos 40 quando seus pensadores chegam à América fugindo do Nazismo e se deparando com um novo panorama de consumo e produção cultural, só foi impulsionada entre os anos 70 e 80, momento que a televisão solidificou-se como principal meio de comunicação do mundo.

Por essa perspectiva de disseminação, Jesus e Resende (2013) colocam esse momento de rápido crescimento da TV em comparação com um vírus contagioso que infecta o espectador transportando-o para outra realidade através de uma sedutora rede de sons e imagens. Certos de que existe na televisão uma produção massificada, com estilo próprio, definido e coeso no seu potencial para construção social da realidade. Por isso, devemos nos ater ao fato de que a invenção da televisão propiciou uma verdadeira cisão midiática, fazendo com que cada meio desenvolvesse sua própria maneira de noticiar, um estilo de se comunicar com o seu público.

Assim como o Rádio teve na figura de Roquette Pinto, um patrono, para sua solidificação e expansão dentro da sociedade e do território brasileiro, para a televisão o caminho não foi tão distinto, só que dessa vez a figura de tutor da televisualidade ficou a cargo de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello³, pioneiro da TV no Brasil, que criou a TV Tupi em 1950. Muito se coloca que mais do que um entusiasta da televisão, Chateaubriand era um verdadeiro empresário da comunicação, já que detinha diversos

³ Disponível em < <https://educacao.uol.com.br/biografias/assis-chateaubriand.htm> > Acesso em: Set 2018.

meios comunicativos, o que hoje entendemos como redes de comunicação. Nesse sentido, acompanhamos Silva (2017), que afirma:

Os grupos de imprensa já eram constituídos como monopólios cruzados. A conhecida cadeia de Assis Chateaubriand, dono de diferentes títulos de jornais, emissoras de rádio, ou a rede que se iniciava da família Marinho que detinha “O Globo”, emissoras de rádio e outras iniciativas de comunicação (SILVA, 2017, p. 04).

Pelo texto citado podemos exprimir a compreensão de que antes de tudo, Assis Chateaubriand era um empresário, e como todo empresário aliado a lógica do sistema capitalista, sua intenção final, naturalmente, era o lucro. Sendo assim, a televisão era mais um meio de obtê-lo, o que nos faz categoricamente afirmar que todo movimento de implementação da TV teve um viés muito mais voltado para o campo mercadológico do que para o campo político do bem comum, ou por mera paixão de um aficionado.

A chegada da Televisão no Brasil provoca certa decadência na produção radiofônica no Brasil, a década de 50, logo após o rádio passar pela sua tão famosa era de ouro dos anos 40. Sobre a estreia da televisualidade no Brasil, Leal (2009) aponta que:

Após a estagnação mundial no campo televisual por causa da Segunda Guerra Mundial, foi realizada, no dia 18 de setembro de 1950 às 17 horas em São Paulo, a primeira transmissão de imagens no Brasil pela TV Tupi-Difusora uma emissora do Diários Associados de Assis Chateaubriand. “A TV Tupi-Difusora começou transmitindo imagens para apenas cerca de 500 aparelhos receptores na cidade de São Paulo, mas três meses depois havia já 2 mil aparelhos funcionando ali” (LEAL, 2009, p. 05).

Com pouco tempo de inserção, apesar de muito caro para os padrões da época, a televisão conseguiu se sedimentar no território brasileiro, porém ela servia mais como um aparelho que dava ares de luxo as residências que o obtinham, ainda que de certa forma muitos aparelhos fossem adquiridos de pronto, a forma de consumo não mudaria rapidamente, uma vez que, em suma, a produção televisiva da época consistia numa adaptação daquilo que já se fazia no âmbito do rádio. Sobre esse período de adaptação da TV sob influência do rádio, Leal (2009) nos esclarece que:

Uma forte característica do início da televisão foi o seu aspecto radiofônico com imagens. A imensa maioria dos primeiros profissionais da televisão eram aqueles que trabalhavam no rádio. Essa importação dos profissionais do rádio influenciou, inclusive, na programação da

televisão, havendo uma adaptação dos programas radiofônicos para serem exibidos visualmente (LEAL, 2009, p. 05).

À essa época, a simbiose da TV com o rádio ainda era tanta que o primeiro programa telejornalístico de grande sucesso no Brasil foi o mesmo que consolidou o radiojornalismo no país, qual seja: O repórter Esso. Sendo adaptado pela TV Tupi, foi ao ar pela primeira vez em 1952, e é tido como um marco no telejornalismo brasileiro. Permaneceu no ar até 1970, época em que já entravam no mercado as primeiras televisões a cores, o que facilitava o acesso ao modelo antigo do aparelho a pessoas de baixo poder aquisitivo.

Assim, vimos que os mecanismos que a TV usou para se consolidar como veículo de informação foram os mesmos que o rádio, o que faz da televisão brasileira fruto do rádio e talvez explique sua rápida consolidação em nossa sociedade já que foi apresentado e oferecido ao público uma espécie de colagem daquilo que já se consumia.

4.1 O TELEJORNALISMO NO BRASIL

A fim de construir nosso pensamento sob a premissa de que desde uma estreia nacional do gênero televisivo telejornal até os dias atuais, as produções desse gênero não se tornaram escassas, pelo contrário, se pluralizaram de forma que todas as emissoras de televisão do Brasil possuem programas de telejornalismo que além de comunicar, objetivo primário de uma peça informativa televisiva diária, servem também para indiretamente demarcar o posicionamento político da empresa dentro do nosso contexto social, a chamada linha editorial.

Apesar de ser o repórter Esso o telejornal que obteve os primeiros grandes índices de audiência, tornando-se um sucesso à nível nacional (mesmo esse telejornal não sendo transmitido a todos os estados do Brasil), o telejornalismo no Brasil ganha um novo padrão e contornos de unidade nacional a partir da estreia do Jornal Nacional da Rede Globo de televisão, que de acordo com (Neves, 2016, p. 27) “No fim da década de 60 foi lançado o telejornal de grande sucesso até os dias atuais – o Jornal Nacional. Mesmo não sendo o telejornal pioneiro no país, o Jornal Nacional, é considerado um divisor de águas no telejornalismo brasileiro.”

A partir desse ponto o trabalho com o telejornalismo passa a ter um novo panorama, sendo assim melhor trabalhado, o que virou tendência e padrão de qualidade aos que surgiram depois.

Assim acreditamos que o telejornal a medida em que o tempo foi passando e a sociedade se transformando com a ajuda dos aparatos tecnológicos tornou-se um elemento essencial para compreender as dinâmicas da nossa sociedade, nesse ponto encontramos (Vizeu, 2007, p. 03) afirmando que “O jornalismo hoje é essencial para a vida em sociedade. Os telejornais cumprem uma função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma contribuem para uma organização do mundo circundante.”

É notório que o século XXI, conhecido como o século da informação, tem presença maciça nas redes de televisão de programas de telejornalismo, o que nos faz denotar a importância desse gênero televisivo para que as empresas de comunicação não percam o fio comunicativo com o seu público, mesmo que, como vemos no quadro abaixo algumas emissoras não tenham telejornais em horários considerados tradicionais como o horário da manhã, mas em contrapartida o chamado horário nobre da televisão brasileira compreendido das 18:00 as 22:00 é preenchido e bem distribuído com telejornais, é de se perceber também pela distribuição dos horário de transmissão que as emissoras programam o horário de seus telejornais como se estivessem a evitar uma grande disputa por essa audiência.

Quadro 04: telejornais das grandes redes de televisão

Emissora	Globo	Record	SBT	BAND	Rede TV
Telejornal	Bom dia Brasil	Fala Brasil	Primeiro Impacto	Jornal Band News	X
Horário	08:00	08:55	06:00	06:00	X
Telejornal	Jornal hoje	Programação local	Programação local	Programação local	Programação local
Horário	12:00	12:00	12:00	12:00	
Telejornal	Jornal Nacional	Jornal da Record	SBT Brasil	Jornal da Band	Rede TV News
Horário	20:30	21:30	19:45	19:20	19:25

Fonte: (<https://www.globo.com/> - <https://www.r7.com/> - <https://www.sbt.com.br/> -

<https://www.band.uol.com.br/> - <https://www.redeTV.uol.com.br/>)

Se pensarmos no telejornalismo como uma ferramenta com utilidade para apenas nos informar sobre os fatos ocorridos no dia-dia, estaríamos reduzindo todo potencial de um produto que é colocado socialmente perante uma população tão fragmentada e

diversificada como a população brasileira, que é acentuada pela nossa desigualdade social, discorrendo mais sobre a importância do telejornal em nosso meio encontramos em Vizeu (2000, p. 91) o seguinte:

Entendemos o telejornal como o meio mais simples, cômodo, econômico e acessível para conhecer e compreender tudo o que acontece na realidade e como se transforma a sociedade. A definição, aparentemente simples, esconde uma complexidade. O pressuposto é de que a informação televisiva seja um bem público. (VIZEU, 2000, p. 91)

Além de um papel econômico e informacional o telejornal cumpre também uma função de elemento socializador de grande parte de seu público, contribuindo para o conhecimento mais generalista ou especializado, dependendo da especificidade a que se destine e ao gênero da produção televisiva. Considerando que no Brasil já existem canais que são focados na produção de notícia 24h como a *Globo News*, *Band News* etc.

Ainda observando a função que o telejornalismo desempenha dentro da sociedade Vizeu (2011) que nos diz que o telejornal é o espaço onde os fatos e acontecimentos que cercam o viver humano ganham sentido expressa o seguinte:

O jornalismo é o espaço onde os homens se reconhecem e dão sentidos uns aos outros e aos fatos que os circundam. O homem encontra-se a si mesmo e, mais do que isso, encontra outros homens. O jornalismo, porque comunicação, é esse fio que vincula dois ou mais pólos. Jornalismo é uma questão mesmo de vínculo; um encontra o outro; e, quando não há encontro, não há vínculo, não há comunicação, não há jornalismo. (VIZEU, 2011, p. 04)

Esse sentido que o autor fala é o ponto que encontramos para suporte, e esse certamente é dado pela interpretação que o jornalista faz sobre o fato e que encaminha junto a informação ao passar a notícia adiante, tornando-a de fácil entendimento ou até mesmo distorcendo-a para que sirva a determinado interesse.

Dessa forma os pontos debatidos até o momento corroboram com nosso propósito interpretativo inicial de que o telejornalismo no Brasil é atualmente junto as narrativas das telenovelas o principal produto das emissoras de TV, refletindo muito da identidade visual, social e política das emissoras nacionais. Digno de concentrações de pesquisas que se coloquem a questionar os caminhos que esse gênero televisivo possa tomar.

4.2 TELEJORNALISMO NA PARAÍBA

A primeira emissora de televisão do estado da Paraíba foi a TV Borborema, que também era a primeira emissora de TV do Nordeste e a terceira a ser fundada no Brasil, com sua fundação datada no ano de 1966, por Assis Chateaubriand. O primeiro programa de telejornalismo da emissora e também do estado era o programa Tele – Repórter, apresentado pelo radialista Paulo Sérgio⁴. Em seguida estrearam as emissoras Cabo branco, TV Paraíba, TV O Norte, TV Tambaú e TV Correio.

O primeiro telejornal policial estreou pela TV Tambaú, o programa Caso de polícia, que segundo Neves (2015) trouxe muitos anunciantes no quadro da emissora quando afirma:

[...] pensando em chamar a atenção das classes mais baixas, a TV Tambaú, lança em 1994 o telejornal policial Caso de Polícia. De forma descontraída, o apresentador conversa com o telespectador, mostra o criminoso e os repórteres até os entrevistam. É uma novidade na televisão da cidade. A audiência subiu e aumentaram os anunciantes. (NEVES, 2015, p. 42)

Essa colocação já ilustra bem a importância do telejornalismo policial no estado da Paraíba uma vez que o primeiro programa do gênero no estado já havia sido responsável por alavancar grandes índices de audiência e retornos financeiros a emissora de TV responsável, além de nos deixar certos de que o público do estado já é familiarizado com esse tipo de produção.

O que reitera essa nossa afirmação de que o público paraibano já está familiarizado com o gênero televisivo telejornalismo policial está contido mais uma vez em Neves (2015) quando nos dá a informação de que temos no estado um programa que está no ar desde o ano de 2003, com o mesmo apresentador assim o faz quando diz que:

Um dos grandes marcos da TV Correio foi a estreia do programa Correio Verdade em 2003, programa policial apresentado por Samuka Duarte que se intitulava defensor da família. O programa caiu tanto no gosto do telespectador que durante muitos anos passou a ficar em primeiro lugar na audiência no horário do meio dia. (NEVES, 2015, p. 44)

⁴ Disponível em: < <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/03/memoria-tv-borborema-na-revista-veja-em.html#.XN9ZpyBKjIU>>. Acesso em: Mai 2019.

Com isso acreditamos ter elementos suficientes para apostar na sedimentação desse gênero televisivo dentro do estado da Paraíba o que nos leva a uma condução mais tranquila e responsiva da temática aqui tratada, já que o gosto popular colocou esse gênero televisivo em uma posição de estrela da programação local.

4.3 O TELEJORNALISMO POLICIAL

4.3.1 O Aqui agora

O surgimento e evolução do telejornalismo policial no Brasil passa inegavelmente pela produção do telejornal, Aqui Agora, transmitido pelo Sistema Brasileiro de televisão - SBT. Sua produção iniciou-se em 20 de maio 1991 se estendendo até o ano de 1997. Com a premissa de mostrar na tela “a vida como ela é” as reportagens do programa sempre eram pautadas por mostrar ao vivo perseguições policiais e tiroteios.

A linguagem do programa era informal e os repórteres criavam sua própria identidade na hora da cobertura das matérias, como as entrevistas feitas pelo jornalista Jacinto Figueira Júnior, que ficou muito conhecido como O homem do sapato branco.

O Aqui agora foi o responsável por popularizar o gênero do telejornalismo policial deixando marcas tão importantes nas produções de telejornalismo policial que diversos programas que abordam essa mesma temática surgiram, gerando assim um costume televisivo de produção continuada desse tipo de programas não só em âmbito nacional, mas principalmente em âmbito local. Dentre os programas que surgiram inspirados na produção do telejornal, Aqui agora, podemos citar os programas Cidade Alerta e Brasil urgente.

4.3.2 Cidade alerta

Surgiu em 1996, é transmitido pela Rede Record, começou sendo apresentado pelo jornalista José Luiz Datena, depois passando por outros apresentadores como William Travassos, Reinaldo Gottino até ser apresentador pelo Jornalista Marcelo Rezende, que teve duas passagens pelo programa primeiro em 2004 encerrando em 2005, voltando a apresentar o programa em 2012 aonde permaneceu até 2017, ano de seu falecimento.

Atualmente o programa é apresentado pelo Jornalista Luiz Bacci, tendo seu horário de exibição sempre de segunda a sexta-feira a partir da 16:45.

4.3.3 Brasil urgente

O telejornal surgiu no ano de 1997 e é transmitido pela Band, logo no ano de sua estreia era apresentado por Wilton Franco, sendo substituído nos anos 2000 por Roberto Cabrini. No ano de 2003 passou a ser comandado pelo Jornalista José Luiz Datena. O programa é reconhecido nacionalmente pela suas polêmicas, entre as que mais ganharam notoriedade citamos a que aconteceu no ano de 2010 quando o apresentador, José Luiz Datena, fez associações preconceituosas entre a criminalidade e a descrença religiosa acusando aqueles que não acreditam em Deus como responsáveis pela onda de violência que segundo ele tomava conta do país⁵. O programa é exibido sempre de segunda a sexta-feira a partir das 16:00.

4.3.4 a herança do estilo no telejornalismo policial

O desenvolvimento e a prática do telejornalismo policial estão intimamente ligados a um fazer jornalismo sensacionalista. O sensacionalismo surgiu em meados do século XIX, com intuito de atrair o público através do uso gradativo das notícias, almejando com isso o aumento das vendas e dos lucros nas vendas dos jornais.

Em Angrimani (1995) encontramos uma boa síntese do que é fazer sensacionalismo quando diz que:

Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que super dimensiona o fato. (ANGRIMANI, 1995, p. 10)

Assim como Angrimani (1995) acreditamos que o sensacionalismo coloca em evidência aquilo que passa na grande maioria das vezes por atos corriqueiros ou até mesmo irrelevantes, fazendo parecer que as ações tomadas sejam visando o bem geral.

⁵ Disponível em <<https://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/31/justica-condena-tv-bandeirantes-apos-considerar-preconceituosos-comentarios-de-datena-contra-ateus.htm>> Acesso em Ago 2019.

É importante levarmos em consideração que esse gênero de programa televisivo em seu âmbito local não se ocupa apenas dos fatos que envolvem assuntos com temáticas de crime, mas também de temáticas que migram do popular ao grotesco, o que nos impulsiona a creditar que sensacionalismo no telejornalismo policial é utilizado como elemento de presença, o qual procura atingir o público em diversas vertentes que possam levá-lo a obter audiência.

Até aqui enxergamos que o telejornalismo policial além de peça informativa atua como elo de pertencimento e reconhecimento do telespectador, através dele os acontecimentos não são apenas veiculados, mas sim, potencializados, uma rua que se mostra não é apenas um lugar de passagem, mas sim a rua em que o telespectador cresceu, brincou com seus amigos, é a rua que ele utiliza como caminho para casa, escola, trabalho e etc. sobre tal Vizeu (2007) nos explica que:

[...] ao fazerem uma série de recortes sobre o dia-dia das cidades os jornais oferecem, aos telespectadores, audiência comunicativa e interativa – decodifica, estabelece significados, ressignifica, elabora e reelabora as notícias – visões sobre as cidades. Nesse sentido, as imagens transmitidas pelos noticiários funcionam como uma referência para as pessoas perceberem as cidades e identificá-las a partir do que foi veiculado. (VIZEU, 2007, p. 02)

Acreditamos que existe um horário nobre para as emissoras locais, e ele está compreendido no horário entre as 11:30 as 13:30, por ser um espaço no qual geralmente existe uma lacuna na grade de programação deixada pelas grandes redes as quais geralmente essas redes de televisão menores são afiliadas. Gerando assim um novo mercado que vai sendo preenchido por uma produção de jornalismo local.

Com isso vemos atualmente uma predominância do jornalismo policial em tela. Hoje das seis redes de televisão que são sintonizadas no espaço televisivo local de sinal aberto na Paraíba, apenas a TV Cabo Branco, afiliada da TV Globo e a TV Miramar, que tem sua programação atrelada a produção televisiva do país africano Angola, não possuem programas desse gênero em suas grades de programação, fato que demonstra a força que os programas de telejornalismo policial detêm no estado paraibano, abaixo temos uma quadro que ilustra bem o cenário local.

Quadro 05: quantidade de horas de telejornais policiais locais nas emissoras paraibanas

Emissora de TV	Total de programas locais	Programas de telejornalismo geral	Programas de telejornalismo policial	Horas de programa
TV Miramar	0	0	0	0
TV Tambaú	10	2	1	50 min
TV Cabo Branco	0	2	0	0
TV Manaíra	5	0	2	1 h 50 min
TV Correio	10	1	3	4 h 45 min
TV Arapuã	7	1	2	3 h 05 min

Fonte: (<http://www.tvarapuan.com.br/2018/> - <https://www.portalt5.com.br/> - <https://redeglobo.globo.com/tvcabobranco/> - <https://tvmanaira.op9.com.br/> - <https://tvcorreio.com.br/> - <http://www.tvmiramar.com.br/>)

Através do quadro acima podemos perceber a importância que o telejornalismo policial adquiriu dentro das emissoras locais a ponto que três das maiores emissoras locais chegam a dedicar uma grande quantidade de tempo de seu horário disponível na grade de programação diária a esse gênero televisivo. Mostrando assim que esse produto se faz rentável, uma vez que o número de inserções de propaganda está diretamente relacionado a veiculação desse tipo de programa.

Consideramos que seja muito importante termos em mente que o telejornalismo pode contribuir para construção de imagens, condutas e pensamentos determinando aquilo que é ou não é aceitável, desejável e tolerável dentro do espaço urbano alcançado por ele, assim uma produção de telejornalismo policial pode potencialmente influir na maneira com que a população local ocupa e se distribui pelo espaço público, mudando a impressão ou a sensibilidade que a população tenha sobre seu bairro, cidade, estado ou país. Pois assim como dito por (Vizeu, 2007, p. 01). “[...] os telejornais fazem enquadramentos, constroem molduras, e como artistas desenharam as cidades da televisão.”

5. TEORIAS DO JORNALISMO E O FAZER TELEJORNALÍSTICO COMO IMPLEMENTAÇÃO DE UM ESTILO

Mesmo com a grande gama de estudos direcionados às teorias do jornalismo e as produções noticiosas de televisão, sentimos a necessidade de direcionarmos um estudo que tipifique o estilo empregado nessa produção televisiva, uma vez que ela alavanca bons percentuais de audiência e conseguem manter seu público cativo.

Dessa forma essa pesquisa visa verificar a presença de uma ideologia que tenha por primazia a narrativa, os discursos de ódio e a violação de Direitos Humanos. Não por acaso, encontramos em Vizeu e Silva (2013) algo que sustenta nossa intenção nos motivando a mergulhar na análise de tipificação do estilo do telejornalismo policial, quando o autor diz:

Analisar o telejornalismo e as perspectivas que envolvem os processos de mudança e reconfigurações desta atividade é relevante no entendimento da sociedade contemporânea, que, mesmo diante de tantas inovações tecnológicas, conta com a TV como um meio de referência na busca por informação. A relevância da televisão, especificamente do telejornal, na sociedade justifica a importância de realizar pesquisas nessa área. Assim como a sociedade, o telejornalismo evolui e modifica-se. Dentro dos processos de mutação do telejornal, as inovações tecnológicas e a postura dos cidadãos em conjunto com a atuação dos jornalistas profissionais, protagoniza o fazer notícia (VIZEU; SILVA, 2013, p. 399).

Expressando daí elementos que fomentem nossa análise, salientamos que se faz preciso entender as formas de mudança no fazer jornalismo, na busca por notícias. Mantendo o foco em nossa questão primária, que tem interesse claro em evidenciar como ocorre a mudança de perspectiva no programa noticioso, se existe relevância no estilo televisivo e jornalístico nessa construção noticiosa, para o sim ou para não, mas sempre mantendo a firmeza nas observações de que a TV continua obtendo lugar de destaque na vida do povo brasileiro como ferramenta de informação e disseminação de conteúdo.

Desse modo, acreditamos que não seria possível iniciar uma discussão sobre um possível estilo televisivo do telejornalismo policial sem passarmos pelas definições básicas do que seria o jornalismo.

Vendo em (Traquina, 2005, p.21), temos a impressão de que o jornalismo, em sua essência, é o que se presta a uma função narrativa dizendo que: “Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias’ da vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias’ de triunfo e tragédia”. Assim, presumimos que o jornalismo tem por função contar

histórias, o que evidencia um estilo narrativo próprio do ser humano o de se comunicar por narrativas.

Imaginando que o gênero televisivo aqui definido como telejornalismo policial é aquele que se presta a informar que tipo de atuações tem feito o Estado para manter a segurança e preservar os bens públicos e/ou privados. Por suposto, encontramos também em (Curado, 2002, p. 15) que essa lógica do jornalismo na televisão com os seus programas derivativos, que seriam estes os de telejornalismo policial, existem teoricamente para: “Oferecer ao público informação sobre os fatos da semana, do dia, da hora, do momento”.

Sabendo da dificuldade que é conceituar a atividade jornalística, Oliveira (2002) nos dá uma compreensão mais global do agir jornalisticamente, elencando pontos que nos mostram que a atividade de contar narrativas apresenta problemas não só de ordem prática, mas também teórica quando nos diz:

A atividade jornalística, (pauta, apuração e redação dos fatos), lida com o singular e o particular, e tem como meio de apreender o singular os sentidos e a linguagem. É nessa apreensão da “realidade” onde se concentra toda a problemática da maior ou menor fidelidade jornalística aos atos a que se refere. Para resolver o problema, teóricos de todas as cores ideológicas apresentava soluções como: a possibilidade ou não da objetividade; a necessidade de contextualização; humanização contra especularização; métodos mais eficazes de aferição de dados mais exatos; a volta da pirâmide invertida para sua posição normal; ouvir o maior numero de testemunhas; etc. (OLIVEIRA, 2002, p.125)

Através desse trecho entendemos que existe uma real preocupação com os caminhos que os jornalistas usam para espalhar as narrativas de que tem conhecimento, podendo assim estandardizar elementos que tomam proporções maiores do que as que realmente deveriam, assim como podemos deduzir que existem fatos que deveriam tomar grandes proporções, porém minguaram em suas repercussões. Essa problemática pode ser associada, pimeiramente, à uma das teoria do jornalismo, a Teoria do Espelho. Podemos ver em Wolf (2008) que essa teoria no momento em que fora cunhada expressava que o jornalismo teria por missão retratar os fatos tal qual ocorreram.

Mas que tipo de espelho o jornalismo seria? Como ele reflete os fatos que se prostam a sua presença? Se pensarmos em fatos que tenham relevância social, e atenda a um interesse político ou midiático (como por exemplo um escândalo político no qual um dos envolvidos seja um desafeto aparente do dono de uma emissora da qual o telejornal é veículado), nesse caso o fazer jornalístico se mostra um espelho côncavo e convexo,

aumentando as proporções do suposto dano público que o escândalo possa atingir, pois de certo aumentaria a visibilidade e o tempo em que tal fato seria exposto na mídia gerando mais repercussão.

Mas se o caso em questão fosse adverso? Se na situação hipotética levantada o caso tivesse uma relevância social, mas não um interesse político e midiático, que proporção e exposição teria o fato? Podemos supor que veríamos o acontecimento de mais um fenômeno das teorias da comunicação e do jornalismo, o *Agenda Setting* ou Agendamento, também exemplificado por Wolf (2008), reza que a mídia determina qual é o assunto que o público deve comentar, sobre que perspectiva crítica o assunto deve ser comentado e por quanto tempo, assim como qual acontecimento noticioso deve ser esquecido.

Nesse mesmo sentido podemos associar o caso a Teoria do *Gatekeeper*, mais uma vez citando Wolf (2008) entendemos nessa teoria que a produção de notícias como uma série de escolhas as quais o fluxo noticioso é controlado pelo jornalista que vai escolher entre uma notícia ou outra. Dentro desse contexto acreditamos que esse processo não é esquecido na composição de um programa de telejornalismo policial, pois certamente a equipe jornalística já deve ter passado por situações em que teve de escolher qual notícia seria apurada, qual notícia seria veiculada por motivações e critérios x e y.

Para Wolf (2008) na Teoria Instrumentalista do jornalismo, as notícias são produzidas com parcialidade para atendimento de interesses políticos. Assim, acreditamos que as produções atuais do telejornalismo policial com seu conceito de noticialidade totalmente ligadas a discricionariedade, ou seja, “o que vale” ou “não vale a pena” ser noticiado.

Observando criticamente, os conceitos de noticiabilidade mantêm submissos tanto os produtores de telejornal no momento de transmitir a notícia, quanto o público no momento em que espera ser transmitida uma notícia para qual os veículos receberam uma concessão para cumprir um serviço muito semelhante ao que podemos nomear de serviço público, mas que é tratada como produto.

Aplicando esse conceito de concessão de informação somada a relação de proximidade que, contemporaneamente, faz do telejornalismo local uma das principais fontes informativas, também levando em consideração sua assunção na figura de praça pública para discussões Vizeu (2004), tornando temas não tão relevantes em relevantes.

Novamente em Traquina (2005) podemos ter o vislumbre do estilo a que começou a se dedicar o telejornalismo, que seria um estilo pautado na narrativa e para a narrativa,

oferecendo um produto que nunca esgota o tema trabalhado para os que fazem o “jogo” como diz:

O jornalismo é apenas um espaço fechado de reprodução ideológica do sistema dominante, ou pode ser um espaço aberto a todos os agentes sociais na luta política e social? A resposta desse livro é que o “campo jornalístico” pode ser utilizado como um recurso pelos sociais que oferecem “vozes alternativas”, mas para isso precisam jogar o “xadrez jornalístico”. (TRAQUINA, 2005, p. 25)

Tanto a reprodutividade ideológica ou uma arena para embates político-sociais sustentariam uma hipótese simples para definição de um estilo do telejornalismo, o que seria de um estilo metanarrativo, ou seja, o jornalismo em sua essência seria a reprodução de narrativas, fazendo com que elas alcancem os mais diversificados ambientes e espaços.

Quanto mais lastro ganham as histórias, quanto mais vida ganham dentro de uma reverberação social, o jornalismo vai voltando-se para dentro da própria narrativa, não explorando possibilidades paralelas para investigação da narrativa veiculada, que por sua vez desemboca na limitação da linha interpretativa dos espectadores.

Acreditamos que o telejornalismo policial possa ter encontrado um método, ao qual emoldurou e se enclausurou para resistir às mudanças de comportamento de consumo de produtos televisivos ao qual determinamos aqui como um estilo. Esse estilo televisivo criado pelo telejornalismo policial é basicamente formado por opiniões, vendidas ao público como saberes, o que torna ainda mais temerária a situação do público, que por muitas vezes tem aquele programa como principal veículo de informação.

Em Traquina (2005) temos uma breve explanação que pode nos guiar sobre a incontestável segurança que os (des)feitos dentro do telejornalismo passam aos espectadores, uma vez que é reconhecida a influência que o sistema midiático em si tem sobre a população brasileira. Assim encontramos:

Já há mais de 150 anos, em meados do século XIX, um comentarista britânico referiu-se ao jornalismo para o designar “um poder do reino, mais poderoso que qualquer um dos outros poderes”. Então denominado como o “Quarto Poder”, no início do século XXI diversas vozes do mundo social, político e acadêmico não hesitam em considerar o jornalismo como o “primeiro poder” entre os múltiplos poderes nas sociedades contemporâneas. (TRAQUINA, 2005, p. 187)

Dito isto, cremos que a concessão figurativa de “poder” ou “Quarto Poder” ao jornalismo, elevando-o a uma posição simétrica do nosso Poder Executivo, Legislativo e Judiciário, acaba por embaralhar não só a cabeça da população, que por vezes não credita uma informação como oficial até que a mesma seja veiculada nos telejornais, ou recorre as

emissoras de TV para fazer denúncias sobre a ausência do poder público em determinada área, mas também mexe com os órgãos públicos uma vez que esses órgãos passam a recorrer aos telejornais não só para divulgarem atos como propaganda, mas também como uma ferramenta de apelo e sensibilização da sociedade, que por fim eleva o ego do profissional do jornalismo a um patamar que jamais deveria ser elevado.

5.1 A INDÚSTRIA DA INFORMAÇÃO À SERVIÇO DA DESINFORMAÇÃO

Para boa compreensão de todo cenário que a nossa pesquisa se propõe a desnudar faz-se necessário ter um bom entendimento em bases de definição daquilo que convencionalmente chamamos de telejornalismo.

Para tal, encontramos primeiramente em (Curado, 2002, p. 15) como sendo o programa que existe para: “Oferecer ao público informação sobre os fatos da semana, do dia, da hora, do momento”. A partir disso, começamos a deter o conhecimento de que o telejornalismo é o exercício de uma função fática, a função está interligada a profissão de repórter, jornalista, apresentador, no qual sua orientação básica gira em torno da veiculação de notícias, essas que são as informações que detenham conteúdo relevante para o público e que em certa medida são a razão pela qual existem esses programas.

Nos municiando com informações relevantes ao processo informativo, encontramos em Demo (2000) uma discussão pertinente, na qual coloca ele que a desinformação e a informação são duas faces de uma mesma moeda, e que na medida que um indivíduo informa esse processo se possibilitou através de escolhas de elementos informacionais que o filtro (jornalista) elenca aqueles que poderiam ser captados (por facilidade, compreensão ou interesse) e outros não. Na mesma medida nos diz o autor que:

Em certo sentido, todo processo informativo é manipulador, porque seleciona a informação disponível, além de a interpretar hermenêuticamente. Esta é marca do conhecimento como tal: à medida que conhece a realidade, destaca nela o que o método pode captar, além de impingir interpretações orientadas pelo interesse, por vezes escuso. (DEMO, 2000, p. 40)

Assim como destacado acreditamos na ocorrência de interesses escusos nas indústrias de comunicação e informação, esses interesses podem guiar a interpretação de fatos, aceitação de pautas e orientações nas guias telejornalísticas que interpelam um público ávido à ser notificado daquilo que acontece ao seu redor, mas que pouco se

questiona do porque aquilo acontece ao seu redor.

(Vizeu, 2009, p. 77) entende que o telejornalismo: “É resultado de uma atividade profissional de mediação vinculada a uma organização que se dedica basicamente a interpretar a realidade social e mediar os que fazem parte do ‘espetáculo mundano’ e o público”. Notemos que essa definição não se afasta muito do conceito citado anteriormente, o que nos deixa seguros em trabalhar com conceitos e definições as quais autores são adstritos na percepção de que o telejornalismo atua principalmente como um agente ativo dentro da sociedade, tendo uma capacidade especial de causar nos telespectadores algumas sequelas emotivas, como repúdio, raiva, empatia, compaixão e outros sentimentos que podem ser despertados pelo vínculo da imagem e da narrativa.

Perseguindo esse raciocínio de que o telejornalismo causa efeitos sobre o seu público, encontramos em Temer (2012) a colocação de que o Brasil que conhecemos, com uma norma padrão de fala, só começou a ser visto assim como também desejado por parte da população brasileira (mesmo que aquele país mostrado não fosse real, mas apenas imaginado) em um momento de uma marca inaugural, ainda que simbólica, no ano de 1969, quando temos a estreia do Jornal Nacional, “para todo país”. A partir desse momento, entendemos que o nosso país começou a ser realmente “visto” por grande parte de sua população, que passou a se reconhecer como membros de um corpo social ativo pelas lentes das câmeras e interpretações oferecidas por um telejornal, ou seja, temos a partir desse momento um reconhecimento mediado.

No mesmo caminho, encontramos em Aires (2011) mais afirmações do poder midiático sobre os indivíduos, mas não só na figura de mediador, e sim como organizador social dominante, quando diz:

A mídia atua como um dispositivo social na construção de falas autorizadas. O campo jornalístico e, podemos dizer também, o campo midiático exercem uma forma de dominação bastante particular, uma vez que são estes campos que permitem a expressão pública dos demais (AIRES, 2011, p. 11).

Essa atuação midiática como organizador social fica mais clara quando trazemos à tona alguns dados. Em pesquisa do Kantar IBOPE Media⁶, realizada no ano de 2017, foi apontado que 84% dos respondentes garantem confiar sua rede de informação em jornais veiculados na TV ou rádio. Esse estudo aponta também que a classe C foi responsável por

⁶ Disponível em: < <https://www.kantaribopemedia.com/brasileiros-confiam-nos-meios-de-comunicacao-para-se-manter-informado-indica-estudo-da-kantar-ibope-media/> > Acesso em: Mar 2019.

52,9% da audiência do telejornalismo na TV aberta. Ao mesmo passo, com base em pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE) noticiada pela Empresa Brasileira de Comunicação (EBC)⁷, vemos que das 69 milhões de residências no Brasil, apenas 2,8 % delas não possuem um aparelho de televisão, dado que comprova a presença massiva da TV dentro da sociedade brasileira.

Somamos os dados já citados a outro resultado estatístico mundial levantado pela pesquisa global da Ipsos – Perigos da percepção 2017⁸. A pesquisa levantou informações sobre a opinião da população de um país com a sua realidade, a fim de saber o quanto as pessoas conhecem daquilo que está acontecendo a sua volta. Assim, entrevistando cerca de 29,1 mil pessoas em 38 países, foram realizadas perguntas sobre taxa de homicídio, índices de gravidez na adolescência e número de imigrantes presos em seu país. O Brasil ficou em 2º colocado perdendo apenas para a África do Sul, mostrando que nada ou pouco conhecem daquilo que de fato ocorre em nossas terras.

Relacionando essas últimas informações, vemos que o fato de termos a presença de pelo menos um aparelho de TV em 69 milhões de residências em nosso território nacional, pode significar que a população realmente credite suas expectativas informacionais em nossos telejornais. Isso reflete o dado citado anteriormente de que entre 38 países somos o segundo colocado no quesito desinformação. Tal fato acaba por denunciar uma agenda de pouca contribuição informativa no atual trabalho feito no telejornalismo contemporâneo.

Ainda não aturdidos com a confrontação dos dados obtidos, buscamos em Rocha (2011) mais elementos para corroboração do nosso pensamento, no qual vemos que:

O papel desempenhado pelo jornalismo não é exclusivamente positivo como vislumbrado na sua face positiva de fortalecer o sentido do consenso social e contribuir para a evolução do processo civilizatório. Por outro lado, o conhecimento produzido pelos jornalistas também apresenta limitações lógicas decorrentes não só dos condicionamentos culturais históricos, mas também dos problemas estruturais de sua configuração industrial (ROCHA, 2011, p. 281).

Temos aqui mais uma construção que acompanha nosso pensamento acerca das limitações em que se funda nosso atual telejornalismo, como também impõe tal limitação sobre o seu público, uma vez que se faz inegável a influência do primeiro sobre o segundo. Assim, podemos dizer que, de acordo com os pontos levantados até aqui, observamos que

⁷ Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-02/uso-de-celular-e-acesso-internet-sao-tendencias-crescentes-no-brasil>> Acesso em: Mar 2019.

⁸ Disponível em: < <https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-tem-2o-populacao-mais-fora-da-realidade-do-mundo/>> Acesso em Mar 2019.

nos telejornais brasileiros existe uma agenda a ser cumprida, tal dedicação ao cumprimento dessa agenda desvia o trabalho do telejornalismo de sua premissa básica que é informar, ou podemos acreditar que essa desinformação possa ser proposital – no sentido de ser produto da manipulação informacional – para que possa cumprir uma agenda de esvaziamento dos espaços de saber e consequentemente dos espaços de poder do nosso país. O que nos dá uma perspectiva de que a construção e compreensão social do brasileiro passa por um crivo, e esse crivo é primeiramente televisivo.

5.2 ESTILO TELEVISIVO UMA REALIDADE NA PRODUÇÃO DO TELEJORNALISMO POLICIAL

Butler (2010) nos dá a noção de que a televisão possui um estilo próprio de se comunicar com seu público, esse por ele chamado de “estilo televisivo”, seria um padrão único de expressão televisivo, assim como o cinema já possuía o seu estilo e aos estudiosos da TV caberia elaborar o estilo da nova mídia.

Consideramos a partir dessa premissa a característica da TV de estar profundamente inserida na sociedade brasileira como parte quase indissociável do dia a dia do brasileiro, tendo em vista que o ato de assistir televisão constitui um hábito diário da nossa população.

Ainda em Butler (2010) vemos que é atribuída a figura de um autor para efetiva composição de um estilo televisivo, a esse ponto com o nosso entendimento existe um dissenso, uma vez que não há possibilidade de haver um autor para programas de telejornalismo, assim configuramos que a moldura desse estilo fica a cargo do apresentador do programa, uma vez que ele seja o fio condutor do programa, aquele que age para atrair o público de acordo com sua performance.

Temos de considerar que os programas de televisão se constituem sob uma ótica de lucro tutelada por uma indústria da comunicação, a qual deve devolver os investimentos e possibilidade de publicização daquela programação dentro de uma grade de horários bastante disputada, uma vez que o horário das 12:00 tem características de horário nobre da TV, uma vez que há a possibilidade de que muitas pessoas estejam disponíveis naquele momento para acompanhar uma programação. Ou seja, o programa televisivo deve atender estratégias comunicativas para se tornar rentável.

Devemos estar atentos também ao fato de que o espaço da televisão deve ser uma área de comunicação democrática, uma vez que ela cede aos cidadãos a possibilidade de

maior informação em um menor espaço de tempo já que para isso recebe uma concessão pública, essa que é regulada por aparelhos e decisões que fazem parte do Estado e recebendo em troca sua audiência, o que se reflete em lucro.

Assim podemos apontar que um dos motivos da caracterização de um estilo televisivo pauta-se naquilo que deve gerar mais lucro, fazendo com que a produção se molde aos modelos e padrões de cunho popular usando um elemento que chame a atenção do público.

Temos a ciência de que cada estilo impacta a produção de televisão como meio de transmissão por seu próprio meio, moldando abordagens que migram do empirismo ao racional, o qual Butler (2010) nos dá o exemplo dos estudos das etnografias culturais os quais se debruçam sobre o receptor (público) ao invés de questionar o transmissor (TV).

Ainda seguindo a linha de raciocínio das etnografias culturais, do qual o público é o alvo dos estudos para moldura do estilo televisivo, em nosso caso específico vemos que o telejornalismo policial tem por premissa racional de estilo a polêmica.

Para Almosy (2017) a polêmica é considerada uma companheira indesejada, ela tem má reputação, por atrair diversas críticas de opositores e simpatizantes, o que explica o fato de ninguém assumir explicitamente que polemiza em seus discursos.

Maffesoli (2010) já havia discorrido sobre a maneira como em nossa época se tornou muito fácil fazer com que o público confunda opinião pública com opinião publicada, uma vez que as noticiabilidade das narrativas são feitas para serem fáceis de engolir, gerando repercussões que convém a mediocridade generalizada.

A forma rasa com que os temas são apresentados nos programas de telejornalismo policial, nos passam a sensação de que as reportagens são meras ferramentas de desconforto social. Para Curado (2002) uma vez que cenas de violência são constantemente apresentadas levam a sua banalização e a dessensibilização do público.

Da mesma forma Gandour (2016) explana que o público hoje, mesmo com a grande possibilidade de se informar graças a diversas ferramentas como: internet e *sites* de rede social, nossa população não consegue diferenciar o que é opinião daquilo que é informação, sendo convencidos por qualquer pessoa que se coloque frente a uma câmera e comece a discursar sobre um tema.

Por esse motivo construímos nossa hipótese sobre a premissa de que o estilo televisivo moldado pelo telejornalismo policial concentra suas forças narrando opiniões, para com isso levantar polêmicas e reduzir a possibilidade de debate concernentes aos fatos ali apresentados.

5.3 TELEJORNALISMO POLICIAL FIDELIZADOR: QUANDO A MARCA DITA A REGRA

À medida que as novas tecnologias de comunicação avançam, propiciando o surgimento de novas interações comunicativas, visualizamos a sociedade discutir as novas formas de consumo e adaptação dessas ferramentas tecnológicas, usadas na contemporaneidade, junto aos conteúdos e gêneros principalmente dentro do aspecto televisivo.

Dentro desse processo de mudança e adaptação da TV a uma nova realidade midiática, pudemos perceber que as propostas oferecidas pela televisão vagam das mais triviais (aquilo que já era feito e acaba apenas sendo potencializado), vemos processos de mimese na qual as produções televisivas adaptam aquilo que está sendo feito principalmente na internet e vemos também ela apresentar propostas de consumo próprias a sua linguagem.

Considerando o que foi observado em França (2015) temos apontamentos que há uma mudança clara de posicionamento em nível global da forma com que os grupos empresariais têm trabalhado para se manter no mercado, para vender seus produtos ou serviços, gerada pela mentalidade de trabalho em um nível global, mas com foco naquilo que acontece e sua localidade territorial, a chamada “glocalização”.

De acordo com Silveira, G.C, e Dineli (2018) a mídia por si só gera interferências no comportamento de consumo, e estratégias de fidelização decorrentes de um processo midiático tendem a influenciar a percepção do público, uma vez que a percepção da marca é construída através dos múltiplos pontos de contato do consumidor com a marca.

Com o nosso recorte de pesquisa é centrado no telejornalismo policial refletimos também sobre aquilo que podemos considerar como marcas (aquilo que identifica e distingue). Construímos o nosso entendimento apoiado na compreensão que tivemos de Guimarães e Santos (2011) que nos dizem ser uma boa marca, aquilo que consegue levar o produto representado (nesse caso as notícias) ao topo.

Assim podemos supor duas hipóteses nos quesitos de estratégia: 1) na primeira as emissoras utilizam os apresentadores para alavancar os seus programas, 2) na segunda os próprios apresentadores usam os programas e as emissoras para se alavancar e se promover gerando sua independência comunicativa, uma vez que esses apresentadores muitas vezes personalizam a ancoragem televisiva com suas performances pessoais, principalmente com

o advento da internet e as facilidades de comunicação, transmissão e retransmissão oriundas desse processo.

Entendemos que esses pontos tratados até o momento devem ser levados em consideração, pois em nosso entendimento estratégias de fidelização e a internet mudam a maneira como o público se relaciona com o produto televisivo, podendo torná-lo mais propício a aceitar um discurso X e rechaçar um discurso Y.

Ponderando que em França (2015) temos a discussão de que esses fatores trazem à tona um novo tipo de público, sendo este mais exigente, com hábitos de vida e consumo modificados e muito específicos.

A nossa tratativa caminha no sentido de responder uma pergunta que persiste em diversos estudos e análises sobre telejornalismo policial. Quais são os critérios hoje utilizados para considerar uma narrativa como notícia e quais os elementos de um valor-notícia contemporâneo?

5.4 ESTILO TELEVISIVO: O TELEJORNALISMO POLICIAL DENTRO DE UMA ESTRATÉGIA DE FIDELIZAÇÃO DO PÚBLICO POR MEIO DA POLÊMICA

Dentro do nosso objeto de análise temos a presença efetiva do fazer jornalismo, a lida com a informação, sendo ela, a informação mais trágica, subsidiando o uso do sensacionalismo, elemento básico para formação de uma polêmica, principalmente tendo em vista a situação em que se encontra o nosso país no quesito segurança pública e as políticas públicas em relação a esse tema.

As condutas criminosas são acontecimentos que ganham grandes proporções dentro do nosso país, principalmente em questões de noticiabilidade, uma vez que de acordo com reportagem publicada no *site* G1 o Índice de progresso Social – IPS, confirmou em pesquisa que o Brasil ocupa a 11^o posição em um ranking de países mais inseguros do mundo⁹.

De posse dessa informação em que observamos os índices de violência do nosso país, vemos em Rocha (2014) que televisão por ser uma estrutura comunicativa multifacetada com um potencial massivo na discussão e difusão de assuntos essenciais da vida e da cultura brasileira, o que lhe dá dispositivos para cumprir com isso uma função

9 Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/04/brasil-e-o-11-pais-mais-inseguro-do-mundo-no-indice-de-progresso-social.html> >. Acesso em: Jan 2019.

democrática, temos a predisposição de esperar que essa mesma TV possa colaborar com a construção social da realidade de seus espectadores, quanto a isso vemos que:

Consciência formal também permite uma visão crítica sobre a produção de sentidos. Entender as estruturas formais que os textos usam para comunicar com os telespectadores nos ajuda a desvendar os modos pelos quais um anúncio nos persuade, um noticiário molda nossas perspectivas ou um drama retrata o mundo. Análise formal é uma ferramenta crucial para um telespectador alfabetizado em TV. (ROCHA, 2014. p. 1087)

Essa consciência formal nos traz a reflexão do quanto de indução pode existir na condução de um telejornal, em especial tratamos daqueles que tem o noticiário voltado aos casos de violência, o quanto podem eles influenciar a compreensão das questões sociopolíticas que o Brasil enfrenta nesse século XXI, tendo em vista que a violência ocupa um espaço de destaque no rol de temeridades da população brasileira, como apontou pesquisa da Folha de São Paulo¹⁰.

Esses altos índices de criminalidade e grande sensação de insegurança, dão aos produtores e apresentadores de telejornalismo policial mais elementos para tratar da causa da violência como se estivéssemos vivenciando problemas incapazes de serem solucionados, alimentando na população a desesperança, elemento essencial para validar respostas sociais que mais se assemelham a atrocidades, como linchamentos e torturas, além de validar também as violações cometidas nas produções de telejornalismo policial.

Ainda abordando a relação da mídia jornalística e do debate sobre a criminalidade encontramos em Ramos (2007) que explana:

[...] predomina no dia-a-dia da cobertura um tratamento superficial, que revela um investimento ainda pequeno das redações em retratar o setor com a importância que ele tem. Assim, vive-se uma contradição: enquanto a mídia denuncia a gravidade da crise da segurança pública no país, abdica do papel de tomar a dianteira no debate sobre o tema- o que poderia motivar ações do Estado mais eficazes e abrangentes. (RAMOS, 2007, p. 25)

O trecho descrito serve para corroborar nosso pensamento de que a mídia detém em suas mãos grande capacidade de debater democraticamente e com profundidade o problema da violência que ocorre em nosso país, porém o que é feito atualmente principalmente com as produções locais de telejornalismo policial apenas servem para banalizar os fatos, transformando as narrativas que deveriam ser jornalísticas em

¹⁰ Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/07/1897905-1-a-cada-3-brasileiros-tem-medo-de-violencia-e-da-policia-aponta-pesquisa.shtml>> Acesso em: Mar de 2019.

efemeridades, vilipendiando e agredindo direitos tendo a audiência como elemento de troca.

Discutindo mais sobre as ferramentas de comunicação que se colocam como rede de informação pertinentes a segurança pública, mas que porém, não enxergam ou tratam o crime como um processo e sim como um acontecimento, fundamentamos de acordo com o que encontramos em Butler (2010) que o estilo televisivo é uma métrica a ser seguida, um padrão, padrão esse de som/imagem e que sirva a uma função para o texto televisivo.

Entendemos assim que o telejornalismo policial desenvolveu uma maneira própria de ser e estar dentro da televisão, assim em um primeiro momento nos debruçamos sobre o que chamamos de estilo televisivo do telejornalismo policial.

Esse estilo televisivo permite que o contato e a interação sejam mais estreitos, potencializando aquilo que sugere a compreensão de uma simples relação de proximidade, efetivando um processo sistemático e racional, que cativa e impõe ao público para o consumo de um produto padronizado que tem por premissa dar conotações positivas a violações de direitos.

Diversos autores já haviam teorizado sobre um estilo televisivo e a necessidade de empregarmos nessa mídia estudos e pesquisas que tendessem a direcioná-la para um melhor aproveitamento coletivo entre eles podemos citar:

Butler (2010) que tratou sobre a relevância da televisão como prática, assim como sobre a necessidade de revelar um estilo televisivo que diferenciava a TV de outros veículos midiáticos, discursando também sobre uma televisão que não fosse vista apenas como veículo replicante de imagens e sons dando a esta uma aura de presença mais frequente.

Por outro lado, Pierre Bourdieu (1997) discorre sobre a necessidade de se avaliar a TV para que ela não se torne um veículo de opressão simbólica através de imposição de tempo e limitações de assunto, o que tornaria a televisão um veículo ditatorial, ditadura essa iniciada pelo processo jornalístico no momento em que procuram-se temas excepcionais, mas excepcionais apenas para os produtores.

Já Arlindo Machado (2000), diz que se faz necessário uma TV ativa socialmente, como uma ferramenta cultural, ciente de que ela proporciona uma experiência para o seu público, para ele o mais importante é a qualidade da programação oferecida, desse modo, programas de qualidade gerariam debates de qualidade.

Seguindo o caminho deixado por esses autores e as rápidas mudanças que o tempo, e a tecnologia rigorosamente impõe aos produtores e consumidores de televisão,

acreditamos que uma análise sobre o estilo que permite que esse tipo de produção permaneça por tanto tempo vivo e desenvolto em nosso meio.

Segundo Amossy (2017) a polêmica tem atraído atenção em demasia, pois vivemos numa sociedade espetaculosa, e nesse espetáculo da notícia polêmica é possível narrar os fatos apontando vencedores e perdedores sem necessariamente provocar uma reflexão de causa e efeito nas quais se sustenta uma democracia plural, fazendo com que o acontecido não seja tratado como um assunto sério, banalizando-o.

Com mais objetividade Aires e Rosenzweig (2016) nos explicam o motivo do sensacionalismo ser tão afeito do telejornalismo policial, mostram que:

Na guerra pela audiência, as regras para um bom jornalismo são por vezes, deixadas de lado. As notícias sensacionais são aquelas que chocam e atraem o receptor, contudo, elas não apuradas, quase sempre sem profundidade, abordado o imediatismo, por vezes distorcendo o contexto real dos fatos originais. O sensacionalismo na mídia não é algo novo, há muitos anos a televisão tem explorado conteúdos mais apelativos, a fim de escandalizar e emocionar ao mesmo tempo. (AIRES; ROSENZWEIG, 2016, p. 33)

Apesar de existir sim uma guerra pela audiência, visibilidade e reconhecimento por um trabalho feito, porém não podemos esquecer que o trato com o ser humano deve se dar da maneira mais aberta, clara e honesta possível, pois notícias mal apuradas configuram informações erradas passadas a um público ávido por justiça.

Ao contrário do que pensam os apoiadores de conteúdos sensacionalista na televisão, a realidade das apurações desses fatos criminosos infelizmente quase nunca encontrar um desfecho digno. Nossa polícia investigativa não consegue acompanhar a demanda de casos que se apresentam para apuração fazendo com que nem 10% dos casos sejam esclarecidos como aponta matéria do jornal Gazeta do Povo.¹¹

Com tantos crimes sem solução um jornalismo que preze não só pela profissão, mas também pela incolumidade das pessoas deve noticiar com cuidado e atenção, principalmente aqueles que atuam no telejornalismo policial, pois crimes muito violentos costumam despertar na parte da população mais emocionada muito mais do que um sentimento de revolta, mas também o desejo de retaliação e também ações penais, resultando em perda financeira e de credibilidade.

¹¹ Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/brasil-nao-soluciona-nem-10-dos-seus-homicidios-d726kw8ykpwh6xm41zakgzoue/> >. Acesso em: Jan 2019.

Como exemplos de caso podemos citar o que ocorreu em com o jornal, O Nacional, do Rio Grande do Sul, que erroneamente noticiou a morte e publicou a imagem de um jovem de nome Luiz Gustavo, como vítima fatal de disparos de arma de fogo, fato que o Tribunal Judiciário do Rio Grande do Sul – TJRS interpretou como negligência na apuração dos fatos, condenando o jornal ao pagamento de indenização¹².

Outro exemplo de caso onde notícias mal apuradas geraram desconforto as empresas de comunicação além de prejuízo financeiro é o caso da Escola Base¹³, no qual os donos da escola de educação infantil e o motorista da van escolar foram acusados de violência sexual contra menores. A decisão judicial entendeu que eles foram acusados e julgados pela mídia noticiosa, entre os envolvidos o Grupo Folha deve pagar uma indenização próxima 1,5 milhões de reais.

De modo geral essas polêmicas trazidas à luz, por meio do telejornalismo policial provém de ataques que versam sobre Movimentos Sociais, práticas de Moral e Ética, e ao Estado (principalmente no que diz respeito a ação do Poder de Polícia, e política de Direitos Humanos), com isso ganham visibilidade já que essas temas estão em constante conflito com diversas camadas da sociedade.

Sabendo que a Televisão atua como meio de produção de sentido na sociedade moderna, assim como também de enriquecimento e de legitimidade dos acontecimentos Miller (2009). É possível que os programas de telejornalismo policial tomem proveito desse efeito concedido pela produção midiática para assim fomentarem a descrença nos aparelhos repressivos do estado como a polícia e o próprio poder judiciário.

Hoje em termos específicos o grande alvo desse tipo de produção é a pasta que trata dos assuntos ligados aos Direitos Humanos, aos quais são acusados veementemente de proteger indivíduos que agem a margem da lei.

Essa postura de desrespeito, nos faz crer que existe por parte dos produtores, repórteres e apresentadores de telejornalismo policial a tentativa de despertar no público uma nova sensibilidade e como dito por Maffesoli (2010) essa nova sensibilidade viria motivada por um encantamento no qual se presta a reprodutibilidade de palavras vazias de sentido, mas que dão a sensação de resolubilidade do problema. Fazendo brotar uma punjante insensibilidade, e falta de empatia, na qual vemos a aplicação da suposição hobbesiana de homens voltados contra os homens.

¹² Disponível em: < <https://tj-rs.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/499282335/apelacao-civel-ac-70073685893-rs/inteiro-teor-499282354> >. Acesso em: Jan 2019.

¹³ Disponível em: < <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/12/caso-escola-base-rede-globo-e-condenada-pagar-r-135-milhao.html> >. Acesso em: Jan 2019.

5.4.1 Como funciona o estilo televisivo do telejornalismo policial?

Por suposto não seria possível discorrer sobre um estilo televisivo de telejornalismo policial sem descrevê-lo. Assim, agora, nos prestamos a descrição desse que determinamos ser um estilo de grande relevância em nossos dias.

Mais uma vez, observando em Butler (2010) encontramos que os elementos do estilo televisivo dependem de uma estética e essa estaria contida na harmonização dos elementos de imagem e som.

Observemos, as reportagens transmitidas pelos programas de telejornalismo policial, em sua maioria contam com imagens que sugerem sombra, pouca iluminação com tons escuros, o que comunica incerteza ao espectador, muitas vezes esse cenário é o natural dos locais onde acontecem os eventos que o jornalista deve estar para passar a notícia (delegacias mal iluminadas, ruas com falta de iluminação pública, locais ermos) esses cenários podem incorrer na interpretação do público.

Enquanto o palco onde o apresentador guia o programa é sempre bem iluminado e com cores vibrantes causando a elevação do contraste que pode ser interpretado como luz/trevas, bem/mal.

Em quesitos do uso de som, podemos perceber que esse tipo de programa faz uso de sons graves, as reportagens são ambientadas na edição com sonoridades que favorecem a tonalidade grave, com isso faz-se surgir um peso e junto a ele uma ansiedade para que o caso apresentado chegue logo a sua conclusão.

Já o uso rotineiro de músicas para ambientar os palcos onde o apresentador costumeiramente deixa sua opinião após a apresentação das reportagens essas músicas em geral possuem temáticas alegres, descontraídas ou até mesmo esdrúxulas para que assim ele use do sarcasmo e possa fazer chacota dos casos apresentados.

Relacionando ainda sobre essas questões de estilo que envolvem o telejornalismo (Rocha, 2014, p. 1094) nos diz que tal uso pode ser para “A abordagem do estilo nos possibilita indagar pelas inflexões culturais e históricas significativas na composição das produções televisivas. Isto, porque, tal abordagem procura combinar análise textual e contextual.”

Esses elementos correspondentes as questões de uso da imagem, som e estética fomentam a nossa discussão do uso de um estilo, e esse estilo é alimentado pelo uso narrativo da polêmica, dessa forma mostram-se mais um produto com ânsia de orquestrar e difundir dissensos sobre os chamados assuntos de interesse público.

Por outro lado, encontramos em Bordwell (2008) outros elementos que nos ajudam na descrição daquilo que seria um estilo televisivo para que possamos aplicá-lo a lógica do telejornalismo policial, uma vez que nele encontramos também as funções de que derivam o estilo, elas são distribuídas em quatro. Sendo elas:

A primeira função abordada é a função denotativa, que para Bordwell (2008) seria:

Primeiro serve para denotar o campo das ações, agentes e circunstâncias ficcionais e não-ficcionais. Como na literatura a função denotativa do estilo cinematográfico determina muita coisa: a descrição dos cenários e personagem, a narração de suas motivações a apresentação do diálogo e dos movimentos. (BORDWELL, 2008, p. 59)

Assumindo a guia obtida no trecho transcrito vemos dentro do telejornalismo policial a função denotativa ser cumprida, principalmente quando apresentadores e repórteres apresentam uma reportagem que irá ser apresentada em seguida, ali coloca ele a disposição de uma compreensão do espectador a provável identificação do suspeito, a suposta motivação da sua conduta, o local onde tivera ocorrido o suposto crime.

Como exemplo do cumprimento dessa função denotativa, trazemos aqui a introdução de uma reportagem transmitida no dia 18 de junho de 2018 no programa cidade em ação, curiosamente a reportagem apresentou dois títulos, num primeiro momento de transmissão o título da reportagem era: **Duas pessoas são baleadas no Geisel e levadas ao hospital de Trauma**. Em um segundo momento o título da reportagem foi mudado para: **Travesti sofre tentativa de homicídio no bairro do Geisel**.

No dia da transmissão o programa estava sendo apresentado pelo comunicador Whashington Luiz, em substituição ao apresentador oficial do programa o comunicador Sikera Jr. A reportagem trata de um suposto tiroteio no bairro do Geisel, cidade de João Pessoa, nesse suposto tiroteio duas pessoas ficaram feridas e foram socorridas para o Hospital de Traumas, localizado também na cidade de João Pessoa.

Quadro 06: função denotativa programa Cidade em ação

Apresentador	Bairro do Geisel (+)(+)(+)(+) Wellington Batista (+)(+) Silva de 21 anos (+) ele foi baleado no bairro do Geisel na noite de ontem (+) a vítima era travesti e esperava um cliente quando um casal em uma moto passou atirando a travesti foi ferida (+) identificado com o nome artístico de Ester como é conhecida ela foi transferida para o Hospital de Traumas Senador Umberto Lucena um homem que passava no local com
--------------	--

	um cachorrinho estava passeando com o animal foi atingido com uma bala perdida no momento do tiroteio a nossa equipe acompanhou de perto o trabalho do SAMU você vai ver na tela.
--	---

Fonte: o autor

Partindo desse ponto exemplificado da função denotativa, vemos como o apresentador coloca as marcas de identificação como o nome completo da vítima, idade, qual a sua ocupação financeira e o que estava fazendo no local em que o crime aconteceu. Com essas colocações vemos que surge no apresentador a tentativa de recriar o ambiente em que o ato viera a acontecer, ele não narra os fatos como se fossem fruto de uma colheita de informações, mas sim, como se os houvesse o presenciado.

A segunda função abordada é chamada de função expressiva é colocada por Bordwell (2008) como aquilo que:

Há muitos argumentos filosóficos sobre como a expressão funciona nas artes, mas, para meus propósitos, uma outra distinção é válida. Podemos distinguir entre estilo que apresenta qualidade de sentimento (o plano transmite tristeza) ou causa sentimentos no espectador (o plano me deixa triste) na maioria das vezes, vou me ater a primeira dimensão da expressão, mas não há como passar por cima do poder do estilo de “contaminar” o espectador com sentimentos fortes. (BORDWELL, 2008, p. 59)

Essa função seria a responsável pelas ligações emocionais das reportagens apresentadas com o público, o fio condutor para essas emoções aflorarem passa pelo apresentador, de acordo com o seu discurso após cada reportagem apresentada, podemos esperar a tentativa de chocar o público com sentimentos e emoções diversas.

Trazemos como exemplo de cumprimento dessa função expressiva, uma reportagem transmitida no programa Fala cidade transmitida no dia 18 de junho de 2018, o título da reportagem: **Idoso de 79 anos é morto por asfixia durante assalto em Remígio**, o fato criminoso noticiado aconteceu na cidade de Remígio interior do estado da Paraíba.

Quadro 07: função expressiva programa Fala cidade

Apresentador	Olha aí Ivani isso é a filha da vítima né? Dizendo (+) até que ponto tá se chegando quando eu digo oia o mundo vai se acabar o mundo vai acabar mas o mundo vai acabar com aquela história de Nostradamus dizia que vai cair um vem lá um meteoro cair no meio da Terra explodiu a Terra não vai não o
--------------	--

	ser humano vai se acabar antes que isso aconteça que prazer que prazer existe em você ver o outro agonizando com um saco de plástico na cabeça né? Asfixiado com um saco de plástico sufocando sem poder respirar? me diga ai que prazer existe nisso? o que merece uma figura dessa o que merece um negócio desse ? me diz aí? e tem mais essa esse sinhozinho foi o que foi morto (apontando para o telão onde aparece uma foto da vítima) foi morto asfixiado pegaram um saco de plástico botaram na cabeça dele amarraram no pescoço e viram ele agonizando lá querendo respirar sem poder puxando sufocado puxando o ar sem poder e digo mais a a a a a filha dele a filha dele né Ivani iscapô ela iscapô num sei como num fizeram a mesma coisa cum ela num sei como num fizeram a mesma coisa com essa mulher ai também (apontando ao telão onde aparece uma imagem da filha da vítima) eu num sei como num fizeram a mesma coisa pois como quem mata um mata dois quem mata um mata dois mata três mata quatro e num tá nem ai quem mata as vezes diz assim não Erly existem mortes matadas diferentes concordo morte matada no interior é aquela que você tira a vida do outro um tiro de disparo de arma de fogo matô de longe agora vô dizer um negócio a você e sei que é morte é crime do mesmo jeito merece ir pro inferno do mesmo jeito quem mata quem tira a vida agora você tirar a vida de um veinho desse pegar um saco de plástico butar na cabeça dele dá um nó embaixo e esperar a pessoa agonizar sufocar até morrer meu irmão merece uma cadeira elétrica um negócio desse merece r pro inferno isso ai nem o capeta quer nem o djabo quer ummmma peste dessa nem o djabooo quer esse é o primeiro a ir pro caldeirão do inferno o cara que faz um negócio desse né.
--	---

Fonte: (o autor)

Com essa exemplificação podemos perceber a função expressiva em uso no telejornalismo policial, além de tratar de um assunto que por si só seria capaz de gerar comoção social, o apresentador faz um uso recorrente da repetição, apontando repetidas vezes a maneira cruel com que a vítima fora assassinada além de apelar a dualidade cristã, que atribui a figura do mal ao Diabo, que assim seria o mal por excelência e que nem este mal aceitaria tal ato.

A função que segue na terceira linha seria a função simbólica, através dela Bordwell (2008) aponta que:

O estilo também pode produzir significados mais abstratos e conceituais; ou seja, o estilo pode ser simbólico. Numa pintura uma árvore (denotada) pode também ser um símbolo de fecundidade; a caveira distorcida inclinada no primeiro plano de *Os embaixadores*, de Holbein, pode ser uma advertência de nossa mortalidade. (BORDWELL, 2008, p. 60)

Essa função age sobre os elementos cognitivos do telespectador, sugerindo ou imprimindo um valor socializado, porém não concreto ou evidente, as várias representações gráficas que permitem o agir simbólico se fazem presentes no telejornalismo policial também através das cores utilizadas nos cenários, que são em grande maioria vibrantes, dando uma ideia de elevação em quanto as “entrevistas” que são reportadas geralmente se dão na ausência de luz, muita sombra, por outras vezes quando a reportagem se dá em uma delegacia vemos que são colocados amostra armas e drogas provavelmente encontradas com os suspeitos, mas que também servem para sugerir o grau de periculosidade do suspeito preso.

Como exemplo do cumprimento dessa função, temos as imagens (A, B e C) que nos trazem a simbolização de periculosidade, induzidas nos programas de telejornalismo policial da Paraíba.

Imagem A: função simbólica programa Fala cidade



Fonte: TV Manaíra

A primeira imagem faz parte de uma reportagem levada ao ar no programa Fala cidade, apresentado pelo comunicador, Erly Fernandes, o caso aconteceu no dia 15 de

junho de 2018, mas foi ao ar no dia 18 de junho de 2018, o título da reportagem: Mulher é presa com oito armas em casa e é liberada após audiência de custódia, a caso apresentado trata da suspeição de crime por uma jovem de 19 anos, identificada como Luana Alves da Silva, que fora presa em sua residência no bairro do Rangel, cidade de João Pessoa, a prisão teria como fundamento a posse ilegal de armas, uma vez que no quintal da jovem foram apreendidos uma submetralhadora e cerca de 8 revólveres e pistolas.

A reportagem também da conta de que após audiência de custódia a jovem havia sido liberada para responder ao processo em liberdade.

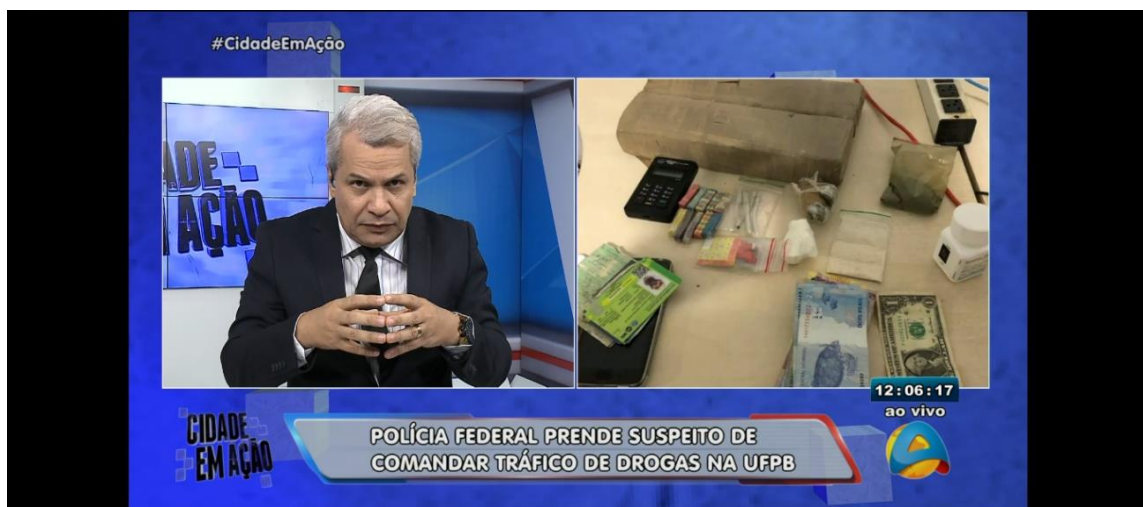
Imagem B: função simbólica programa Correio verdade



Fonte: TV Correio

O segundo exemplo do cumprimento dessa função está na imagem que trouxemos do programa Correio verdade, apresentado pelo comunicador Samuka Duarte, exibido no dia 11 de julho de 2018, o título da reportagem: Trio é flagrado no bairro de Oitizeiro com espingarda calibre 12 e drogas. O caso apresentando trata de dois menores apreendidos e um maior preso pela Polícia Militar do estado da Paraíba no bairro do Oitizeiro, cidade de João Pessoa, que atestou chegar aos acusados no momento em que faziam rondas pelo bairro.

Imagem C: função simbólica Programa Cidade em ação



Fonte: TV Arapuã

A terceira imagem de exemplo do cumprimento da função simbólica é oriunda do programa Cidade em ação, apresentado pelo comunicador Sikera Jr., a reportagem foi ao ar no dia 23 de julho de 2018 com o título: Polícia Federal prende suspeito de comandar tráfico de drogas na UFPB. O caso trata de um rapaz morador da casa do estudante da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, cujo nome não foi identificado na reportagem que supostamente se deslocava até uma festa *rave* na cidade do Recife, em uma ação conjunta da Polícia Federal e do Batalhão de Operações Especiais – BOPE/PMPB, após abordagem uma diligência foi conduzida até a casa do estudante da Universidade mais drogas foram encontradas.

Por fim na quarta linha vemos a função decorativa, para Bordwell (2008) essa função:

Cria climas discretos e padrões mais envolventes por seus próprios meios, levando-nos a descobrir uma ordem escondida ou a notar pequenas diferenças. Mesmo com toda denotação terminológica, podemos nos referir à última função do estilo como uma função *decorativa*. (BORDWELL, 2008, p. 60)

Aqui temos as especificidades na montagem do cenário dos programas de telejornalismo policial, muitas vezes usados como púlpitos, o lugar de fala de onde deveria ser feita uma condução mediadora dos conflitos pertinentes a sociedade moderna é ornamentada como se realmente fosse uma arena medieval, palco de batalhas severas.

Sua organização é muito simples para que haja dinamicidade e permita a livre circulação dos apresentadores e por ventura convidados que se fazem presentes para rápidas participações, além de anunciantes que demonstram e oferecem produtos no palco, na ornamentação dos programas de telejornalismo policial identificamos que a peça chave é a presença de um telão que ajuda na chamada de reportagens e links ao vivo com entrevistados diversos, além da utilização intensa das redes sociais, que nos dias atuais se faz indispensável.

Como exemplo aplicado dessa função decorativa temos as imagens (D, E e F) dos palcos dos programas analisados, observando-as vemos as semelhanças no que tange a organização cenográfica dos programas, como se eles dialogassem entre si, mesmo sendo concorrentes. O que deixa evidente a estrutura semelhante para discorrer sobre a temática da violência nas cidades.

Imagem D: função decorativa programa Cidade em ação



Fonte: TV Arapuã

Imagem E: função decorativa programa Correio verdade



Fonte: TV Correio

Imagem F: função decorativa programa Fala cidade



Fonte: TV Manaíra

Analisando as imagens em tela fica evidenciado o estilo televisivo implantado na função decorativa, os programas tem a mesma estrutura visual. Um palco com bastante espaço em sua frente que possibilita a movimentação do apresentador, tanto quanto seu

deslocamento para qualquer lado do cenário, assim como também a entrada dos patrocinadores que comumente tomam a palavra e começam a dividir o palco com o apresentador para realizar a demonstração de seus produtos.

Os três programas optam pelo tom azulado em seus cenários, com telas de grandes polegadas colocadas num mesmo posicionamento, os trajes que são escolhidos para que os apresentadores vistam durante a apresentação do programas estabelecem um diálogo não-verbal com os espectadores, com a intenção de que o público interprete a pessoa que se apresenta na TV com trajes formais, é detentor de poder, um indivíduo que vai falar possíveis verdades, e mantém fácil diálogo com o público, pois na maioria das vezes eles estão usando uma comunicação verbal informal.

6. DISCUSSÃO PRELIMINAR

Em nossas observações sobre o gênero televisivo telejornalismo policial, pontuamos alguns acontecimentos que são preponderantes na condução, apuração e disseminação das notícias no telejornalismo policial, uma vez que a esse formato televisivo o intuito principal é fazer o acompanhamento de diligências policiais, chegando aos locais para fazer cobertura dos casos de crime ou desvio. Assim ao longo de nossa pesquisa conseguimos observar que esse acompanhamento se dá em três expectativas de tempo distintas, sendo elas:

1) A chegada anterior a das autoridades policiais, no qual a cobertura rotineiramente tende a invadir a chamada área do crime, que serviria de objeto de perícia policial, porém ao tempo que esta possa ser feita já estará contaminada, além das praxes de “entrevista/interrogatório” com possíveis testemunhas ou vítimas, desvirtuando também um serviço posterior que cabe a autoridades da segurança pública.

2) A chegada no mesmo momento que as autoridades policiais, nesse caso causam uma preocupação a mais ao serviço da polícia tendo em vista que grande parte dos casos onde a força policial necessita ser empregada é decorrente de acontecimentos com armas de fogo, resultando assim que os agentes públicos além de se preocuparem com a sua própria segurança e a segurança de pessoas que moram nos locais onde está acontecendo a ocorrência, também acabam ganhando a responsabilidade extra de cuidar dos repórteres e cinegrafistas que imprudentemente avançam a essas zonas de confronto, sem o menor cuidado, treinamento adequado ao que diz respeito a movimentação em áreas de conflito além de não possuírem equipamento de proteção como coletes balísticos.

Assim resultando com que os policiais ali em ação não possam se preocupar apenas com o cumprimento do seu dever, realizando assim suas atividades legais de acordo com o treinamento a eles conferido.

3) A chegada ao local após as autoridades policiais, nesse caso mesmo que atrapalhando em menor grau o serviço policial o resultado obtido não é menos chocante, já que nessa situação uma possível vítima, ou mesmo um acusado, serão interpolados ao bel-prazer do repórter, esse que na maioria das vezes exige resposta.

Esses pontos elencados por nós fazem parte de nosso entendimento de que existe um sistema que organiza uma cobertura televisiva, essa que fundamenta discursos e posições ideológicas como diz Barata (2010):

A cobertura televisiva das ações policiais e das diversas manifestações de violência propaga certa forma de discurso que merece ser analisado cuidadosamente. Tratam-se de perspectivas relacionadas à violência, justiça, valores morais e práticas que são transmitidas por meio de seu discurso. Desta maneira, esta área, a mídia policial televisiva, expõe tensões que se referem, do ponto de vista de seu discurso, ao que é aceitável e razoável e do que não é aceitável, sendo prontamente execrável, condenável. (BARATA, 2010, p. 57)

Percebamos que quando o autor cita as questões de perspectiva vislumbramos o fato de que nos programas de telejornalismo policial quase nunca os debates adentram na esfera de causas e soluções plausíveis para as questões de violência em nossa sociedade, mas sim, em observações rasas, superficiais, imediatistas ou até mesmo odientas.

Nessa caminhada entendemos que uma das principais características do atual telejornalismo policial empregado nas redes televisivas nos passa um caráter de vigilância, mas essa vigilância não é apenas fruto de uma busca incessante pela notícia, ou na busca pelo novo, mas sim uma vigilância das práticas cotidianas, vigilância dos costumes atuais, persistindo numa visão que aborde essa característica vemos que Oliveira (2012) nos diz:

Na verdade, o noticiário é um produto fabricado por aqueles que nele trabalham, com funcionários de uma engrenagem maior, que sofrem as pressões e exigências, das quais nem sempre se dá conta. A linha editorial da empresa jornalística, acrescida do desejo direto do dono da empresa, é que determina o que, quando e como será editado o telejornal. Apesar da notícia ser fabricada de determinada maneira a depender do grau de interesse da empresa, esta mesma notícia, acima de tudo, dependerá do êxito da audiência que vai alcançar. (OLIVEIRA, 2012, p. 08)

O dia-dia das pessoas está submetido ao crivo da noticiabilidade subvertida, ao qual não basta apenas ser um fato que desperte interesse de alguns, o fato além de despertar o interesse necessita ser vendável, somando-se ainda o grande processo de sensacionalismo que cada reportagem recebe, com tipos de exposições que invadem a mais íntima esfera da vida privada.

Seguimos então com as análises que embasaram essas observações acerca dos programas analisados, extraindo deles discursos dos quais realizamos as transcrições e análises.

6.1 ANALISES

6.1.1 Primeiro caso - Reportagem: greve dos caminhoneiros (Programa Cidade em ação – TV Arapuã).

A reportagem em questão foi transmitida ao vivo, no dia 24 de maio, no programa Cidade em ação da TV Arapuã.

Nesse caso tínhamos uma reportagem que fazia a primeira cobertura sobre a greve dos caminhoneiros, que à época ainda tomava corpo e se espalhava pelo Brasil. O fato gerou muito impacto na sociedade e mobilizou muitas pessoas que apoiavam a greve levando para alguns dos pontos de bloqueio espalhados pelas mais diversas regiões do país alguns mantimentos como: água e alimento para os caminhoneiros grevistas.

Após a reportagem ao vivo, em um ponto de bloqueio na cidade de João Pessoa, a produção faz uma retomada passando a palavra ao apresentador, Sikera Jr, assim exatamente aos 27 minutos de transmissão em contato interativo com o público através de uma *live* pela rede social, *Facebook* (ato costumado da produção), o apresentador questionava os telespectadores de forma opinativa, com o intuito de saber se eles apoiavam ou não a manifestação.

No momento por nós pinçado para avaliação, o apresentador depara-se com uma telespectadora que aparentemente discorda das colocações feitas por ele no que abarcam a temática tratada (uma vez que não é possível precisar o teor de sua mensagem). Por outro lado, vemos abertamente que o apresentador e os membros da produção do programa demonstrando apoio incondicional a greve, o que nos faz supor que a espectadora em questão expõe uma opinião contrária.

Dito isso seguimos com o quadro de transcrição da fala do apresentador na matéria analisada por nós:

Quadro 08: Transcrição discurso programa Cidade e ação dia 24 de maio de 2018

Apresentador	Muito bom (+) muito bom (+) olha (+) graças a Deus as pessoas (+) é:: <u>Da Silva Ribeiro</u> (+) (apontando ao telão) isso é uma vagabunda que não tem o que fazer (+) atrapalhando o programa que não sabe o que é isso (+) não sabe quanto custa um litro de gasolina (+) pode (+) tem condi..(=condições). tu pode tirar ela? bloquear ela? isso é uma vagabunda preguiçosa deve tá fumando maconha essa hora (=) né? invés de estar apoiando uma causa tão importante (+) todo mundo ajudando os caminhoneiros (+) num sabe
---------------------	---

	(+) tira essa vagabunda daqui é::: <u>Da Silva Tere Ribeiro</u> isso é uma vagabunda (+) é ela mesmo é essa aqui mesmo (ainda apontado para o telão) pode tirar ela (+)(+) pode tirar (+) vagabunda (+) isso é falta de homem (+) falta de RRRR– O-L-A (+)(+) (grito) Tira (+) o que é que tá esperando pra tirar ela? (altera o tom da voz)
Voz ao fundo	Eu vou tirar!
Apresentador	Oooo <u>Da Silva</u> ? (= imprecisão)
Coro ao fundo	Tira! Tira ! tira ! tira ! (GRITOS)
Apresentador	Sabe o que é isso <u>Da Silva Tere Ribeiro</u> ? Falta de sexo (+)(+) Você (+) (olhando para câmera com o dedo em riste) que vive de fofoca (+) você mesmo (altera o tom de voz) (+) que vive de fofoca (+) sabe o que é isso? (+) falta de sexo (+) (nesse momento o apresentador encara a câmera com um olhar ameaçador) ative a “pepeca” (= referência ao órgão sexual feminino) (balança o indicador em riste apontando para câmera como se estivesse entoando uma ordem) ative a sua “pepeca” fofoqueira... (dá a costas a câmera e se dirige ao telão) Bota o telão de novo!

Fonte: (o autor)

Diante do quadro de análise criado por nós uma fiel transcrição na qual o apresentador do programa diário agindo de maneira exagerada e descompensada, ao que nos parece ser uma simples discordância de uma matéria emitida com o endossamento opinativo, gerando no mesmo uma fúria que ao nosso entendimento não se sustenta aos fatos obtidos.

Vimos no discurso do apresentador um tom autoritário, quase ditatorial, quando o mesmo manda que excluam a pessoa que expressou na *live* uma opinião que o desagradou, mostrando assim certo desrespeito não só para com a pessoa que se expressou contrariamente a ele, mas sim com o público em geral.

Entendemos que em uma sociedade democrática, como a que vivemos, a contrariedade de opiniões e votos são parte inatacável, assim como o respeito para com essas opiniões. Dentro disso tal posicionamento por parte do âncora do programa analisado contradiz o entendimento geral de democracia e os nossos preceitos constitucionais.

Podemos afirmar que a conduta do apresentador, Sikera Jr, aqui citada vai de encontro a Declaração Universal dos Direitos Humanos, da qual o Brasil se faz seguinatário, que em seu Art. 19 que expressa: “Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e

de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.”

As palavras do apresentador também atingem o Art. 12 da mesma declaração, essa que é muito clara ao afirmar que: “Ninguém será sujeito a interferências em sua vida privada, em sua família, em seu lar ou em sua correspondência, nem a ataques à sua honra e reputação. Todo ser humano tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques.”

O discurso do apresentador tem uma estrutura patriarcal que move o seu roteiro discursivo aqui analisado por nós nessa reportagem, ele nos mostra, um homem *Cis*, não-negro, numa estrutura de poder (televisão), liderando uma equipe a qual ele por muitas vezes se mostra agindo de maneira agressiva, assim fica claro quando o mesmo entoa: “tá esperando o que pra tirar ela?”, ou seja, aquele que deveria ser um mediador entre os acontecimentos e o público, faz valer sua palavras e votos contra tudo e contra todos que se oponham. Gostando ou não todos ali devem seguir a cartilha do “chefe”.

As nomenclaturas dadas por ele a espectadora em questão (vagabunda), a qual ele faz questão de estar sempre repetido o nome, essa atitude é referendada por Bakhtin (2012), nesse caso autor expõe que esse tipo de escolha lexical não se faz por motivos ocasionais, serve ela também para demarcação de posicionamento social tanto do enunciador quanto do destinatário, uma vez que ele acaba imputando a ela a expressão que pode em nosso país ser denotada como pessoa vadia que não tem ocupação ou até mesmo a mulher que não tem honra, coloca o apresentador enunciador numa posição diferente, uma posição superior à do destinatário.

Tal postura de certa forma a deixaria a espectadora em estado de fragilidade, pois o apresentador possui uma notória gama de seguidores e de adeptos de suas palavras, principalmente nas redes sociais, e esse seguidores poderem atacá-la das mais diversas formas pela internet, trazendo assim prejuízos na esfera de vida íntima de uma pessoa por uma simples opinião discordante.

Outro dispositivo de lei que o apresentador acaba ferindo está previsto constitucionalmente no Art. 5º da nossa Constituição Federal de 1988 em seu inciso X que reza: “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;”

O machismo expresso pelo apresentador tem fundamentações arcaicas, o mesmo faz inferências de que o comentário da pessoa se estrutura por si só no fato de ela não estar obtendo relações sexuais, isso sem tomar conhecimento da vida privada.

Não existem naquele momento informações suficientes para determinar se a mulher em questão é casada, solteira, ou até mesmo viúva, ainda que existissem tais elementos de nada importaria para a discussão do momento, pois a violência imposta sobre ela pelo apresentador justifica pelo fato (segundo o juízo que o esmo expressou) de uma suposta falta de homem, vemos aqui a descabida afirmação de que a mulher necessita de um homem para ser mulher, e sem isso estaria ela condenada a infelicidade extrema, que por sua vez acabaria a levando a “atrapalhar” a apresentação de um programa, pelo simples fato de sua opinião ser contrária à do apresentador.

Quando o apresentador com o dedo em riste, brada encarando a câmera fica clara sua intenção ameaçadora, pois mesmo que subjetivamente o falar dele com a câmera nos dá o entendimento de que está ele dirigindo-se ao seu público, nesse caso em específico o apresentador faz questão de usar verbos no impessoal e na segunda pessoa gramatical, denotando sua clara intenção em dirigir-se não só a falar com a pessoa que havia manifestado opinião contrária a sua, ou da linha editorial do programa, mas dirigindo-se de maneira direta a todas as mulheres que assistindo o programa ousam manifestar pensamento que coadune ao qual foi reprimido.

Em nosso entendimento o fato de telespectadora supostamente (uma vez que não podemos precisar o conteúdo de sua fala) não concordar com a greve dos caminhoneiros que se espalhava pelo Brasil naquele momento, não dá elementos ou motivações para que uma figura pública inicie ataques a sua pessoa e a desqualifique como ser humano, como mulher. Tais acontecimento tão pouco justificam os ataques sofridos a sua honra e integridade, uma vez que ao vivo foi ela vítima de crimes contra a honra e de injúria.

6.1.2 Segundo caso - Reportagem: Mulher é presa e menor apreendida com meio quilo de crack no Varadouro. (Programa Cidade em ação – TV Arapuã).

Nossa próxima reportagem analisada foi ao ar no dia 05 de junho de 2018, no programa Cidade em ação da TV Arapuã.

O caso apresenta uma mulher identificada como Raiane Lins. A acusada foi presa pela Polícia Militar do Estado da Paraíba pertencentes ao Batalhão de Operações Especiais - BOPE.

No momento da prisão ela estava acompanhada de uma adolescente de 16 anos de idade, a menor como previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, teve sua identidade preservada. Porém segundo a reportagem com a adolescente estava uma mochila, e no interior desta, meio quilo de crack foi encontrado.

Realizando uma leitura sobre o posicionamento do apresentador em relação a matéria apresentada o veremos fazer juízo de valor em diversos momentos, além de expressões racistas contra mulher negra ali apresentada em situação de crime/desvio.

Quadro 09: Transcrição programa Cidade em ação dia 05 de junho de 2018

Apresentador	Doutora Joana d’Arc meu respeito e o meu carinho essa é a melhor delegada do Brasil pra mim ela é muito inteligente e não é espalhafatosa não faz pirotecnia com nenhum assunto vocês percebem como ela é centrada pezinho no chão(+) doutora Joana d’Arc um beijo na sua alma que Deus lhe proteja a senhora e lhe dê muita muita muito muitos anos de vida pra senhora continuar trabalhando pela população de João Pessoa Paraíba(+) agora coloca pra mim Carla Pacotão = (produtora do programa) a cara da-da-da vagaba = (vagabunda) olha a vagaba olha a vagaba (apontando para o telão onde aparece a foto da mulher presa e acusada pela polícia) psiu! É até bonitinha podia tá trabalhando num shopping (+) num podia(+) podia tá trabalhando num balcão num loja de roupa num poderia tá trabalhando numa farmácia mas não quer ela não quer ela é do crime é nós(=gíria periférica que significa: estamos juntos) ela é do crime ela-ela já faz já responde por tráfico de drogas a-agora tava levando uma menor achou pouco e agora tava levando uma menor e eu queria saber onde é que está a mãe da menor será que a mãe não sabia que ela andava com essa desgraça(ainda apontando para a imagem da mulher exposta no telão do palco) como é que (+) não é possível eu sei com quem os
---------------------	--

	meus filhos andam quando quando eu não sei eu mando procurar eu vou atrás e pode achar que é bico pode reclamar ai pai isso é mico mico é um cacete quem paga teu celular tua conta sou eu quem paga tua faculdade sou eu então tu vai ter que me obedecer é ou não é igreja?(=integrantes da produção do programa e assistentes de palco aos quais o apresentador chama de igreja referindo-se a eles como seus seguidores que devem seguir seus apelos e mandos fazendo do palco um verdadeiro púlpito para “pregação de sua palavra”)
Vozes ao fundo	ééé (em coro)
Apresentador	Enquanto tiver no meu teto e eu bancando papai quem manda é eu viu?(+) quem manda é eu(+)(altera levemente o tom de voz) olha pra qui (apontando mais uma vez com o braço direito e enriste para a imagem da acusada no telão) ela já tem já-já tá com cara de malandra é a Bibi perigosa de João Pessoaaaaaa(+) (com a mão sobre a imagem da moça no telão) é a Bibi perigosa (+) ela tá se achando(+) é nós é o crime num dá um dia de serviço pra ninguém pergunte se ela quer ser babá? Pode oferecer um salário mínimo (+) você quer cuidar do meu filho ? ah! num quero naaauum é muito trabalho. Olha tem um emprego para você na farmácia no balcão da farmácia(+) quero não (sorriso debochado no rosto) um salário mínimo? (+) quer naum(+) pergunte se ela quer trabalhar no shopping? O melhor shopping de João Pessoa quer trabalhar numa loja de roupas tu só vai tirar aqui ó e mostra as mulheres as blusas pras mulheres as camisetas e tal ela num quer naum ela quer viver de quê? de maconha de traficante(+) agora sabe porque ela entrou no mundo do tráfico senhoras e senhores??(+) tira essa desgraça daqui(faz gesto espanado com a mão direita sobre a imagem da mulher que ainda aparecia no telão). Você sabe por que ela entrou pro trafico? sabe por que?(+) não sabe? (+) prepare-se porque você vai saber agora (+) por causa do macho(+) por causa do b-o-y magia(entoa com deboche) (+)(+)(+)(+) a mulher só entra no crime por causa do amor(volta a entoar a palavra debochadamente) o amor bandido que ela acha que vai mudar ô-ô mininas do meu Brasil vagabundo ele não muda vagabundo ele morre vagabun-doo ele entra pro tráfico

	porque é safado por que emprego tem no Brasil e quando num tem emprego a gente se vira a gente vai vender queijo na praia vai vender óculos de sol daquele da china na praia daqueles que cega o povo (contado nos dedos)(+) a gente vai fazê qualquer coisa vai tirar mato do quintal do povo a gente vai pintar o muro olhai-olhai depois das chuvas ma-madame quer que eu pinte ai no São João pra casa ficar bonitinha quando a pessoa quer trabalhar ela faz isso mininas do meu Brasil vagabundo morre vagabundo se você acha que ele vai mudar por sua causa você está enganada se você acha que tatuando o nome dele nas suas costas ele vai se apaixonar por você e não vai mais esquecer você você tá redondamente enganada(+) se você acha que ficar grávida de um vagabundo ele vai parar de roubar de fumar maconha de cheirar pó pra ficar com você e o menino você também está enganada ele vai te dar um pé na tua bunda e quem vai criar teu menino sabe quem é? a tua mãe coitada (+) a tua mãe (+) que vai pedir dinheiro emprestado vai comprometer a aposentadoria dela pra sustentar tu e teu minino(contando nos dedos) ô mininas do meu Brasil (+)(+)(+) estudem (câmera da um close no apresentador) estudem (+) homem é supérfulo homem tem em todo canto e homem de bem é difícil homem de bem estudioso trabalhador difícil estudem ouçam mais a mãe de vocês elas estão certas quando tua mãe disser que não foi com a cara de um ou de outro corre que ela tá certa deixa de se apaixonar por vagabundo por preguiçoso porque como dizia e como diz atenção igreja(coloca o indicador da mão direito em riste e apontado para cima como se estivesse dando uma lição de moral) eu não quero ter que pedir duas vezes não como diz o poeta cumpadre Whashington pau que nasce toorrrtô?(faz um movimento circular com as duas mãos de fora para dentro simbolizando que todos os que estão no estúdio devem colaborar)
Voices ao fundo	Nunca se indireita
Apresentador	Misturaru tudo tão fumando maconha também? vamos repetir a primeira fala? Pur favô? pau que nasce toorrrtô
Voices ao fundo	(incompreensível)

Apresentador	Mas assim não é possível essa é a segunda parte é nunca se endireita bando de jegue isso é um bando de jegue. Pau que nasce toortoô?
Voices ao fundo	Nunca se indireita
Apresentador	A menina que requebra (tocando a cabeça com as pontas dos dedos das duas mãos e remexendo a cintura)
Voices a fundo	Pega na cabeça
Apresentador	De novo (+) pau que nasce torrrto (com os dois braços abertos olhando fixamente para câmera como se aguardasse uma resposta positiva)
Voices a fundo	Nunca se endireita
Apresentador	A menina que requebra (novamente tocando a cabeça com as pontas dos dedos das duas mãos e remexendo a cintura)
Voices ao fundo	Pega na cabeça
Apresentador	Na cabeça do meu pai (gritando) respeita sua família sua preguiçosa (gestualiza espanto como alguém que acaba de se assustar com algo) ele tá gritando no meu ouvido va-valdez (apontando para o ponto eletrônico em seu ouvido) e cadê o que é que tem escrito na camisa dela(+) (nesse momento volta ao telão do palco a imagem da acusada e o apresentador tenta traduzir o que está escrito na blusa que ela estava usando na ocasião, na blusa dela estava escrito “<u>i’m not princess i’m a rock star’s</u>”) ah eu não sô eu não sô uma princesa (+)(+)(+) ai ela a rainha do pop star(tradução errada do que há escrito na camiseta da mulher) ô Madonnaaaa prazeer gente eu tenho uma novidade para contra a vocês da lady Gaga mas peraí antes antes logo(+) ela é uma pop star(aponta para o letreiro na blusa da acusada)(+) uma pop star do fumo pop star du-du-du-du pó ne? pó pó-istar aqui na sua venta (faz como se estivesse enfiando os dedos indicador e médio na imagem da moça que aparece no telão) venta de jumenta isso(repete o gesto anterior) deve cheirar que é uma beleza botar ela pra cheirar lá na cadeia era água sanitária um rodo bom pra ela lavar(faz gestos como se estivesse esfregando o chão) pra ela apender a lavar (fala outras palavras incompreensíveis) e outra ela não pinta as unhas mulher que não pinta a unha é sebosa

	papai e mamãe já dizia(+) meu filho (+)
Voices ao fundo	Sebosa sebosa sebosa sebosa
Apresentador	E a igreja se manifesta (comemora os gritos aparentemente espontâneos da equipe técnica)
Voices ao fundo	Sebosa sebosa sebosa sebosa
Apresentador	Minha mãe já dizia mamãe mamãe mamãe dizia juininho(+) juininho é comigo ela me adorava juininho juininho escolha sua namorada sua esposa sua noiva pelo pé e eu dizia vôti(=interjeição interiorana muito comum no estado de Pernambuco corresponde ao oh!) mãe e é um papagaio é um lôro e ela não meu filho mulher que não pinta a unha do pé é sebosa(+)(+)(+) mulher que(+) repitam comigo igreja mulher que não pinta o-o-o a unha do pé é o que?
Voices ao fundo	Sebosa (gritos)
Apresentador	É sebosa (+) cadê a unha dela ó(+)(corre ao telão onde a imagem da acusada volta a aparecer) ela não pinta a unha veja (apontando para as mãos da mulher) (nesse momento ele faz gestos incentivando mais gritos de sua equipe técnica) mulher que não passa lâmina no-no-no-na-na-na é o que?(nesse momento o apresentador gestualiza como se estivesse passando lâminas de barbear pela região das axilas e das genitálias)
Voices ao fundo	Sebosa (gritos)
Apresentador	É sebosa sebosa.

Fonte: (o autor)

No quadro acima vemos a transcrição de um dos discursos mais polêmicos emanados pelo apresentador, Sikeira Jr. no primeiro semestre de 2018. A partir deste ponto podemos perceber a maneira agressiva com que as reportagens (que pela natureza dos casos trata sobre violência) são conduzidas.

Esse caso acima transcrito teve uma repercussão muito grande em todo o estado paraibano, a repercussão foi tamanha que o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba anunciar que iria mover um processo contra o apresentador¹⁴, uma vez

¹⁴ Disponível em: < <http://www.polemicaparaiba.com.br/polemicas/vamos-processa-lo-sindicato-dos-jornalistas-repudia-conduta-machista-de-sikera-jr/> > Visualizado em: Jan 2019.

que sua conduta frente as câmeras fere o código de ética do jornalista¹⁵ que em seu Artº 6 inciso VIII que é taxativo ao afirmar que é dever do jornalista: “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”.

A narrativa do apresentador é construída sobre um juízo de valor, fazendo uso de expressões claramente racistas, expressando sua misoginia e machismo. Além do mais ultrapassando as evidências apontadas pela polícia que pesam contra a suspeita, o apresentador coloca a intimidade e a natureza da suspeita (mulher, negra e periférica) como defeitos incorrigíveis, próprios de quem tem a mesma origem que a mulher em questão.

Em seu primeiro comentário, após rasgar elogios a delegada de polícia que ficou encarregada do caso, mostrando total simpatia as estruturas das instituições de poder social, como a polícia.

Em seguida o apresentador faz uma apreciação da beleza da acusada, enquadrando-a como “bonitinha”, numa classificação a que temos socialmente imposto o bonito e o feio. Tendo sua aplicação no diminutivo o que coloca toda observação numa escala menor que o normal que nesse caso em questão seria “bonita” a colocação dada a acusada se encontra abaixo do belo e um pouco acima do feio, sendo assim tido como uma colocação mediana. Ou seja, nesse caso sua pouca beleza ou a falta de beleza é uma carga negativa, vimos o apresentador tratando desse ponto específico como sendo um pressuposto para qualquer conduta criminosa ou desviante.

É marcante na fala do apresentador uma romantização da mulher, romantização essa que do ponto de vista machista e misógino pode soar como protecionismo, caso contrário percebemos que a verdadeira face desse protecionismo é o julgamento, demonstraremos isso sob duas perspectivas.

A primeira, pode ser observada no momento em que o apresentador estava sendo encaminhada pela maior no mundo do crime, em seguida ele indaga onde estaria a mãe da menor e se ela não saberia em quais companhias sua filha andava. Percebemos que aí está o apresentador imputando toda responsabilidade pelas escolhas, as consequências da criação, que futuro terão os filhos recair sobre a figura materna. O apresentador em momento algum questionou a presença do pai, ou ambos que seria o mais natural, isso

¹⁵Disponível em <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf> Visualizado em: Jan 2019.

pode ser colocado como fruto da nossa sociedade machista na qual a responsabilidade pela criação dos filhos fica a cargo das mães.

A segunda evidenciada no momento em que o apresentador é categoricamente afirma que as mulheres entram no crime/desvio só e somente só por conta de influência do sexo masculino, ou como pejorativamente nomeia, os crimes são por causa de “macho”. Assim ele exime a mulher da capacidade de praticar o mal, quando essa uma capacidade humana.

Em um relatório minucioso o INFOPEN -Sistema de Informações Estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro¹⁶, aponta que 58% dos crimes cometidos por mulheres são por seu envolvimento com tráfico de drogas, que supostamente é o mesmo caso que foi retratado no programa, e afasta a afirmação do apresentador da relação passional da mulher nos crimes.

O fato de que o indivíduo pertencer ao sexo feminino que estaria esse sujeito num patamar acima ou abaixo de outros, não existe nenhum estudo científico que comprove a afirmação dada pelo apresentador de que mulheres só cometem crime por serem induzidas pelos homens, muito pelo contrário, como vemos em Moreira (2007) que aponta que quanto maior participação da mulher na vida ativa da sociedade maior sua participação em casos de crime/desvio.

Vemos assim que o apresentador ao fazer tal afirmação tenta reduzir toda situação de crime/desvio como se fora praticada por dois tipos de humano totalmente distintos, um bestificado(homem) e outro santificado(mulher) como também mostra desconhecimento sobre alguns crimes ocorridos em nosso território.

Podemos citar como exemplos de crimes cometidos por mulheres no Brasil, o caso Richtofen¹⁷, no qual a jovem Suzane, convenceu o namorado e o cunhado a cometerem o assassinato de seus pais para assim ela ficar com a herança. E o caso Yoki¹⁸ no qual o presidente da empresa Yoki, Marcos Kitano Matsunaga, foi assassinado com um tiro à queima-roupa de sua então esposa, Elize Araújo Kitano Matsunaga, durante uma fervorosa briga do casal por conta das traições de Marcos.

¹⁶ Disponível em: < <https://www.senado.gov.br/noticias/TV/Video.asp?v=429739> > Visualizado em: Jan 2019.

¹⁷ Disponível em: < <https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/323442322/caso-richthofen> >. Visualizado em: Jan 2019.

¹⁸ Disponível em: < <https://canalcienciascriminais.com.br/caso-yoki-marcos-kitano-matsunaga/> > Visualizado em: Jan 2019.

Em Seguida são colocadas pelo apresentador questões de cunho racista, pontos que remetem imediatamente ao período escravocrata do Brasil, quando os negros eram tratados e chamados de “peças” e os escravizados eram expostos e eram observados os dentes como prova de boa saúde, assim como se fazia com cavalos e seus pés como se fazem com os papagaios.

Com isso o apresentador faz zombaria dos traços negroides da mulher que tem sua imagem no telão, no caso o nariz da moça possuindo uma base maior, narinas alargadas ponta arredondada e dorso curto dão ao apresentador elementos suficientes para que ele a defina como “venta de jumenta”.

Por isso apontamos que a atitude do apresentador, Sikeira Jr. se enquadra na conduta de injúria racial, essa conduta é considerada um crime contra a honra, e consiste na ofensa à dignidade ou decoro de alguém, utilizando-se elementos referentes à raça ou cor. Está prevista no Artº 140 do Código Penal Brasileiro¹⁹. A pena prevista para esse crime é de um a seis meses de detenção e multa.

Na outra ocasião em que o apresentador compara a mulher a um animal, papagaio, ele supostamente é orientado a falar sobre essa temática, uma vez que o mesmo se assusta (mesmo sendo uníssonos no estúdio) e reclama ao Diretor do programa que gritaram no seu ponto eletrônico.

Fato de grande importância dentro dessa questão é que a observação feita pela equipe do programa e sucessivamente pelo apresentador além de não gerar contribuição ao debate sobre crime/desvio que deveria ser tema naquele momento, mas sim, mostra-se mais uma rota desviante do cerne da questão (como o apresentador demonstra ser *expert* em fazer) uma vez que definir o caráter de uma pessoa pela singela aparência e traços estéticos, que em suma são ditados pela mídia (principalmente a mídia televisiva) como o ato de pintar ou não as unhas não nos parece ser da feitura de um telejornal.

Essas colocações referentes ao nariz e as mãos da mulher negra corresponde as imposições midiáticas de uma elite mandataria que deseja a todo custo afastar, discriminar e subverter a origem, a cultura, os hábitos e o corpo de negros e negras, colocando-os frente a um padrão europeu que é muito distante do possível para a população brasileira,

¹⁹ Disponível em: < http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo_penal_1ed.pdf >
Visualizado em: Jan 2019.

dadas as formas de composição nossa sociedade de origem também europeia, mas sobretudo indígena e africana.

Nesse período essas pessoas foram tratadas como excremento social, os negros eram vistos como coisas que poderiam suas vozes silenciadas e seus direitos negados.

E essa fala específica do apresentador, Siqueira Jr. que não podemos classificar como infeliz, uma vez que o objetivo dessa pesquisa é comprovar através dos elementos coletados por nós a intenção de agredir transmitidos pelos enunciados constituídos pela sua fala. O discurso do apresentador não só associou a imagem da mulher a de um animal para fazer piada e indiretamente criticar de maneira leviana suas condições de vida e a não adoção de um padrão estético, mas a sua postura nos mostra também a falta de comprometimento com a profissão de jornalista, uma não assumpção de responsabilidades que são inerentes a quem se coloca frente da câmeras com a missão de falar para milhares de pessoas.

Para nós ficou claro ao longo das explanações que esse tipo de violação e agressão a dignidade humana é corriqueira, ela remonta todo o triste período de 300 anos de escravidão da história brasileira, e que nas instituições de mídia esse tipo de pensamento ainda persiste, o que para nós pode servir como combustível para outras pesquisas que tenham a intenção de se debruçar sobre a temática alimentando órgãos e instituições de combate à discriminação a entrarem também nessa empreitada para que a chaga do racismo seja combatida de maneira mais eficaz.

6.1.3 Terceiro caso - Reportagem: Julgamento sobre o assassinato de Erica Vanessa. (Programa Cidade em ação – TV Arapuã).

O trecho analisado agora por nós foi ao ar no dia 09 de agosto de 2018, no programa Cidade em ação da TV Arapuã.

O caso em questão trata de um julgamento pelo assassinato da advogada Erica Vanessa, morta no ano de 2014 pelo seu companheiro.

Após reportagem ao vivo do fórum onde ocorreria o júri, a produção faz a retomada passando a palavra ao apresentador, nesse momento aproveitando-se das entrevistas concedidas pela filha e mãe da vítima, ambas em um tom marcadamente emocional e melancólico, dada a gravidade do caso, o apresentador do programa Cidade

em ação, Sikeira Jr. faz da retomada ao estúdio o palco para defender-se e atacar usando de alusões aos protestos direcionados a sua figura enquanto apresentando um programa ofendeu veementemente as mulheres comparando-as a animais (tema já tratado anteriormente).

Nessa análise veremos que o apresentador recorrerá por diversas vezes ao deboche, tentando assim desqualificar e retirar o mérito dos processos movidos contra sua pessoa e dos protestos que o tinham como figura principal.

Dessa forma visualizamos mais um quadro do qual adaptamos de Marcuschi (1986), todo o processo de transcrição dos enunciados transmitidos durante a exibição da reportagem, assim veremos no quadro a seguir:

Quadro 10: Transcrição programa Cidade em ação dia 09 de agosto de 2018

Apresentador	Muito obrigado águia(+) ô-ô-ô-ô Valdez(diretor do programa) entra em contato com o águia por favor eu queria que mostrasse a frente(+) isso ai já-já é-é o fórum né(+) é o fórum num é(+) o Valdez pede pro câmara quem é o câmara que tá lá ?com com com ôôô é o Berg pede pro Berg ir pra frente do fórum eu queria mostrar uma cena bem interessante pra vocês(+) vamos lá olha esse crime aconteceu em 2014 num foi isso Valdez?(+) 2014 a advogada foi assassinada dentro do seu próprio apartamento com dois tiros no rosto essa mulher passou onze dias internada na-na-na UTI não sobreviveu o-o-o-o principal ou já acusado ou criminoso é o marido o ex-marido é aquela velha história num é mais minha num é mais de ninguém eu queria imagem lá fora por favor da frente do fórum é possível ? tem o outro lado também num é? Mas antes de ouvir o outro lado eu queria dizer que senhoras e senhores foi um feminicídio como como chamam agora num é? foi um feminicídio. A pergunta que num quer calar(+) (+)(+) cadê o movimento das mulheres agora?(+) Pra dar o apoio a essa família?(+) cadê vocês mulheres agora pra dar apoio a essas mulheres e cobrar justiça?(+) Onde é que estão os movimentos sociais das mulheres feministas das empoderadas das poderosas que protegem a fina força a mulher brasileira a mulher paraibana por que é que vocês num foram pra
---------------------	---

	frente do fórum? Aaaa ela num é filiada a partido nenhum não essa mulher que morreu agora num é?(+) ééé então é só pedir justiça pra Mariele (Vereadora da cidade do Rio de Janeiro assassinada no ano de 2018 o caso ainda não foi desvendado, mas indícios apontam que o crime tem cunho político) num é?(+) porque tem partido essa aí num precisa não num é?(+) Cadê o movimento das mulheres da Paraíba?(+) cadê as mulheres da OAB?(+) É a hora de vocês prestarem solidariedade sabe quem tá lá no fórum a essa hora chorando?(+) A mãe a filha dessa moça que foi assassinada pelo companheiro(+) é a hora de vocês se manifestarem cadê os apitos os bombos cadê os protestos?(+) ahh eu entendi é por que não tem ninguém envolvido na política num é?(+) ahh entendi é porque ninguém falou de unha de sebosa de mulher que num é... entendiiii quer dizer que os manifesto de vocês só servem pra unha entendi pra pro pra pedir justiça pra essa mulher por que a hora da pressão é agora a hora da pressão das mulheres principalmente da OAB (+) é agora ir pra frente do fórum e exigir justiça que esse caso seja levado muito a sério com total imparcialidade e que ele seja incriminado e que ele fique preso cadê vocês agora? (+) Deixa eu ver se tô ouvindo alguma coisa mulheres da pe peraí (imprecisão) mulheres da Paraíba(+) não as mulheres do bem as de (imprecisão) as do bem estão do meu lado até as que não é do bem mas se faz do bem(+) psiu movimento das mulheres cadê vocês?(+) Nem um bombo?(+) Nem um tambor?(+) Nem um apito?(+) Nem um xique xique xique xique?(sons onomatopeicos para simular o instrumento musical conhecido como xequerê, ao mesmo tempo que gestualiza balançando os braços para simbolizar que está tocando o instrumento).
--	---

Fonte: (o autor)

Nesse quadro de análise vemos uma certa presunção do apresentador, Sikeira Jr. ao tentar eximir-se de fatos de sua conduta que foram extremamente reprovados por boa parte da população (remete-se a reportagem anteriormente já apontada), para esse efeito usa então um caso no qual a polícia apresentou inquérito, o Ministério Público por sua vez apresentou denúncia formal e o acusado se encontra sobre guarda do Estado e em

juízo, dessa forma restando aos movimentos sociais aguardar o resultado do juízo para que assim a justiça seja feita.

Com o discurso emanado e por nós aqui apresentado vemos o que aponto Benveniste (2005) quando afirma que o discurso só se completa em sua exterioridade, no contexto discursivo e aqui vimos a complementação de um ciclo discursivo.

Quando o apresentador de maneira deliberada xinga a classe feminina comparando-as a animais, após os protestos o apresentador tenta se eximir da culpabilidade a ele imposta claramente nesse discurso os seus enunciados nos dizem que para ele o ser feminino ao ser retratado da maneira que o for não deve se impor, mas sim conformar-se, uma vez que ofensas como as deferidas por ele devem ser encaradas com naturalidade.

A cobrança de justiça exclamada, a qual o grupo de mulheres deveria se reunir e exigir (segundo o apresentador), caberia apenas em caso de absolvição do suspeito pela justiça, um grupo qualquer que fosse ali no momento do juízo apenas serviria para tumultuar o ambiente do fórum, o qual os magistrados precisam de serenidade para seu livre convencimento e determinação das penas.

Siqueira Jr. abertamente desdenha da morte de vereadora carioca Marielle Franco, assassinada no dia 14 de março de 2018, as investigações apontam para um crime político, dentre os 811 vereadores de capitais brasileira apenas 32 são negros, Marielle era uma dentre esses. Uma mulher de origem periférica, negra, bissexual, militante dos Direitos Humanos, com uma trajetória política pautada na defesa das minorias. Até o presente momento o inquérito do caso não se aproxima de um desfecho e o caso está ameaçado de entrar para uma dura estatística brasileira.

Em matéria publicada em 2018 pela revista Superinteressante²⁰ dados apontam que apenas 6% dos crimes ocorridos em território nacional são desvendados, esses dados não denunciam apenas a pouca eficácia da nossa polícia, mas também a precariedade e o descaso com que é tratada a segurança pública no Brasil.

Por tanto temos a crença de que ao criticar mesmo que indiretamente os protestos contínuos sobre assassinato da vereadora, os protestos dados em relação a sua conduta, e o desprezo com que se pronuncia em relação a movimentos sociais, partidos políticos OAB e principalmente a classe feminina o apresentador não só tenta se colocar numa posição de

²⁰ Disponível em: < <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-a-porcentagem-de-crimes-solucionados-pela-policia-no-brasil/> > visualizado em Jan 2018.

intocabilidade, ou jogar uma cortina de fumaça, mas também, coloca todo o público que o assiste contra essas instituições, além de descredenciá-los perante a sociedade e a mídia.

6.1.4 Quarto caso - Reportagem: Mãe de soldado morto diz que estamos criando bandidos (Programa Fala cidade – TV Manaíra).

O discurso em questão faz parte da abertura do programa que foi exibido no dia 02 de julho de 2018 pelo apresentador Erly Fernandes no programa Fala cidade da TV Manaíra. Nessa abertura da qual extraímos o discurso analisado foi feita com base em duas premissas, a primeira foi a morte de um policial militar da Paraíba que fora morto num confronto com um assaltante em seu dia de folga. A segunda foi um vídeo amador feito no enterro do policial, nesse vídeo a mãe do policial morto encontra-se bastante emocionada e abalada pela morte do filho, a mãe aos prantos faz um discurso aos presentes clamando por justiça.

O caso foi transmitido e comentando pelo apresentador logo no início do programa. Ao realizar essas interpelações, Erly Fernandes estava visivelmente enfurecido, inicia uma sequência de ataques contra as instituições de Direitos Humanos as quais ele julga ausentes na vida do cidadão, principalmente nos momentos de luto, o seu discurso é transcrito abaixo:

Quadro 11: Transcrição programa Fala cidade dia 02 de julho de 2018

Apresentador	Olha ai vamos abrindo o programa com essa cena triste um desabafo(+) desabafo profundo e sincero de uma mãe(+) novela da vida real uma mãe que perdeu-perdeu o seu filho um policial militar dois anos de policial militar dois anos de polícia militar né em um confronto com um bandido o policial militar numa hora vaga que viu uma senhora uma pessoa sendo assaltada foi lá reagiu e perdeu sua vida esse policial ai Ivanildo (=diretor do programa) mere-de-deve-merece receber uma medalha essa mãezinha ai ó (+) merece receber uma medalha em nome do filho ele em-em-em uma hora de folga percebeu uma ação de um marginal marginal que fazia cinco dias que tinha saído da cadeia fazia cinco dias eu tinha sido liberado olha ai ó
--------------	--

	olha o desabafo dessa mãe aí ó eu não tenho culpa se a mãe se a família de outro não educou não ensinou a trabalhar eu ensinei o meu filho a estudar e a trabalhar pra ser gente olha ai ó ai reclama ai ó eu quer saber os Direitos Humanos podem ficar com raiva com ódio de mim eu não sou contra Direitos Humanos de forma nenhuma só que direitos humanos é pra quem é humano quem não é humano é animal entendeu? Vamo-vamo diferenciar aqui oia Direitos Humanos é pra quem é humano Erly não e contra Direitos Humanos Erly é contra Direitos Humanos ser a favor de marginal certo?? Eu quero perguntar a você que tá em casa quantas vezes os Direitos Humanos vai-vai mandar ai um psicólogo ai pra tratar da cabeça da viúva né que agora ficou com uma criança de onze meses pra criar nesse caso ai (+) concorda comigo ou não? Se não concordar não tem problema não ode ir no face (=) pode dizer seu ponto de vista lá no face certo? Ai eu quero saber se os Direitos Humanos vai chegar ai ó (começa a bater palmas) mãezinha a senhora tá tratando de um câncer tá precisando ai de um tratamento num vai nenhuma vez não não vai nenhuma vez não ai agora se fosse o contrário se o policial tivesse matado o marginal lá ai tu ia ver a vida cair na cabeça desse policial ia responde ia ser afastado das ruas ia ser um muído da mulesta a verdade é essa no Brasil certo? Um desabafo de uma mãe que diz olha eu tô aqui tratando de um câncer eu tô aqui em pé porque deus permite que eu tô em pé deus permita permite que eu fique em pé eu tô aqui tratando de um câncer eu vô tratar de um neto que perdeu um pai com onze meses de nascido com esse vídeo a gente abre o programa de hoje hoje é só cacete viu? Hoje é só cacete hoje é pau hoje é poiva é pau pra dar em doido direitos humanos pode me processar mas direitos humanos é pra quem é humano quem não é humano quem é marginal que sai pra agredir pra mata e pra robar não merece direitos humanos não.
--	---

Vemos nas explanações do apresentador do programa Fala Cidade, Erly Fernandes, a presença de elementos da teoria foucaltiana sobre o discurso e o poder. Esses elementos de poder podem ser quantificados e enumerados, ao nosso caso em questão, para isso uma breve observação de ausência de presença de indivíduos de camadas e origens

diversificadas na rede televisiva, esta que possui uma natureza excludente, mesmo que tenha essa mídia a presunção de dar voz a todos, porém ao longo dos anos da atividade televisiva no Brasil não é isso o que podemos ver.

Configurando o poder da voz da mídia com toda sua repercussão, é importante percebermos como essa oportunização de fala é moldada. Dentro da nossa sociedade midiática a voz é dada a quem detém certo prestígio social, assim para nomear falantes esporádicos (por conveniência e oportunidade) saciando determinada intenção que o veículo tenha naquele momento.

Para corroborar com o nosso posicionamento sobre a oportunização de voz buscamos elementos que substanciassem nossa intenção, explicativa e encontramos em Foucault (2006, p.10) quando nos diz:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.

Para termos em mente como funcionam os mecanismos de empoderamento de agentes falantes da mídia, é necessário que entendamos como se dá o processo de interdição. Essa serve para que agentes escolhidos pelas empresas de comunicação possam dar a impressão de representatividade a uma gama de social, quando na verdade esses agentes seguem um escopo pré-definido de temas, palavras e até mesmo de votos, no meio jornalístico essa interdição é mais conhecida como linha editorial.

Por essa razão é perceptível que a oportunização no momento de fala do apresentador, em que a morte de um agente público morto por um indivíduo que agia no crime/desvio serve como plano de fundo para que o apresentador possa realizar seus ataques a instituições que tem por finalidade a proteção a dignidade humana. Uma vez que esse tipo de produção é alvo constante desses organismos sociais que trabalham na proteção dos Direitos Humanos como a realizada pelo Coletivo Intervozes²¹ que iniciou uma campanha pela ética na TV, mobilizando e denunciando programas com esse tipo de conduta.

²¹ Disponível em: < <http://intervozes.org.br/articulacoes/campanha-pela-etica-na-tv/> > Acesso em: Fev. 2019.

O apresentador, Erly Fernandes, conduz seu discurso como quem evoca a justiça popular, no qual o juiz seria representado pela sua própria figura. Percebe-se também de acordo com o discurso extraído que nesse tribunal faltam elementos para o que seria um julgamento justo que seriam no caso o contraditório e a ampla defesa, o que pode desencadear reações de efeito nocivo, pois uma das interpretações possibilitadas pela sua fala é a de que existe um culpado pelo comportamento desviante daquele que fora o pivô da morte do PM, e esses seriam seus pais.

Notemos que pelo tom do discurso o apresentador fala abertamente na segregação das pessoas, quando propõe diferenciar os “Humanos dos ‘humanos’” os últimos seriam aos quais as políticas de Direitos Humanos estariam exercendo sua proteção e ao que fica claro a intensão do apresentador é expurgar essas pessoas como dito: “Direitos Humanos e pra quem é humano”. Nesse momento não estaria ele fazendo outra coisa que não criando classes diferentes de pessoas, uma que merecem ter seus direitos respeitados e outras que não. Mas como e quem definia quais pessoas se enquadram em cada espectro de merecimento defendido pelo apresentador?

Esse tipo de tratativa levantada por Erly Fernandes, implica em uma ideologia, mas qual seria essa ideologia? A ideologia de que existem seres humanos de primeira e de segunda classe? A ideologia de que a vida daqueles que detêm uma existência escassa de privilégios, oportunidades ou mesmo interesses políticos, podem ter sua vivência desprezada e assim a sua pessoa valeria menos?

É notório que o apresentador aborda o tema sem o menor conhecimento sobre a área de atuação das políticas dos Direitos Humanos como também a sua aplicabilidade na vida dos cidadãos. Com isso o programa aplica uma rasa discussão, onde de certa forma incute na cabeça do seu público que as políticas de Direitos Humanos são responsáveis pela morte do PM, pela alta taxa de criminalidade e ainda pela sensação de insegurança presente em nosso país.

Fica claro para nós de acordo com o discurso do apresentador sua defesa a higienização social quando defende que “Direitos Humanos é pra quem é humano quem não é humano quem é marginal que sai pra agredir pra mata e pra robar não merece Direitos Humanos não”.

Essa afirmação viola dois dispositivos de proteção a pessoa o primeiro, contido na Declaração Universal dos Direitos Humanos em seu Artº 7 que diz: “Todos são iguais

perante a lei e, sem distinção, têm direito a igual proteção da lei. Todos têm direito a proteção igual contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.” O segundo está presente em nossa Constituição Federal, mais precisamente em nosso Art. 5º inciso XLI que diz “a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais;” o qual temos por entendimento que ninguém em nosso território nacional pode discursar de maneira que incite as pessoas a desrespeitar ou agredir os chamados direitos e liberdade fundamentais, entre alguns desses direitos podemos citar aqui: a vida, moradia, assistência aos desamparados, o voto.

Porém imprimindo mais uma vez a fala do apresentador, Erly Fernandes, que é emanada na apresentação do programa televisivo, vemos que ela fere veementemente esses direitos e liberdades individuais ratificados em lei, determinadas pessoas, as quais apenas um sistema de exclusão social e política baseado em preconceitos, discriminações e autoritarismo seria capaz de classificar.

Dentro desses elementos elencados entendemos que o apresentador, Erly Fernandes, utiliza do poder que a mídia lhe concede para não só expor sua opinião, mas também para impor sobre aqueles que detém pouco conhecimento sobre a causa, posicionamentos errôneos e que destoam de um estado democrático ao qual todos os cidadãos desejam desfrutar.

Assim alimenta ele um ódio de pessoas contra pessoas, uma vez que as pessoas atuantes no crime/desvio não gozam de prestígio social, mas o que essa produção acaba por gerar são pensamentos equivocados e repúdio social à uma agenda que prevê a proteção coletiva de todos independentemente de qualquer condição como: raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião etc.

6.1.5 Quinto caso - Reportagem: dois homens que estavam assaltando foram atropelados quando abordavam uma mulher (Programa Fala cidade – TV Manaíra).

O próximo caso que trazemos para discussão foi apresentado no dia 09 de julho de 2018 no programa Fala cidade da TV Manaíra. Ele é decorrente de um fato acontecido no bairro do Distrito Industrial, cidade de João pessoa, no caso um motorista teria atropelado

outro homem que supostamente estaria efetuando assaltos junto a um comparsa utilizando para isso uma moto, no momento do atropelamento estariam os dois assaltando uma mulher.

Assustado e com medo perante o acontecimento ele informou a reportagem conduzida pela repórter, Joana Brito, que perdeu o controle do carro vindo a atropelar o suspeito. Porém não é isso que o apresentador relata na chamada da reportagem, além de informar que o atropelamento teria sido intencional o apresentador tenta intencionalmente jogar o público contra as demandas oriundas da pasta dos Direitos Humanos, a fala do apresentador é transcrita por nós.

Quadro 12: Transcrição programa Fala cidade dia 09 de julho de 2018

Apresentador	Vou abrindo o programa batatinha (+) (+) dizendo que dois (+) o que foi que aconteceu com dois agora de manhã batatinha???
Efeito sonoro	Lascou-se
Apresentador	Dois oh mai rapai vá roba (+) me dá mais ai Ivani (Diretora do programa Ivani Leitão) oia dois homens foram atropelados na manhã de hoje (+) o que foi que aconteceu Erly ? (+) Eles estavam roubando uma mulher lá no Distrito Industrial aí o que é que acontece um motorista atropelou um dos dois um dos dois morreu num foi Ivani ? olha aí vá robar de novo (+) o motorista viu e jogou pra cima deles olha ai oia. (+) Ivani vou lhe ser sincero é capaz dos Direitos Humanos vir protet: processar o motorista desse carro aí (+)(+) as coisa do jeito que tão é capaz dos Direitos Humanos processar o motorista desse carro ai (aumenta o tom voz) que atropelo né ele ficou no local o motorista viu a cena viu que o que tava acontecendo era um assalto ai jogou o carro pra cima dos assaltante um perdeu a vida né (+) um morreu olha aí ó ele ficou lá e falou com a nossa equipe o motorista conversou com a nossa equipe e disse porque que tomou essa atitude aí a reportagem é de Joana Brito abrindo o programa ai ó um morreu no local oia (+) aconteceu o que com ele batatinha?
Efeito sonoro	Lascou-se

Fonte: (O autor)

Como dito por Brandão (2004) a análise do discurso nasce da necessidade de superação da linguística frasal, uma vez que ela não dava conta do texto em sua complexidade, dessa forma a análise do discurso volta-se para o exterior linguístico, ou seja aquilo que foi dito, que indissociavelmente teve sua formação com aquilo que é não-dito e assim escrevem as condições sócio-históricas de produção.

É perceptível o contentamento do apresentador ao receber a notícia do atropelamento do suspeito, o que nos dá comprovadamente uma amostra do ódio que por diversas vezes é emanado nos discursos de apresentadores desse tipo de produção.

Imprimindo essa retomada de surgimento da análise discursiva junto a fala do apresentador ao qual voltamos nossa análise. Temos aqui a exploração da ironia quando, Erly Fernandes, refere-se ao atropelamento do suspeito, entendemos que isso é feito para que de certa forma suavize as violações ocorridas no decorrer do programa como também possibilite a perpetuação desses conceitos explanados na memória dos espectadores que reproduziram tais posicionamento mesmo que de forma involuntária.

Se observarmos pelo prisma da análise discursiva baktiniana, na qual a palavra funciona como signo ideológico por excelência, pois ela como um produto de interação social acaba por caracterizar a pluralidade de valores, Brandão (2004) exprime que essa perspectiva baktiniana retrata diferentes formas de significar a realidade, mas essa significação é baseada nas vozes e pontos de vista das pessoas que as empregam.

Esse tipo de produção é constantemente alvo de ações em tribunais por declarações como esta que agora nos colocamos a analisar. Porém em sua defesa, as produções sempre focam em nos indicar que os programas têm a premissa de informar o cidadão-espectador, mas que tipo de informação estariam eles propagando uma vez que essas vozes estão empregadas a favor de pessoas que detêm o poder da mídia e do capital, conseqüentemente interesses políticos não deixam de se destacar quando tratamos desse tipo de assunto, assim encontramos em Orlandi (2009, p. 16) que nos diz:

Assim a primeira coisa a se observar é que a Análise do Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2009, p. 16)

Corroborados pelo trecho descrito podemos apontar que os programas de telejornalismo policial tendem a informar erroneamente os seus espectadores, pegando como exemplo o trecho transcrito por nós, em que o apresentador sarcasticamente diz que: “é capaz dos Direitos Humanos vir processar o motorista desse carro aí”. Essa afirmação por si só é de um equívoco grosseiro, pois esse caso apresenta características típicas para ter sua vinculação como acidente de trânsito, uma vez que na condução do veículo o motorista assustou-se com a movimentação abrupta que surgira a sua frente pelo suposto assalto.

Além do mais, ainda que o motorista tivesse a intenção de atropelar o suspeito o caso pode muito bem ser tipificado como legítima defesa que de acordo com o nosso Código Penal em seu Artº 23 deixa claro que: “Não há crime quando o agente pratica o fato: II – em legítima defesa”, sendo a legítima defesa caracterizada pela repressão a uma injusta agressão atual ou iminente, a direito próprio ou de terceiros, que pode ser repelida moderadamente usando os meios necessários. Assim sendo uma ação enquadrada como atitude realizada em legítima defesa ela é justificante, e agindo nos termos que a qualificam o agente não pratica crime algum.

É importante frisar que se faz temerário quando um programa que se tem por exercer a função do jornalismo acaba por veicular informações desconexas, errôneas ou até mesmo incompletas, pois muitas pessoas ainda têm na televisão o seu principal veículo de informação. Como dito por Cunha (2017, p. 06) quando aponta que:

A televisão apesar da revolução que a internet provocou na área da cultura e do jornalismo, para ficar apenas nesses campos, é responsável pela bagagem informacional e política da maioria da população brasileira. De acordo com dados da “Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 – Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira”, divulgada em janeiro, pela Secretaria de Comunicação Social do governo⁷, quase 90% dos brasileiros se informam pela televisão sobre o que acontece no país, dos quais 63% têm na TV o principal meio de informação. (CUNHA, 2017, p. 06)

Por isso de acordo com esses elementos já discutidos até o momento podemos ver que a significação sugerida nessa edição do programa Fala Cidade a partir da fala do apresentador, Erly Fernandes, tende a transmitir conceitos e ideias medievais (o qual todo criminoso deve morrer), informações incompletas ou até mesmo errôneas (a capacidade de uma representação legal de uma entidade dos Direitos Humanos contra o motorista),

deixando assim de informar, o que seria o intuito primordial e finalidade de uma produção de cunho jornalístico, ficando por causar efeitos no seu público semelhantes a desesperança, medo e até mesmo o ódio e a revolta.

Temos em nosso entendimento que o motivo de o apresentador ter festejado a morte do suspeito não reside apenas no fato de que o mesmo agia em contribuição para o crime e desvio, mas também pelas características externas do suspeito morto (fenótipo), uma vez que os negros correspondem como a maior parte da população carcerária do Brasil, afirmação nossa endossada pelo Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen²², que tem o objetivo de estabelecer um diagnóstico da realidade prisional brasileira, com uma metodologia de coleta de informações conduzida através de formulário online preenchido pelos responsáveis de cada unidade prisional, de acordo com as orientações do Departamento Penitenciário Nacional - Depen. Os dados foram validados e/ou retificados pelos gestores estaduais, após análise de consistência das informações pelo Depen.

Tal relatório nos informa que 13,60 % dos presos hoje no estado da Paraíba são negros e 50,79% são pardos, esses números nos dão mais clareza ao afirmar, que a comemoração expressa pelo apresentador, Erly Fernandes, da TV Manaíra se dá pelo tombamento de mais um corpo negro, não importando se ele agia de acordo com a lei ou não.

6.1.6 Sexto caso - Reportagem: Morreu no hospital de trauma o homem atropelado quando assaltava uma mulher (Programa Fala cidade – TV Manaíra).

Em nosso próximo caso de análise foi ao ar no dia 10 de julho de 2018 o apresentador faz um comentário de retomada sobre uma reportagem que foi noticiado no dia anterior (09 de julho).

A reportagem noticiada no dia anterior, dava conta de que dois homens foram atropelados por um carro, o caso aconteceu enquanto supostamente praticavam assaltos no

²² Disponível em: < <http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorios-sinteticos/infopen-jun-2017-rev-12072019-0721.pdf>> Acesso em Nov. 2019.

bairro do Distrito Industrial da cidade de João Pessoa, a matéria tinha o título de: dois homens que estavam assaltando foram atropelados quando abordavam uma mulher.

No entanto que dessa vez o programa vem com o intuito de anunciar a morte de um dos homens envolvidos no suposto assalto, assim em decorrência das lesões sofridas no atropelamento acabou por falecer naquele mesmo dia no Hospital de traumas, também localizado na cidade de João Pessoa.

Toda fala por nós aqui transcrita foram feitas pelo apresentador do programa, Erly Fernandes, que ao noticiar o falecimento do homem colocou-se em clima de comemoração, dessa forma o apresentador soltou bravatas e faz piadas além da espetacularização da morte do suspeito.

Quadro 13: Transcrição programa Fala cidade dia 10 de julho de 2018

Apresentador	Olhai ai oia 12:14 12:14 cê tá vendo ai esse ai escapo né? Esse aqui (apontando para o telão) esse aqui escapou fedendo o outro morreu ai eu vou dizer pra você ai eu vou ficar triste por que o assaltante morreu eu não vou ficar triste não (+) eu não fico triste não (fazendo sinal de negativo com o dedo indicador direito para a câmera) meu pai me dizia: “o mal por si se destrói” “quem procura acha” eu escutei muito isso ai em casa “ô quem procura acha” esse ai o que foi que aconteceu com ele batatinha? Morreu...
Efeito sonoro	Lascou-se!

Fonte: o autor

Sabendo que os programas de telejornalismo policial são produtos de uma cultura de massa e de acordo com essa concepção já pacificada e seguindo o raciocínio disseminado pela Teoria Culturológica da comunicação que nos diz que, os produtos de massa são confeccionados e preparados para atingir o gosto do homem médio, Morin (1997).

Esse homem médio, ao qual os produtos de massa pretendem atingir, é o homem que é seduzido pelas palavras fáceis, interpelações rasas e ideias de senso comum, bem como exemplificado até o momento pela fala do apresentador em questão.

Assim vimos que o apresentador comemora e desdenha de uma morte, demonstrando com isso pouca ou nenhuma empatia e humanidade para com as dores que

são geradas em decorrência desta a parentes e familiares desde o momento em que o sujeito entra no caminho do crime/desvio.

Dessa forma permanece o programa Fala cidade no caminho do erro e da violação de direitos, mais uma vez transgredindo preceitos constitucionais fere ele o inciso V do Art. 5º da nossa Constituição Federal que reza: “é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem.”

Em nosso entendimento quando o apresentador, ao vivo, declara “não ter pena” pelo suspeito ter vindo a óbito, que ele encontrou o que estava procurando e por último de maneira zombeteira e desrespeitosa diz que o suspeito morto “lascou-se” o desdém pela vida do outro nos fica claro, acarretando brechas legais para uma ação indenizatória que poderia então ser movida pelos familiares do suspeito falecido, tendo em vista que sua memória estava sendo violada além de que não teria ele passado por um julgamento para determinar se seria ele considerado culpado ou inocente.

Nesse caso o tratamento de confecção de um discurso massivo para o homem médio tem por base a desgraça alheia, a dor do outro faz com que tenham eles combustível para movimentar a máquina do ódio que por eles é difundido através da televisão e da internet, essa última ferramenta que acaba por potencializar ainda mais o alcance dos ataques feitos nesse tipo de produção, uma vez que além de possibilitar uma retransmissão ao vivo do programa, gera um armazenamento de massa e esse tem durabilidade indeterminada.

6.1.7 Sétimo caso - Reportagem: Preso suspeito de atirar e matar gerente de posto em assalto na capital. (Programa Correio verdade TV Correio).

O trecho analisado agora foi exibido no dia 31 de maio de 2018, numa chamada ao vivo. A reportagem em questão trata sobre o caso de um assalto que ocorreu no dia 26 de maio do mesmo ano.

A reportagem tinha o objetivo de informar sobre o caso de um gerente de posto de combustível que reagiu a um assalto vindo a ser atingido pelos disparos de arma de fogo que o levaram a óbito.

Na reportagem conduzida pelo repórter Emerson Machado, ali nos é apresentado um homem de nome Anderson Santos, acusado de ter participado do evento em que ocorrera a morte do gerente do posto de combustível.

A transmissão foi feita diretamente da sede da delegacia de roubos e furtos da capital paraibana, com o caso sendo capitaneado pelo Delegado, Wagner Dorta.

Assim seguimos com a transcrição das falas:

Quadro 14: Transcrição programa Correio verdade dia 31 de maio de 2018

Repórter	Boa tarde, Samuka Duarte boa tarde a todos boa tarde a Paraíba inteira boa tarde a você que tá nos acompanhando na TV correio no nosso correio verdade desta quinta-feira Samuka nós estamos aqui na Delegacia de Roubos e furtos da capital onde a polícia civil através do Delegado doutô Wagner Dorta dos competentes agentes dessa delegacia conseguiu prender o segundo acusado de ter tirado a vida do gerente do posto de gasolina o Maciel no último sábado na avenida Edson Ramalho aqui em João Pessoa no flagrante no momento do caso a polícia prendeu o primeiro acusado a gente vai rodar o vídeo ai colocar as imagens e vai mostrar o Anderson Santos=(acusado) de camisa vermelha ele que e o autor dos disparos e a informação e que outros crimes ele vinha praticando de assalto também em toda região aqui está ele andson tu vai me fazer só um favor (com a mão direita sob o ombro do acusado) você vai só levantar a cabeça pode ser? (toca levemente o queixo do acusado) porque na hora que você atirou num trabalhador você atirou olhaaando para um cidadão que as imagens tão ali mostrando você pode então levantar o seu rosto? pode levantar? E pode contar pra mim o que foi que passou pela sua cabeça naquele momento de você tirar a vida do rapaz? você chegou a dizer pra mim agora a pouco de que não imaginava que ele ia morrer(+) (+)foi isso? (aponto o microfone para boca do acusado) (+)(+)(+) num foi isso andson hein andson? (+)(+) você vai falar alguma coisa ou não? (+) você tá arrependido? (+)(+)(+) é verdade que você praticou outros assaltos e que atirou em outras pessoas lá outros comerciantes da área de Manaíra? (+)(+) (acusado balança a
------------------------	---

	cabeça negativamente) intão diga a verdade!
Acusado	Num é num é num é isso é conversa num é
Repórter	Tá isso é conversa
Acusado	Num é num é num é num é
Repórter	Você não atirou em outras pessoas?
Acusado	Naum
Repórter	Você só atirou no Maciel?
Acusado	Naum naum naum naum naum o que eu disse eu siguro e é verdade
Repórter	Como é que você segura? Levanta a cabeça
Acusado	Ahhhh (demonstra aborrecimento)
Repórter	Va diga ai o que é que você segura? Você com aquele revólver na mão voe é cabra homem é cabra macho é puderoso é matador faz tudo e porque (acusado toma a palavra)
Acusado	Tava conversando agorinha comigo dizendo que vou te ajudar que não sei o que (repórter toma a palavra)
Repórter	Ajudar a te lascar só se for
Acusado	Então tá o então não falo nada com você não
Repórter	Eu vou ajudar a te arrebentar
Acusado	Então eu não digo nada pra você (repórter toma a palavra)
Repórter	Como é que tu mata um pai de família?
Acusado	Pode bater em mim faça o que você quiser
Repórter	Eu não vou bater em você que eu não sou polícia pra bater em você
Acusado	Eu não vou falar nada não (cai ao chão o distintivo policial de grupamento colocado no peito do acusado)
Repórter	Eu pego eu pego e porque tu matou um pai de família? (+) Hein? (+)(+) E porque tu matou um pai de família? (+) porque tu matou o vagabun:: o cidadão de bem? (+)(+) Hein? (+) Tu matasse um trabalhador cara um pai de família que tava sustentando a família dele tu deixasse uma família e tu acha que isso é certo? (+)(+)(+)(+) E os outros crimes que tu praticasse? (+) A polícia tá mentindo hein tu tá arrependido do que fez? (+)(+) (+)(+) tá arrependido ? (+)(+) fale meu amigo (+) rapaz (acusado toma a palavra)
Acusado	Olhe (repórter toma a palavra)
Repórter	Pronto é isso que eu quero que você fale agora olhe pra câmera ali vá seja cabra homem ali também na câmera vá diga ai o que você quer diga diga o que você quer dizer fale ai na boa vá diga
Acusado	Eu quero pedir perdão a todo mundo ai que viu essa cena olhe me desculpe me perdoe não era pra acontecer isso aconteceu infelizmente não foi pranejado éé essa essa essa tragédia essa essa disordi ai nessa família na vida dele arrente não tinha plano

	disso meu projeto num era esse (repórter toma a palavra)
Repórter	Qual era o plano? Espero só um minutinho (faz gesto com a mão esquerda para que alguém que a câmera não enquadra)
Outro microfone aparece no quadro no qual o acusado se aborrece e vira as costas	
Acusado	Não eu num vô falar mais naum
Repórter	Pô Wagner=(delegado responsável pela delegacia na qual o acusado estava preso) o caba faz isso ele já fez a matéria (percebe-se que o repórter está reclamando da chegada repentina de outro repórter de outra emissora que acabara de chegar e pretende também entrevistar o acusado, mas mesmo assim continua a pressionar o acusado) diga ai qual era o plano? O plano que você queria era matar o cidadão cara o plano que você queria era robar (acusado vira e encara o repórter)
Acusado	Eu num vou falar pra você naum meu irmão
Repórter	Você queria matar e robar
Acusado	Eu vou falar pra você agora (o acusado fala pra o outro representante de emissora que anteriormente havia atrapalhado sua fala e vira-se pra ele para falar)
Repórter	Va diga você queria matar e robar (o repórter insiste que o acusado fale com ele) não fale pra mim não porque eu não gosto de vagabundo não vagabundo da sua qualidade eu não gosto não e não corte não não me tire do ar não Cristina =(diretora do programa) isso aqui é um vagabundo assaltante matador de gente (fala com dedo em riste na direção do acusado) agora poucos aqui na Paraíba tem coragem de dizer o que eu tô dizendo na sua frente viu ? você tirou a vida de um pai de família cara você deveria respeitar as pessoas não deveria nem tá aqui aqui (aponta para o chão)
Acusado	Você tá cum raiva porque eu num tô falando com você
Repórter	Eu tô com raiva porque você matou um pai de família
Acusado	Você tá cum raiva você tá cum raiva
Repórter	Porque você tirou uma (acusado toma a palavra)
Acusado	Eu num tô dizendo que tá cum raiva (repórter toma a palavra)
Repórter	Porque você tirou (acusado toma a palavra)
Acusado	Num é o que eu tô dizendo você tá cum raiva
Repórter	Eu tô com raiva porque você matou um pai de família
Acusado	você tá cum raiva eu num vô falar pra você
Repórter	A sociedade inteira está com raiva e você

	rapaz
Acusado	Mas você tá mais
Repórter	Eu tô mais porque você matô (acusado toma a palavra)
Acusado	Você ganha mais com isso
Repórter	Porque aqui eu represento o povo
Acusado	aqui você ganha
Repórter	Eu estou aqui representando o povo
Acusado	Se eu falar aqui você ganha
Repórter	Eu estou aqui representando uma sociedade rapaz venha cá douto Wagner você matou o cara rapaz não tem desculpa pra isso não
Acusado	não tenho nada pra falar
Repórter	Eu tenho que discutir mesmo porque o povo que tá em casa quer ouvir isso viu? Douto Wagner Dorta boa tarde parabéns pra Polícia Civil desculpa o meu tratamento isso aqui é a revolta do povo que está em casa (delegado balança a cabeça positivamente) muito paraibanos que estão em casa nos assistindo queria tá aqui frente a frente com ele
Acusado	Pelo amor de deus
Repórter	Pelo amor de deus o que homi não fale no nome de deus não homi você tá proibido de falar no nome de Deus (com o tom de voz alterado) olhe com o crime que você cometeu não fale no nome de Deus isso aqui não é pra falar o nome de nada douto Wagner parabéns polícia civil parabéns pelo trabalho
Delegado	Obrigado Emerson realmente esse criminoso anderson pompom ele vinha aterrorizando o bairro de Manaíra ele e o parceiro dele o Eri Jhonson sábado (26/05/2018) éé mataram éééé o cidadão de bem éé o gerente do posto que estava num encontro religioso e se dirigiu ao posto de combustível apenas para fazer a sangria dos caixa né? E aí esses criminosos chegaram lá os dois armados atiraram os dois atiraram na vítima e um ficou preso lá na hora a população conseguiu segurar o criminoso e esse elemento fugiu armado estava escondido no bairro Colinas do Sul a equipe da delegacia a equipe da delegacia de crimes contra o patrimônio da capital desde sábado se dedicou para prender o elemento e hoje pela manhã chegou o informe que ele estaria pre::: escondido lá no Colinas do Sul (bairro da periferia da cidade de João Pessoa) e fomos e fomos lá e conseguimos prender esse elemento (repórter toma a palavra)
Repórter	douto Wagner só um minutinho Samuka= (apresentador do programa) segura um pouquinho aí ele tava dizendo aqui se

	agarrou com o gerente que que o gerente queria tumar a arma dele pra matar ele tenha vergonha de mentir rapaz só porque o gerente tá morto você tá dizendo isso do cara rapa respeita a família
Acusado	Eu to respeitano (repórter toma a palavra)
Repórter	Você tá respeitando o que
Acusado	Eu peço perdão eu peço desculpa
Repórter	Tá respeitano como? você tá dizendo que o cara se agarrou com você
Acusado	Naum naum naum naum (repórter toma a palavra)
Repórter	E você num tá dizendo ai (gritando)
Acusado	deixa eu falar você nem deixa eu falar
Repórter	Então fale
Acusado	Mas cum você eu num falo cum você eu num falo
Repórter	Fale
Acusado	Cum você eu num falo
Repórter	Eu falo com você aqui eu falo com você em todo canto
Acusado	Você é ignorante você parece um cavalo
Repórter	Mas eu sou assim
Acusado	Pronto se você tá dizendo
Repórter	Eu não gosto de vagabundo (elevando o tom de voz) eu num sou obrigado a gostar de vagabundo
Acusado	Tá ok
Repórter	E eu vou gostar de um assassino desses rapai vai Samuka Duarte o povo me desculpe mas aqui é a revolta popular (visivelmente irritado o repórter encerra a transmissão)

Fonte (o autor)

Observando a transcrição vemos a postura agressiva do repórter frente ao acusado, intimidando-o, ameaçando-o e alterando o tom de voz são formas de comportamento decorrentes no programa em questão, principalmente por parte do repórter, Emerson Machado, que é bastante conhecido pela sua postura dura, fato que já levou a Ordem dos Advogados do Brasil, seccional Paraíba – OAB/PB em novembro de 2016 a emitir uma nota de repúdio ao repórter uma vez que ele havia chamado o advogado criminalista, Bruno Deiru, que estava em exercício de sua função na Central de polícia de João Pessoa, de ex-presidiário²³.

²³Disponível em: <<https://www.clickpb.com.br/Policial/emerson-machado-chama-advogado-de-ex-presidiario-e-deve-ser-processado-213697.html>> Acesso em Set 2019.

Volochinov (2013) nos diz que todo enunciado tem uma construção histórica que o precede. Assim devemos observar que o histórico do repórter aqui apontado por nós, demonstra sua métrica empregada em abordagens a interlocutores, que em sua maioria são negros de origem pobre e pouco alfabetizados (assim como o acusado da reportagem da análise em tela).

Abordando essa peculiaridade operacional do repórter em questão levaremos em consideração o que nos diz Volochinov (2013) quando fala sobre gênero discursivo, para ele seria a forma de enunciação gramatical e estilística construída e complementada dentro de um campo de intercâmbio comunicativo, compreendido pela sua parte verbal expressa e também pela sua parte extra verbal não expressa (aquilo que é dito e aquilo que fica subentendido).

Um dos exemplos da presença desse pensamento de Volochinov (2013) nessa reportagem por nós transcrita pode ser observada quando o repórter, Emerson Machado, diz para o acusado “você está proibido de dizer o nome de Deus” está ele verbalmente e diretamente expondo o cerceamento de crença ao indivíduo acusado de crime e de maneira não verbal e indireta (de maneira subentendida) negando a humanidade daquele acusado que está sendo interpelado.

Munidos dessa informação acreditamos que uma das características incorporadas nesse discurso do repórter trazido por nós é emanado por ele com a intenção de estabelecer entre ele e o público um elo, sendo esse elo estabelecido não só por crenças religiosas, mas também por matérias ideológicas que não podem ser desrespeitadas. Assim unidos por uma suposta indignação moral, sensação de insegurança e sensação de impunidade, refletida na população com relação aos casos de crime, como também pelos crescentes índices de violência apresentados em nível nacional.

A partir desse ponto acreditamos que se interpretarmos a tela da TV como um gênero discursivo, pois dentro desse espectro comunicativo está estabelecido um diálogo, pois a cada enunciação é direcionada a um ouvinte buscando sua compreensão uma vez que costumamos responder aos nossos interlocutores não só com palavras, mas também com gestos e acenos.

**6.1.8 Oitavo caso - Reportagem: Policial militar é morto ao tentar evitar assalto.
(Programa Correio verdade TV Correio).**

A próxima reportagem em análise foi exibida no dia 02 de Julho de 2018, o caso apresentado refere-se à a morte de um soldado da Polícia Militar da Paraíba – PMPB, Ewerson Fernandes, fora morto numa troca de tiros no momento em que mesmo em seu dia de folga, tentou frustrar um assalto em curso no bairro de Jaguaribe, cidade de João Pessoa.

No dia em questão, o programa estava sendo apresentado pela repórter, Jaceline Marques, que substituíra o apresentador, Samuka Duarte.

Quadro 15: Transcrição discurso programa Correio verdade dia 02 de Julho de 2018

Apresentadora	Coloca aqui na tela da verdade o vídeo exclusivo da ação do criminoso eu sei que muita gente que tá assistindo agora vai dizer assim: “o policial vacilou ele chegou e anunciou o ass:: é ele anunciou é pulicia” sabe porque o policial já não chegou atirando ? porque se esse bandido tivesse morrido e o policial tivesse vivo ia cinquenta advogado lá na casa dele os Direitos Humanos ahh porque você matou? Porque é um coitadinho porque o coitado num fez nada porque e assim o policial ta no trabalho dele todos os dias ai quando mata um bandido vem corregedoria da pulicia bate em cima vem Direitos Humanos bate em cima e o cara termina perdendo o emprego é assim que nós tamos vivendo o policial andando assim oia algemado (esfrega os dois pulsos um no outro simulando estar presa pelos pulsos) tá aqui a ação oia mostra aqui o começo o policial anuncia oia (apontando para tela onde era exibido um vídeo de câmeras de segurança que teriam filmado o momento do crime) atenção é pulicia quando ele gritou é pulicia o bandido já virou atirando repito tem gente que vai dizer: “ahh o policial vacilou ele não teve experiência” num é experiência não meu amigo é a experiência da rua que diz assim oia: “cuidado” porque se tu matar um bandido quem fica preso é você quantos puliciais já ficaram presos dentro de um quartel durante trinta dias quarenta dias três
----------------------	---

	meses detidos dentro de um quartel porque matou bandido no meio da rua ? porque é muito fácil criticar ação da pulicia é muito fácil dizer que o policial tá errado que o policial tá despreparado mas vai você num momento como esse num momento de tensão (+)(+) (+) um cara desse rapaz sai de casa pronto pra matar ou morrer por causa de um celular o policial morreu porque esse bandido ele queria um celular ai eu sei que nesse momento vai tá a família dele “ahh mas Jaceline tá chamando o meu filho de bandido” e era o que ? era um santo? Era um criminoso morreu assaltando tem esse negócio de ficar passando a mão na cabeça não eu tô cansada de chegar em delegacia pra trabalhar no exercício da minha profissão ai ter mãe de bandido e irmã de bandido querendo agredir a gente na delegacia “ah você não vai mostrar meu filho não” “ah porque meu filho não fez nada” olhe tome vergonha na cara você que é mãe de pilantra como esse e corrija seu filho não passe a mão na cabeça não não agrida repórter no meio da rua não agrida policial no meio da rua porque tá fazendo o exercício da sua função corrija seu filho tome conta do seu filho como a mãe da vítima disse: “eu eduquei meu filho pra ser um cidadão de bem pra estudar pra seguir o caminho do bem dentro da igreja” então se ela conseguiu porque você não conseguiu também num tô dizendo aqui que é culpa de pai e de mãe ter filho bandido não não tô dizendo que é culpa não mas temos também uma parcela de culpa como cidadãos como pais hoje em dia quem tá educando os filhos são as professoras chega em casa oia vá pro colégio do jeito que quer faz o que faz no colégio (espalmas as mãos uma na outra) desrespeita o professor e eu tenho uma e casa de dez anos de idade e lá em casa tem uma lei olha vá pra iscola respeite a professora porque se não respeitar a professora quando chegar em casa o couro come(+) e eu não espanco filho não eu corrijo (apontando para a câmara que a filma em primeiro plano com o dedo indicador da mão direita em riste e braço firme) essa história de dizer que não é porque o bichinho vai ter problema psicológico problema psicológico vai ter sabe quem? Ai ó (bate o com dedo indicador direito na tela que aparece a filmagem do enterro do PM morto) essa família que ficou sem o pai um filho sem o pai uma esposa sem o marido uma mãe sem o filho ai vai ter
--	--

	trauma sim pro resto da vida (+) saber que criou o filho cum educação cum amor cum dignidade respeitando as pessoas coitado dos pais quanto tempo esse policial num ficou ó sentado abdicou de festa abdicou de momentos com a família (realiza contagem nos dedos da mão esquerda) pra que? Pra estudar pra passar no concurso da pulicia pra enfim formar-se um soldado chega um bandido desse tira a vida dele e fica por isso mesmo fica por isso mesmo sabe por que ?? porque ninguém tá nem ai (espalma as mãos uma na outra) o policial ele prende o bandido de manhã a tarde ele tá solto aí essa audiência de custódia deixa eu explicar uma coisa pra você quando o cara é preso em flagrante ele vai pra audiência de custódia pra que pra ser avaliado a situação flagrantiosa saber se realmente houve isso se ele tava errado ai solta quando o bandido ele tem um mandado de prisão eu chamo bandido por que é bandido mermo tem isso de suspeito não é bandido (alterando o tom de voz) ai quando o bandido é preso por um mandado de prisão sabe pra que é a audiência de custódia você não sabe não mas eu vou lhe dizer a audiência de custódia de um bandido que tem mandado de prisão é simplesmente pra se a pulicia tá maltratando ele se ele apanhou se ele foi direitinho na viatura se o bichinho passou fome (contando nos dedos da mão esquerda) é isso pra que serve a audiência de custódia agora a culpa é do judiciário? Não é os juízes só cumprem a lei a culpa é desse código penal de 1940 caduco e que ninguém tá nem ai (+)(+) pulítico vai fazer lei pra que? Pra prender eles mesmo? Porque a corrupção tá ai (aponta com os indicadores das mãos para o lado esquerdo) se for mudar essa lei meu amigo é tanto pulitico preso também eu sei que tem uma tal de imunidade parlamentar que isso é uma vergonha mas (+)(+)(+) nós infelizmente estamos no Brasil (espalma as mãos) fazer o que ?
--	--

Fonte: (o autor)

Numa discussão textual que tenha por metodologia a Análise do Discurso acreditamos que seja importante termos em mente também que o enunciado se constrói sob determinadas condições que subsidiam essa produção. Então observando sob essa

perspectiva de construção social de enunciados entendemos que dentro das qualificações encontradas hoje na sociedade brasileira, a fala da apresentadora, Jaceline Marques, vem a se mostrar como fragmento de uma orientação social (orientação para o discurso do ódio) fortemente disseminada nos dias atuais.

O comentário realizado pela apresentadora, Jaceline Marques, além de desprovido de qualquer embasamento em dado científico e aporte teórico, demonstra ter em seu conteúdo grande raiva e falta de empatia para com mortes de seres humanos, fatos que certamente ela já havia presenciado em momentos anteriores de sua vida profissional.

De acordo com o que podemos observar cotidianamente dentro de nosso seio existem um grande avanço de uma orientação social voltada a posições reacionárias e retrogradadas, o que podemos considerar como correspondente aos crimes de ódio contra minorias que ao longo do tempo veem obtendo políticas públicas que positivaram algumas de suas pautas públicas, como as cotas em concursos públicos, criminalização da homofobia etc.

Ainda abordando os conceitos de orientação social do discurso vemos em Volochinov (2013, p. 169) que nos diz:

A orientação social é uma das forças vivas organizadoras que, junto com a situação da enunciação, constituem não só a forma estilística, mas também a estrutura puramente gramatical da enunciação. Nessa orientação social, encontra o seu reflexo o auditório da enunciação – presente ou pressuposto – já que fora deste, como vimos, não teria nascido, nem teria podido nascer nenhum ato de comunicação verbal. (VOLOCHINOV, 2013, p. 169).

É de se compreender que para Volochinov (2013) a orientação social atua como elo principal do processo de formação discursiva, pois é através desta que o indivíduo estabelece suas relações de sentido.

A partir desse ponto podemos compreender melhor que as colocações feitas pela apresentadora, Jaceline Marques, faz ao longo da apresentação da matéria tem o intuito de se colocar junto ao público como parte indignada pela morte de um agente público. Essa indignação pode ser colocada como teleguiada, pois a apresentadora manipula a opinião de um público que já é repleto de senso comum.

Dentro dessa caminhada teórica sobre as formações discursivas e orientação social encontramos também em Foucault (2005) quatro hipóteses que ele levanta sobre as formas em que se dão essas formações discursivas.

A primeira hipótese nos diz que os enunciados são diferentes em sua forma e se encontram dispersos pelo tempo. Para Foucault (2005) as especificações determinadas pelos enunciados são construídas pelos conjuntos, tudo aquilo que é dito dentro de um grupo de enunciados que nomeiam, recortam, descrevem, explicam etc. Sendo assim a individualidade de um enunciado só é possível após uma análise de todos os interstícios que o formam, apontando sua coletividade formadora.

Como exemplo dessa primeira hipótese podemos observar os vários momentos que a apresentadora, Jaceline Marques, nomeia a pessoa a que se refere em seu discurso como bandido, colocando outras pessoas dentro do seu conjunto especificativo quando fala “mãe de bandido” com isso acaba ela por nomear, recortar e descrever quais os tipos de pessoa a quais destina sua ira.

A segunda hipótese de Foucault (2005) diz que existe um caráter constante de enunciação, que acaba por formar um *corpus* do conhecimento léxico que fica compreendido no campo perceptivo de um grupo específico.

Essa segunda hipótese pode ser exemplificada quando observamos o enunciado “Porque a corrupção tá aí, se for mudar essa lei meu amigo é tanto pulítico preso também eu sei que tem uma tal de imunidade parlamentar que isso é uma vergonha, mas nós infelizmente estamos no Brasil”. Tal colocação vem trazer ao público que assiste o programa que o Brasil é o país de impunidade e da corrupção, que podem acabar por trazer o os interlocutores para o mesmo espaço lexical que a apresentadora faz uso, tornando mais fácil a compreensão da sua mensagem.

Já na terceira hipótese Foucault (2005) esclarece que os grupos de enunciados não são fechados e assim não permanecem, havendo constante intercâmbio lexical o que coloca os enunciados numa posição de certa incoerência.

Tal hipótese pode ser demonstrada pelo enunciado: “porque se esse bandido tivesse morrido e o policial tivesse vivo ia cinquenta advogado lá na casa dele os Direitos Humanos ahh porque você matou?” nessa colocação a apresentadora, Jaceline Marques, tenta colocar o enunciado que corresponde a entidade dos Direitos Humanos em um campo

de incoerência, uma vez que tenta ela desvirtuar o entendimento da atuação das entidades protetivas de Direitos Humanos, pois em seu entendimento quando alguém em situação de confronto com o estado venha a perder a sua vida não se emprega necessária justificativa alguma, como se o estado tivesse as obrigação invertida, ao invés de proteger vidas pudesse tira-las.

Por fim em sua quarta hipótese de Foucault (2005) aborda que uma mesma temática de enunciado se articula a partir de jogos de conceitos, de dois tipos de análise entre dois objetos perfeitamente diferentes uma ideia evolucionista e uma ideia utilitarista.

Essa hipótese pode ser exemplificada no enunciado: “quantos policiais já ficaram presos dentro de um quartel durante trinta dias quarenta dias três meses detidos dentro de um quartel porque matou bandido no meio da rua?” por esse enunciado nos fica claro que o conceito de prisão é trocado, pois quando um agente público (no caso um policial) sofre uma punição, no caso uma prisão esta é chamada de prisão disciplinar, se dá por uma punição a alguma infração cometida por esse servidor público.

Pelo discurso proferido pela apresentadora, Jaceline Marques, passa ao telespectador desavisado que policiais são presos injustamente, pelo simples fato de ter atirado num confronto armado, quando na verdade, para que o agente público seja privado de sua liberdade, existe todo um processo legal, iniciado numa sindicância.

Por isso entendemos que o discurso da apresentadora do telejornal Correio verdade, Jaceline Marques, que por nós acabada de ser analisado, em suma acaba por perverter o sentido evolucionista que a punição com a privação de liberdade adquiriu em toda evolução da sociedade humana, colocando-a num sentido utilitarista como ferramenta utilitarista de viés ideológico.

6.1.9 Nono caso - Reportagem: Corpo de sargento dos bombeiros é enterrado em Cabedelo com honras militares. (Programa Correio verdade TV Correio).

O próximo caso é oriundo do falecimento de um Sargento do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba - BMPB, Josélio de 52 anos, o caso aconteceu no dia 30 de agosto. O Sargento foi vitimado dentro do quartel da instituição no bairro de Mangabeira, cidade de João Pessoa, quando um homem invadiu a base a fim de roubar a sua arma.

No dia em questão retiramos a fala da apresentadora, Jaceline Marques, que estava substituindo o apresentador oficial do programa, Samuka Duarte, no dia em que a reportagem do enterro do Sargento do Corpo de Bombeiros foi levada ao ar.

A fala da apresentadora se dá após a apresentação da reportagem que mostrou o desfile do corpo na viatura do Corpo de Bombeiros e o sepultamento com honras militares, a reportagem também notificou a fala de amigos e outras pessoas que emocionadas e indignadas prestavam depoimento sobre o fato, exigindo justiça.

Quadro 16: Transcrição discurso programa Correio verdade dia 30 de agosto de 2018

Apresentadora	Deixa a imagem doo josélio aqui (+)(+)(+) eu vislumbrei na última quinta-feira duas coisas (+) a primeira a sensação (pensativa na seleção das palavras que vai pronunciar) (+)(+) de cada bombeiro que estava ali de impotência (+) a sensação de impotência eles que salvam vida todos os dias não conseguiram salvar a vida do próprio companheiro (apontando para tela onde estava sendo exibida a imagem do sargento morto) mas eu vi também (demonstra estar bastante emocionada e com os olhos rasos d' água) uma união (+) uma junção de polícia militar (+) polícia civil (+) e corpo de bombeiros (realiza a contagem das instituições nos dedos da mão esquerda) eu vi eu me arrepio (passa o dedo indicador da mão direita pelo braço esquerdo para demonstrar arrepio) quando eu lembro da imagem homens que saíram de casa que estavam de folga saíram a paisano para implacar junto com os que estavam de serviço uma caçada implacável a esses três criminosos esses três miseráveis que tiraram a vida do sargento Josélio (+) um homem de bem cuja a vida foi dedicada a salvar vidas e a proteger o ofício que ele ganhou quando entrou no corpo de bombeiros que tem o lema vida por vidas (+)(+)(+)(+) enquanto tá trabalhando chega um vagabundo daquele um vagabundo miserável daquele entra num quartel atira no policial sai e hoje onde é que ele tá comendo do dinheiro do meu bolso e do seu comendo do dinheiro (balança o dedo indicador esquerdo em riste para a câmera que a focava em plano semiaberto) que o sargento Josélio pagou de impostos esse mês (bate com o dedo indicador esquerdo na tela sobre a foto do sargento que ainda era refletida na tela) ele vai dormir num colchão
-----------------------------	--

	que a família do sargento Josélio ajudou a pagar (altera o tom de voz) ele vai tumar água (+) ele vai se alimentar tudo isso a partir dos impostos que a família do sargento pagou (+) eu e você (+) e que país é este que nós estamos a polícia militar implacou uma caçada pra prender três criminosos e essa caçada tinha que ser cheia de dedos porque? Porque se a pulícia matasse um desse três criminosos ai vinha Direitos Humanos vinha lei de num sei de que vinha lei de num sei da onde vinha sindicância da pulícia militar pra pra investigar o que é que tinha acontecido (conta as instituições com os dedos da mão esquerda) (+)(+)(+)(+) mas ai tá pai de família tá dentro de um caixão a esposa tá desolada a mãe dele aquela senhora de bem que criou o filho dentro das leis num padrão a ser seguido (mais uma vez conta nos dedos da mão esquerda) tá ai vítima (+)(+) sabe de que ? de uma sociedade hipócrita de uma pulitica mesquinha onde o importante é ajudar o povo é ajudar o povo lá de casa o importante na pulitica hoje e continuar deixar um cidadão cego surdo e mudo alienado (+) porque? Porque uma nação que lê uma nação que tem acesso a educação ela abre os olhos pra o mundo e eu espero sinceramente que você eu tá em casa agora me assistindo abra os olhos pra o mundo e aprenda a votar pra que mais Josélios não precisem morrer (mais uma vez aponta ao telão para imagem do sargento morto) pra mostrar o quanto frágil o quão frágil estão as (faz um círculo com o dedo indicador voltado para baixo e caminha para o centro do estúdio) leis do nosso país meus votos de pesar a família (une as duas mãos na altura da cintura).
--	---

Fonte: (o autor)

Uma das primeiras características da fala da apresentadora, Jaceline Marques, que queremos pontuar aqui é a repetição. Com sua referenciação constante pretende colocar parâmetros para seu julgamento, constantemente ela repete o nome do Sargento que fora morto, como se com isso pudesse invocar a sua presença e assim emocionar o telespectador.

Como se um ato tivesse capacidade de garantir a apresentadora a aceitação do seu discurso, Jaceline Marques solicita de pronto que a imagem do Sargento continuasse em tela, assim o público permaneceria olhando o semblante de um servidor público que fora morto no exercício de sua função. Repetir seu nome várias vezes funciona nesse momento

como um mecanismo poderoso capaz de refratar qualquer contra argumentação aquilo que está sendo dito por ela, um verdadeiro escudo.

Não podemos deixar de levar em consideração em nossa análise que a morte do sargento começa a ser colocada pela apresentadora como figura alegórica, um elemento de parâmetro no qual teríamos a sua imagem como figura exemplar, o popular “homem de bem” o que deve ser seguido, sendo o seu algoz um antagonista natural ao qual ele execra.

Essas colocações da apresentadora, Jaceline Marques, servem como elemento colaborativo para martirizar não só os algozes do Bombeiro assassinado, mas todo o público que a assistia naquele momento, pois o pesar e a gravidade do ato são constantemente reforçados.

A apresentadora questiona alimentação e condições de encarceramento em que são postos os presos do Brasil, levando o público a crer que os presídios brasileiros funcionam como hotéis cinco estrelas, onde os presos desfrutam de inúmeras regalias. Porém a realidade se mostra totalmente contrária ao que foi expresso pela apresentadora do telejornal, como mostra o relatório dinâmico “Sistema prisional em números” realizado pelo Conselho Nacional de ministério Público - CNMP²⁴, esse relatório nos dá conta de que a taxa de ocupação das unidades prisionais brasileiras é de 175%, no relatório também constam informações de tortura e maus tratos cometidos por funcionários do estado contra os detentos.

Precisamos pontuar a fala em que a apresentadora manifesta desconhecimento e insatisfação com as instituições e políticas de proteção a pessoa, ela se manifesta quando diz a apresentadora: “Porque se a pulícia matasse um desse três criminosos aí vinha Direitos Humanos vinha lei de num sei de que vinha lei de num sei dá onde vinha sindicância da pulícia militar pra-pra investigar o que é que tinha acontecido”. Aqui a apresentadora, Jaceline Marques, nos dá o entendimento de que no seu ponto de vista sobre as instituições de segurança pública quando em diligências e investigações, viessem a abater algum suspeito as causas e condições que se deram não poderiam ser investigados.

Mas a apresentadora esquece que em todo o Brasil cerca de 5.144 mortes foram causadas por policiais civis ou militares no ano de 2017. Tal informação foi dada por uma

²⁴ Disponível em: < <https://www.cnmp.mp.br/portal/noticias-cddf/11314-taxa-de-ocupacao-dos-presidios-brasileiros-e-de-175-mostra-relatorio-dinamico-sistema-prisional-em-numeros> > Acesso em Dez 2019.

matéria publicada pela revista *Veja*²⁵. Só no ano de 2018 o número de mortes foi para 6.160, resultando um aumento de 18 na taxa de homicídios cometidos pelas nossas polícias, como constata reportagem no *site* G1²⁶.

Paralelamente vemos a apresentadora, Jaceline Marques, tecer duras críticas ao modelo de educação que é dado no Brasil hoje, insinuando que as diretrizes de educação básica brasileira promovem a falta de incentivos a processos cognitivos e que hoje o sistema educacional brasileiro está criando indivíduos alienados.

Uma reportagem publicada no *site* Fundação telefônica²⁷ nos dá conta de um levantamento realizado Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, que revela as dificuldades para cumprimento de metas estabelecidas no Plano nacional de Educação - PNE, estabelecido em 2014 para cumprimento até 2024. Por ele temos conta de que o Brasil ainda tem uma população de 11 milhões de analfabetos, dentro desse a maioria mulheres e negros. A grande necessidade de entrar no mercado de trabalho é o principal fator para evasão escolar do jovem brasileiro.

Em outra reportagem, publicada pelo *site* Nexo Brasil²⁸ que dá informações sobre dados do Ministério da Educação – MEC, que mostram que nossos índices educacionais não sejam satisfatórios, o Brasil é um dos países que mais investe em educação no mundo, segundo a matéria alguns fatores são preponderantes para essas desconexão entre investimento e resultados como; evasão escolar e professores com formação inadequada.

Essas informações são suficientes para mostrar os equívocos nos enunciados da apresentadora do programa *Correio Verdade*, pois apesar de ainda não atingir os níveis educacionais de países mais desenvolvidos, estamos longe de promover uma educação alienante, as questões da política educacional brasileira demonstram pequenos avanços que a longo de seu prazo final (2024) teremos resultados positivos.

²⁵ Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/brasil/mortes-causadas-por-policiais-bate-recorde-em-relatorio/> > acesso em Mar 2019.

²⁶ Disponível em: < <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/04/19/numero-de-pessoas-mortas-pela-policia-no-brasil-cresce-em-2018-assassinatos-de-policiais-caem.ghtml> > Acesso em: 02 de Dez 2019.

²⁷ Disponível em: <<http://fundacaotelefonica.org.br/noticias/quatro-dados-alarmanes-sobre-a-educacao-brasileira/>> Acesso em: 02 Dez 2019.

²⁸ Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/04/04/7-dados-que-mostram-como-est%C3%A1-a-educ%C3%A7%C3%A3o-brasileira-hoje>> Acesso em: 02 Dez 2019.

7. CONSIDERAÇÃO FINAIS

Diante do que foi exposto até o momento durante a nossa pesquisa, podemos considerar que as notícias veiculadas nos programas de telejornalismo policial da Paraíba ao longo do tempo e das novas exigências de manutenção do público e busca por audiência tiveram seu caráter informativo mudado, isso em busca da conciliação de interesses políticos e comerciais.

Wonton (2006) propunha que havia duas visões de modelos estabelecidos pela televisão, sendo a primeira versão chamada de versão política pessimista que segue um modelo tecnicista, este que previa o triunfo da alienação do homem sugerindo um consumismo passivo do sujeito. E a segunda versão chamada de política otimista que enxerga a televisão como ferramenta neutra que serve como meio de reorganização de relações sociais.

Ainda comparando nosso objeto de análise (telejornalismo policial) com essas versões propostas por Wolton (2006), percebemos que nosso objeto de pesquisa se enquadra naquilo que o autor coloca como uma terceira via, uma terceira versão dita como ideologia da comunicação, sendo esse o ponto de convergência entre dois conceitos dominantes. Uma versão política que não pudemos enquadrar numa classificação dualista, uma vez que essa versão é movida a agir de acordo com sua necessidade não só comunicacional, mas também uma necessidade do capital.

Nesse viés que observamos ser empregado pelo telejornalismo policial uma vez que ele não imputa uma passividade de seus interlocutores, mas sim os convida para agir ativamente, porém de acordo com as orientações de discussão propostas como na primeira versão, nem tão pouco ela se coloca como uma ferramenta neutra no processo comunicativo, uma vez que ela age diretamente no processo de reconhecimento de mundo do seu público, o que nos dá subsídios para atestar que a ideologia de comunicação é uma adequação entre; as novas ferramentas de comunicação, a televisão, o capital e o novo público que surge em decorrência destes.

É importante termos em mente que essa terceira versão a qual lançamos discussão age diretamente sobre um dos preceitos mais básicos e importantes do telejornalismo, o valor-notícia. Enxergamos nessa pesquisa que o telejornalismo policial estabelece uma mudança na concepção daquilo que é entendido como valor-notícia muito propagado como sendo: “aquilo que as pessoas precisam saber”. Com essa terceira versão percebemos que o

conceito é transformado numa locução direta da TV para seu público como se ela exclamasse: “é apenas disso que as pessoas precisam saber”.

Se antes tínhamos um caráter de valor-notícia aspirado em manter um público informado sobre fatos que os rodeiam e fazem parte de sua rotina agora vemos um telejornal empenhado em passar informações com caráter de relato, porém sendo esse relato embebido em subjetividades e achismos, sabendo que esse relato feito nos programas passa por prismas (repórter e apresentador) esses embebidos em suas experiências próprias e guiados por uma linha editorial que os direciona a tender para uma perspectiva narrativa de desengano, desesperança e negatividade social são usadas atualmente para validar e ajustar aos seus intentos aquilo que conhecemos como valor-notícia.

Vale destacar que nós entendemos como valor-notícia a capacidade que um acontecimento tem de despertar interesse na população, atuando na seleção de acontecimentos, sendo assim um item de importante e valioso para ser transformado em notícia.

Durante nossa pesquisa caminhamos na perspectiva hipotética de que o valor notícia é pautado quase sempre por dois pontos, esses pontos ficam bem nítidos à medida que mergulhamos na análise discursiva dos programas analisados, sabendo que os valores-notícia são um elemento central da cultura jornalística Traquina (2005) dessa forma podemos citar:

- 1) A pauta pela repercussão, não em relevância, importância ou o quanto o fato pode influenciar a vida das pessoas, mas sim, o quanto o público irá se dispor a discutir sobre aquele fato, mostrando que tem uma opinião contrária ou favorável sobre aquilo que foi dito no programa, é a narrativa do “homem que morde o cachorro”.
- 2) As questões referentes a moral alheia, as atitudes tomadas pelos coo-cidadãos que têm potencial para movimentar a produção do telejornalismo policial de tal forma que boa parte de seu tempo em tela é gasto como se fosse um jornalismo de costumes, como se os hábitos, costumes e comportamento íntimo fosse invadir o “sacro santo lar” de toda uma população causando uma ruptura cultural inconcebível.

Dessa maneira ganham as produções de telejornalismo policial combustível para suas sessões diárias de noticiatização convertida em julgamento, que para nós se assemelham a verdadeiras fogueiras inquisitivas, uma vez que levantar polêmicas através

do sensacionalismo e trazer temas vazios para um debate “público” endossa interesses que por muitas vezes são desconhecidos de pesquisadores, público, e por vezes até mesmo dos profissionais que se rendem a prática dessa narrativa vazia de sentido.

Assim de acordo com as análises realizadas, e o conteúdo dos discursos aparados aqui em nosso trabalho entendemos que para o telejornalismo policial da contemporaneidade, a moral alheia detém valor-notícia.

É importante lembrar que para Charaudeau (2013) o processo de discurso midiático não é pautado apenas pela realidade, mas também por uma vivência construída pela mídia. Dito isso não se pode negar que essa construção se dá ao atendimento de interesses políticos e financeiros que minam as sinergias do corpo populacional envolvido.

Por isso, estamos inclinados a considerar o estilo televisivo do telejornalismo policial como algo vivo, único e independente, um estilo que aqui resolvemos chamar de “metaviolento”, no qual temos programas que se alimentam de narrativas de violência urbana, com o pressuposto de informar seu público a cerca dessa demanda de violência das grandes cidades, mas que o faz gerando mais violência sobre os fatos, com largo uso do sensacionalismo, polêmicas e violações de direitos.

Para nós, de acordo com o comportamento dos apresentadores e repórteres que fora observado, fica o entendimento de que os programas de telejornalismo policial criam suas pautas e enredos de forma que constituem o seu próprio sistema de processo penal, que possui uma característica ímpar, pois cabe na figura do apresentador o poder de julgar e acusar, estando toda uma estrutura montada para que no programa seja inadmissível a presença de uma figura que exerça uma função de defesa.

Seguindo a lógica da produção de telejornalismo policial, que consiste em atacar constantemente aqueles que são acusados de cometer atitudes criminosas como se com isso o alvo desses ataques fosse apenas aquele que é mostrado nas câmeras e expurgado socialmente pelos seus apresentadores, quando na verdade os ataques vão de encontro a preceitos constitucionais e humanos de civilidade e defesa da vida.

É notório que nossa análise parte em grande demasia do substrato de teoria do *Gatekeeper* no qual a notícia é analisada a partir da subjetividade imposta pelo jornalista, mesmo que isso ocorra inconscientemente, como explicado por Wolf (2008).

Temos por convicção que esse tipo de programa que pretende informar a população acerca de assuntos com relação ao crime, deve se esforçar para que a informação que

pretendam passar não acabe na efemeridade, pois falta profundidade no tratamento da notícia, uma vez que não contribui para formação de opinião de um cidadão a simplificação na qual apenas se fala do produto final, o crime.

São diversas e notórias as causas motivacionais para surgimento e deflagrações de atitudes criminosas, entre elas podemos citar: a desigualdade social e o desemprego. Compreendendo que vivemos em uma sociedade que há tempos tem pacificado esses conceitos como gatilho para iniciação ao crime, observar que existem programas de envergadura jornalística transformando esses acontecimentos de violência social em casos epidêmicos ou surtos generalizados propagando um conceito de sociedade depauperada, no qual os atos de violência só podem ser contidos por mais violência, causando em nós a impressão de um desejo por estabelecer um novo estatuto de controle social muito semelhante ao antigo estatuto mesopotâmico conhecido como Código de Hamurabi.

Durante o período de nossa pesquisa observamos que os profissionais inseridos no processo informacional do século XXI no telejornalismo policial da Paraíba, que estão inseridos durante muito tempo numa cultura midiática que lhes confere visibilidade e grande apelo popular, pontualmente se colocam a frente das câmeras exigindo medidas jurídicas e/ou sociais que não se apresentam eficazes para superar os conflitos de seu tempo, porém é importante salientar que esse tipo de medida é colocada em pauta no espaço midiático do telejornalismo televisivo paraibano quando os indivíduos a serem penalizados são negros.

Tendo feita essa observação não é crível que tal colocação de punição quase que exclusivista tenha uma diretriz unicamente midiática. É importante observamos que no Brasil as questões judiciais e sociais entre as quais podemos citar: a criminalização, suspeição e condenação, são mais duras quando colocadas sobre a população negra do país. Ratificando nossa proposta discursiva encontramos em Ramos e Paiva (2007):

Ambiguidade, conflitos e sentimentos controversos marcam as relações entre a mídia e o setor da segurança pública. A imprensa tem nos problemas de violência e criminalidade um dos maiores interesses de seus leitores, ouvintes e telespectadores. Para as organizações de segurança, a mídia é um dos palcos em qual atuam alguns de seus mais importantes agentes, e por meio do qual se comunicam com o público e adquirem notoriedade. A matéria-prima desse relacionamento é um bem público de interesses crucial para os cidadãos, que aspiram as condições de segurança como um dos componentes de qualidade mais centrais de sua vida. (RAMOS e PAIVA, 2007, p. 41).

Vemos por aí um posicionamento que corrobora com o que foi postulado até agora em nossa pesquisa. Ações correspondentes entre o poder midiático e principalmente o poder público que acabam por colocar o problema da segurança pública como um palco, capaz de fazer determinados indivíduos capitarem notoriedade e recursos para se lançarem a cargos políticos.

Com isso podemos levantar a hipótese de que esse procedimento de é também um política de estado, focada no afastamento social, aprisionamento e eliminação do grupo étnico dos negros de todas as camadas sociais, Wacquant (2007) traça um debate que abarca esse pensamento, quando escreve sobre uma onda punitiva surgida nos estados unidos que desencadeou uma política de tolerância mínima, contra a acamada mais pobre da população daquele país.

No Brasil esse espectro político já vem sendo fomentado a longos anos, ao passo que negros e pardos são a maioria entre os desempregados do país, como pesquisa do IBGE, publicada no *site* da Rede Brasil Atual²⁹, que nos dá ciência de que a soma desses dois grupos de desempregados corresponde a 64,2% do total de 13, 7 milhões de pessoas que estão enfrentando a situação de desemprego no país.

Ramos e Musumeci (2005) nos trazem uma discussão em que nos são apresentadas diversas situações em que a cor da pele se mostra determinante para que cidadãos negros sejam tratados como criminosos ou suspeitos sem terem praticado ou demonstrado condutas que justificassem essa suspeição.

No decorrer da nossa pesquisa observamos que esse tipo posicionamento se manifesta também nos discursos do telejornalismo policial da Paraíba, acarretando em suspeição, condenação antecipada e discriminação contra pessoas tendo como pressuposto para isso a cor de sua cútis.

Fanon (2008) debate sobre as questões de desumanização do grupo étnico dos negros, colocando essa como propriedade (ser humano) como fator exclusivo daqueles que são brancos, exemplos sensíveis que são refletidos em discursos odiosos e estereotipados, como observado em nossas análises, despertado nos indivíduos negros um desejo de ser

²⁹ Disponível em:< <https://www.redebrasilatual.com.br/economia/2018/05/aumenta-desemprego-entre-a-populacao-negra-e-mulheres/>> acesso em: 27 Dez de 2019.

humanizado, ou seja de embranquecer, dessa forma enclausuram os negros em uma caixa repleta de anomalias afetivas.

Não é de hoje que vemos frações da população brasileira, detentores de poder, prestígio e influência social colocando-se numa empreitada de expurgo social do negro, assim como foi no século XIX com a grande aceitação da teoria eugênica.

Numa análise sobre esse nosso passado eugênico Skidmore (2012) nos traz uma discussão sobre as visões preconceituosas e discriminatórias contra os negros nos períodos pré e pós abolição, traçando debates que nos mostram como as ideias racistas eram transmitidas principalmente através do grande veículo midiático da época, o jornal, responsável por fazer a correspondência dos processos de cristalização do racismo na sociedade brasileira da época.

Observando criticamente os resultados históricos da relação entre o negro e o branco no Brasil Conceição (2005) traça conosco um debate à cerca das formas que o poderio midiático já no século XX se volta contra a população negra brasileira reverberando discriminações e preconceitos contra essa parcela da população nacional.

Esses momentos pontualmente marcados nos mostram como a mídia tem trabalhado durante para cristalizar uma ideologia culpabilizadora na qual o negro no Brasil é o responsável pelos males que nossa sociedade enfrenta desde sempre.

Ainda nos debruçando sobre essa temática da barreira que a população negra enfrenta cotidianamente, vemos em Valente (1994) que nos diz:

A questão do preconceito que envolve negros e brancos não é só um problema de “raça” ou “cor”. É também um problema de classe. O negro vive então obrigado a ter uma consciência dupla: uma diante do branco e de si mesmo como membro de outra “raça” ou grupo étnico, que implica uma diferenciação social específica: e outra como membro de uma classe social ante a membros de outras classes. (VALENTE, 1994, p. 15).

Com isso podemos rememorar que as questões enfrentadas pelo negro na sociedade midiática brasileira, também corresponde a agenda do capital, pelo demonstrado até aqui podemos observar que as colocações feitas contra os indivíduos de melanina mais acentuada apresentados nos programas detém um tom marcadamente contundente, expressando repúdio.

Essas são reflexões formuladas a partir de um processo de observação dos programas telejornalísticos da Paraíba e de interpretações textuais. Acreditamos que a contribuição desse trabalho percorre não só os procedimentos de combate à discriminação

racial no Brasil, mas também as formas estabelecidas de se produzir conteúdos jornalísticos que dialoguem sobre a temática da violência, assim como abre precedentes para reflexão do público sobre a atual situação do nosso país no quesito segurança pública.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Larissa Angélica de Santana Madruga. **A violação dos Direitos Humanos pelo telejornalismo policial da Paraíba.** Disponível em: <
<file:///C:/Users/PagodeFutebolBatuca/Downloads/A%20VIOLA%C3%87%C3%83O%20DOS%20DIREITOS%20HUMANOS%20PELO%20TELEJORNALISMO%20POLICIAL%20DA%20PARA%C3%84%20-%20Larissa%20Madruga.pdf>> Acesso em: Abr. 2019.

AIRES. Janaine S. Freires, Artigo: **A Caravana da verdade:** análise da interação entre jornalismo policial, prestação de serviços e entretenimento no programa correio da verdade. In anais do: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, Set de 2011. Disponível em: <
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0607-1.pdf>>. Acesso em: Jul 2018.

AMARAL. Assunção J. P. **Mercado de trabalho branco! Racismo? Na virada do século XX!?** Disponível em: <
<http://www.naea.ufpa.br/naea/novosite/index.php?action=Publicacao.arquivo&id=454>>. Acesso em: Abr. 2019.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica.** Tradução Rosalice Botelho, Walkim Souza Pinto... [et al.] - São Paulo: Contexto 2017. 224p.

AZÊVEDO, Sandra Raquew dos Santos. **Mulheres em pauta:** gênero e violência na agenda midiática. – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. 284 p.

BARATA. João Medeiros, Artigo: **Discursos de violência e não-violência na mídia policial televisiva.** In: Revista Aurora 2010. p 52-67. Disponível em: <
http://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7_v_janeiro_2010/artigos/download/ed7/6_artigo.pdf>. Acesso em: Jul 2018.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral.** Vol. I. 5. Ed. Campinas: Pontes e editora da UNICAMP, 2005.

BOURDIEAU, Pierre. **Sobre a televisão.** Tradução; Maria Lúcia Machado. – Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1997.

BORDWELL, D. **Figuras traçadas na luz.** Campinas, SP: Papirus, 2008.

BUTLER, J. G. **Television style.** Nova York: Library of Congress, 2010.

BRAIT, Beth. In. **Comunicação e análise do discurso** / vários autores, organizadora Roseli Fígaro. – São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Bakhtin:** Conceitos-chave. (org.). – São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL, República Federativa do. **Constituição Federal de 1988.** Disponível em <
https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: Mai. 2019.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução a análise do discurso.** 2º. ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CURADO, Olga.: **A notícia na TV, O dia – a – dia de quem faz telejornalismo.** São Paulo: Alegro 2002.

CONCEIÇÃO, Fernando. **Como fazer amor com um negro sem se cansar.** – São Paulo: Terceira margem, 2005. 189 p.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. – São Carlos: EdUSCar, 2009. 250 p.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Discurso das mídias. Tradução Ângela M.S. Correa. 2. ed. 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto 2013. 283 p.

_____. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. Tradução Ângela M.S. Correa. – São Paulo: Contexto, 2016. 192 p.

DEMO, Pedro. **Ambivalências da sociedade da informação**. In: Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ci/v29n2/a05v29n2.pdf>>. Acesso em: Mai. 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**, 2007. Disponível em: < <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>>. Acesso em: Mai 2019.

FRANÇA, Livia Valença da Silva. **Marketing X e Consumidor Y**: Os Desafios de Propor Novas Experiências de Marca e Comunicação para um Novo Público Brasileiro. In: anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3884-1.pdf>>. Acesso em: Mai. 2019.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2005.

GALVÃO, Roberto Carlos Simões. **História dos direitos humanos e seu problema fundamental**. in: Âmbito Jurídico, Rio Grande, VIII, n. 23, out 2005. Disponível em: < http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=176>. Acesso em Mai. 2019.

GANDOUR, Ricardo. **Um Novo Ecossistema Informativo**: como a fragmentação digital está moldando a forma pela qual produzimos e consumimos notícias. Knight Center for Journalism in the Americas, 2016. Disponível em: < <https://knightcenter.utexas.edu/books/NewInfoEnvironmentPortugueseLink.pdf>> Acesso em: Dez 2018.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa: Revisão técnica: Fernando Coutinho Cotanda. – 6. ed. – Porto Alegre: Penso, 2012. 847 p.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985.

_____. **Estigma** - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC, 1963.

GOMES, I. M. M. **Das utilidades do conceito de modo de endereçamento para análise do telejornalismo**. In: CASTRO, M. L. D.; DUARTE, E. B. (Org.). Televisão: entre o mercado e a academia. Porto Alegre: Sulina, 2006. v. 1, p.107-123.

GUERRA. Lucia Helena Barbosa, Artigo: **“Entre tapas e beijos”**: a violência de gênero nos programas policiais da televisão pernambucana. In: Revista Fazendo Gênero v. 9. ano 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID_SIMPOSIO=143>. Acesso em: Jul 2018.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**: Uma história. Tradução de Rosaura Eichenberg – São Paulo: Companhia das letras, 2009.

JESUS, Jordane Trindade de. RESENDE, Vitor Lopes. **A Televisão e sua influência como meio: uma breve historiografia**. In: anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia – Ouro Preto - Minas Gerais – 30 de maio a 1 de junho 2013. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/a-televisao-e-sua-influencia-como-meio-uma-breve-historiografia>> Acesso em: Abr. de 2019.

JUST, François. **Compreender a televisão**. Tradução de Elizabeth Bastos Duarte, Maria Lília dias de Castro e Vanessa Curvello. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. **Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil**. In anais do: 7º Encontro Nacional de História da Mídia: mídia alternativa e alternativas midiáticas - Fortaleza – CE – 19 a 21 de agosto de 2009. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Um%20olhar%20historico%20na%20formacao%20e%20sedimentacao%20da%20TV%20no%20Brasil.pdf>> Acesso em: Abr 2019.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LIMA, Verônica Almeida de Oliveira. [ET AL.]. **Experiências Pós-Industriais no Telejornalismo**: Tecnologia, Rotinas e Dinâmicas no Contexto Campinense. In: anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Juazeiro – BA – 5 a 7/7/2018. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0346-1.pdf>>. Acesso em: Mar 2019.

LOÏC, Wacquant. **Punir os pobres**: a nova gestão punitiva da miséria nos Estados Unidos [A onda Punitiva]. Tradução de Sérgio Lamarão. – Rio de Janeiro: Revan, 2003, 3ª edição, revista e ampliada, agosto de 2007. 476 p.

MACHADO, Arlindo. **Fim da televisão?** Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8799> > Acesso em: Jan 2019.

_____. **A televisão levada a sério**. São Paulo. Editora SENAC São Paulo, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese do discurso**. Tradução Sírio Possenti. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 184p.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo, Editora Ática, 1986.

MILLER, Toby. **A televisão acabou, a televisão virou coisa do passado, a televisão já era**. In: FREIRE FILHO, João (org). A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo. Porto Alegre: Sulina-Globo Universidade, 2009.

MONTIPÓ, Criselli. **Jornalismo e democracia**: tensionamentos não democráticos. In: anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0721-1.pdf>>. Acesso em: Abr. 2019.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX, O espírito do tempo I**: Neurose. 9ª ed. Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Cultura de massa no século XX, O espírito do tempo II**: Necrose. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1999.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NEVES, Gabriela Barbosa. **Memória do Telejornalismo de João Pessoa/PB**. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/cj/contents/tcc/memoria-do-telejornalismo-de-joao-pessoa_-gabriela-neves.pdf> Acesso em: Mai 2019

ONU, Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/> >. Acesso em: Mai. 2019.

OLIVEIRA, Dannilo Duarte, Artigo: **Jornalismo policial**: uma análise do sensacionalismo nos telejornais baianos. In anais do: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Recife. Jun de 2012 Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0601-1.pdf>>. Acesso em: Jul 2018.

_____, Artigo: **Linha Direta**: Jornalismo policial e punição. In: Rev. Estud. Comun., Curitiba, v. 8, n. 17, p. 235-246, dez. 2007. Disponível em: < <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/viewFile/14570/13976> >. Acesso em: Jul 2018.

OLIVEIRA, Dijaci David de... [ET AL.] **A cor do medo**: homicídios e relações raciais no Brasil. Brasília: Editora da UnB; Goiânia: Editora da UFG, 1998. 172 p.: 1l. – (Série violência em manchete).

OLIVEIRA, Marconi. **É da natureza do jornalismo viver das aparências do mundo**. In: Revista Ícone – v I, n. 5, pp. 115 – 138. ago 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Benedetti. – São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2012.

RAMOS, Silvia; MUSUMECI, Leonarda. Elemento suspeito: abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005. – (Segurança e cidadania; 2).

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência**: tendência na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro. IUPERJ, 2007. 192 p.

ROCHA, Simone Maria. OLIVEIRA, Livia Fernandes. **Telejornalismo e sociedade**: a construção de uma “cultura das drogas”. In: Verso e Reverso, XXIX (72):144-154, setembro-dezembro 2014. Disponível em: < <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2015.29.72.02>> Acesso em: Mar 2019.

ROCHA, S. M. **O estilo televisivo e sua pertinência para a TV como prática cultural**. In: Revista Famecos Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 1082-1099, set.-dez. 2014. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/16617> >. Acesso em: Jul 2019.

ROCHA, Heitor Costa Lima da. **Habermas e a Teoria do Jornalismo**: A Manipulação Ideológica no Jornalismo como Distorção Sistemática da Comunicação. Estudos em Comunicação, v. 4 p. 41 – 57. Nov 2008. Disponível em: < http://www.ec.ubi.pt/ec/04/pdf/04-Heitor_Rocha-Habermas_e_a_Teoria_do_Jornalismo.pdf> Acesso em: Mar 2019.

____. **A importância da epistemologia na Teoria do Jornalismo:** a teoria pragmática do conhecimento e a qualidade da notícia. *In:* Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 8 Nº 1 – Janeiro a Junho de 2011. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v8n1p276>>. Acesso em: Mar 2019.

____. **Jornalismo, Poder e Mudança Social.** *In:* anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1052-1.pdf>>. Acesso em: Mar 2019.

ROMÃO, Davi Mamblona Marques. **Jornalismo policial:** Indústria cultural e violência. Disponível em: < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-30072013-113910/publico/romao_corrigida.pdf> Acesso em: Abr. 2019.

SALES. Thaynne, Artigo: **A identidade discursiva de moradores de favela e traficantes no documentário e no telejornal.** *In* anais do: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Recife. Jun de 2012. Disponível em: < http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/lista_area_IJ01.htm>. Acesso em: Jul 2018.

SILVEIRA, Guaracy Carlos da; COSTA, Fernando Augusto Carvalho Dineli da. **O Marketing de Relacionamento e Construção de Significado de Marca. Complexificação conceitual e novos comportamentos de consumo.** *In:* anais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Belo Horizonte - MG – 7 a 9/6/2018. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-1678-1.pdf> >. Acesso em: Mai. 2019

SOUZA. Anamaíra Pereira Spaggiari, Artigo: **Jornalismo policial sensacionalista:** Entre a audiência e a função social. *In* anais do: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, set de 2009 Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1123-1.pdf> >. Acesso em: Jul 2018.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no Branco:** raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras. 1 ed. 2012.

TEMER, Ana Carolina da Rocha Pessoa. **A importância histórica da televisão e do telejornalismo na padronização cultural no interior do Brasil.** *In:* Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 8-23, nov 2012. Disponível em: < <http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/1.pdf>> Acesso em: Mar 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2. ed. 2005. 224 p.

____. **Teorias do jornalismo Vol. II:** A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2. ed. 2005. 216 p.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil hoje.** São Paulo: Moderna, 14 ed. 1994. 88 p.

VIZEU, Alfredo. **Jornalismo e representações sociais:** algumas considerações. *In:* Compós – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em comunicação. Ed 1 dez 2004. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3373>>. Acesso em Jan 2019.

____. **As cidades do telejornalismo:** algumas considerações. *In:* Compós - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em comunicação. Brasília, v. 10, p. 1-16, 2007. Disponível em: < <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/201>> acesso em: Mar 2019.

____. **Beltrão, os estudos e as teorias do Jornalismo.** *In:* anais do Intercom – Revista Brasileira de

Ciências da Comunicação São Paulo, v.30, n.1, p. 13-34, jan./jun. 2007. Disponível em: < <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/278>> Acesso em: Jan 2019.

____. **Decidindo o que é notícia:** Os bastidores do telejornalismo. 1.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VIZEU, Alfredo. ALVEZ, Kellyanne Carvalho. **Telejornalismo “participativo”:** pressão das audiências ou a fragilidade das instituições. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.20, n.2, maio/ago. 2017. Disponível em: < <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1326> >. Acesso em: Jan 2019.

____. **Os espaços de colaboração da audiência ativa no telejornalismo.** In: Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 39, p. 42-59, maio/ago. 2017. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/64762>>. Acesso em: Mar 2019.

VIZEU, Alfredo. MAZZAROLO, Jô. **Telejornalismo:** onde está o lead? In: Revista FAMECOS. n. 11. Dez 1999. Disponível em < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3051> >. Acesso em Jan 2019.

VIZEU, Alfredo. SILVA, Juliana Ângela da. **Coprodução de notícias na TV:** jornalismo de apuração ou de disseminação? In: Estudos em jornalismo e mídia. v. 10, n. 2. Jul/Dez 2013. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2013v10n2p399> > Acesso em: Jan 2019.

VIZEU, Alfredo. ROCHA, Heitor Costa de Lima. MARQUIM, Gabriel Nogueira Linhares. **A Folkcomunicação e a interpretação jornalística:** a contribuição de Luiz Beltrão para inclusão social. In: Razón y palabra: Primera Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación, n. 77. Ago. 2011. Disponível em: < http://www.razonypalabra.org.mx/N/N77-1/12_Vizeu_M77-1.pdf> Acesso em: Mar 2019.

VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da língua. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo – São Paulo: Editora 34, 2017 (1º Edição). 376 p.

VOLOCHINOV, Valentin. **A construção da enunciação e outros ensaios.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. 273 p.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa.** Tradução de Karina Jannini. – 3º. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público:** uma teoria crítica da televisão, São Paulo: Ática, 2006.